

Aryeh Kaplan

Encontros

entre o CÉU
e a TERRA



Aryeh Kaplan

ENCONTROS ENTRE O CÉU E A TERRA



Do original em língua inglesa *Encounters*
Copyright © 1990 by Aryeh Kaplan

Direitos para a língua portuguesa adquiridos dos herdeiros do autor pela Editora Maayanot, que se reserva a propriedade desta tradução. Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização prévia, por escrito, da Editora.

Tradução:

Esther Eva Horowitz

Revisão de texto:

LRM Assessoria Editorial

Diagramação:

Sidnei Simonelli

Capa

Daniel Faliosa

Atualização ortográfica:

Guacira Simonelli

Produção do e-book:

Schaffer Editorial

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização prévia, por escrito, da Editora.

1ª edição versão digital (formato ePub)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kaplan, Aryeh, 1935-1983.

Encontros entre o céu e a terra / Aryeh Kaplan; [tradução Esther Eva Horovitz]. – 2. ed. – São Paulo: Maayanot, 2012.
recurso digital

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

Título original: *Encounters*.

ISBN 978-85-7903-089-5

1. Alma (Judaísmo) 2. Deus (Judaísmo) 3. Homem (Teologia judaica) 4. Judaísmo I. Título.

Índice para catálogo sistemático:
1. Judaísmo 296

EDITORA MAAYANOT

Presidente

Elie Horn

Editor Responsável

Rab. Y. David Weitman

Editor Adjunto

Rab. Levi Weitman

Produção Editorial

Michoel Regen

Coordenação

Ina Brugnara

Rua Talmud Torá, 119 - CEP 01126-020

Tel.: 3334-2976

Bom Retiro - São Paulo, SP

contato@maayanot.com.br

www.maayanot.com.br

ÍNDICE

Prefácio

Primeira Parte

O HOMEN E D'US

Conheça o seu “Eu” verdadeiro

Preparando-se para a Eternidade

Por que estou vivendo?

Conheça o seu Criador

Oração

Como o homem criou a D'us

Procura-se: D'us, vivo ou morto

Sabendo e relembrando

Segunda Parte

O JUDEU E A SOCIEDADE

Por que existe o judeu?

Três verdades

Não deixe que a culpa seja a sua ruína

Procure se dar um tempo livre

Poeira da terra

O chamado do shofar

Uma cidade sem muros

Vale a pena salvar o judaísmo?

A resistência à guerra na lei judaica

O hiato entre as gerações

O fim da morte

Quando os ossos se levantam novamente

Sobre o autor

PREFÁCIO

A humanidade está no limiar do século XX. Por um lado, com todo avanço científico e tecnológico que esta afirmação pode encerrar. Por outro, seu ritmo de vida acelerou de tal maneira que ela não consegue mais parar para pensar. Não me refiro a uma meditação profunda sobre o universo, o Criador, mas apenas à breve reflexão sobre a própria existência! A verdade é que já nos damos por satisfeitos em resolver os problemas do dia a dia.

O homem, de ser especial, ápice da Criação, com uma missão tão definitiva quanto grandiosa, transformou-se em “telespectador”, “assinante”, “prezado cliente” e, o que é ainda pior, em certos locais, num simples número.

É interessante notar que, ao comprar um computador, um automóvel ou até mesmo um tênis, o homem “moderno”, e me permitam as aspas, faz questão do melhor. Que seja de última geração e, se possível, importado. Porém, quando precisa escolher uma via e tomar uma direção, contenta-se com as soluções fáceis e por vezes demagógicas fartamente disponíveis na mídia. Parece que sua preocupação maior é não exceder o padrão moral da maioria. A humanidade decide para onde caminha no carro, indo para o trabalho ou no breve horário de almoço.

Portanto, não é exagero afirmar que neste “Encontros”, Aryeh Kaplan nos responde antes mesmo de perguntarmos. E, convenhamos, as explicações não são poucas. Afinal, qual é o sentido da vida? O que significa ser judeu? Rezar é preciso? Eternidade, culpa, morte, ressurreição, pacifismo, aborto, suicídio, **quem somos nós?**

Que a presente obra incentive os da Terra na busca pelos segredos do Céu, aproximando ainda mais o grande destino reservado a todos nós: a revelação do justo Messias, em breve, em nossos dias.

Purim, 5755

16 de março, 1995

David Weitman

Primeira Parte
O HOMEM E D'US



CONHEÇA O SEU “EU” VERDADEIRO



Salomão, o mais sábio de todos os homens, perguntou: “Quem conhece o espírito do homem, se ele se eleva, e o espírito do animal, se ele vai para debaixo da terra?” (Eclesiastes 3:21). O que é este espírito do homem? Ele é algo diferente da pessoa? Se assim for, o que é uma pessoa? Podemos começar a examinar o destino desse espírito antes de sabermos o que é um homem? Podemos considerar o nosso futuro sem definir o que somos agora? Antes de pensar sobre o seu espírito, eu preciso pedir-lhe que você pense sobre você mesmo. O que é você, realmente? Quem é o seu “eu” verdadeiro?

Antes de examinarmos essas questões profundas e abstratas, vamos dar uma olhada nos aspectos concretos e evidentes de uma pessoa. Por exemplo, olhe para a sua mão. Observe-a. Pense sobre ela. O que é que você está vendo? É uma parte do seu corpo, um membro, um apêndice, feito de ossos e tendões, e coberta de carne e pele. Está cheia de nervos e vasos sanguíneos. Há dutos linfáticos correndo através dela, conectando-a ao seu corpo, fazendo-a parte de você.

Olhe para a sua mão. Ela abre e fecha; obedece a todas as ordens que a sua mente lhe envia. É sua – faz parte de você.

Mas o que é você? O que acontece quando você ordena à sua mão que fique aberta ou fechada? De que modo a sua mente quer que a sua mão se abra? Quem está dizendo à sua mão que ela deve fechar-se?

Agora, vamos considerar a pessoa completa. Aponte para você mesmo. Se você for como a maioria das pessoas, você apontará o dedo para o seu peito, para o seu coração, para o seu corpo. Mas, o seu corpo é você, realmente? Não muito tempo atrás, uma pessoa podia considerar o seu corpo como parte integrante de si mesma. Você era o seu corpo e o seu corpo era você. Agora já não mais é assim. O progresso científico mudou todo o conceito da identidade humana.

Esta nova era nasceu no final da década de 60, quando um mundo esperançoso e espantado testemunhou a luta dramática de um homem pela vida. O Dr. Philip Blaiberg viveu durante um ano e meio com o coração de outra pessoa batendo dentro do peito. Se eu tivesse pedido ao Dr. Blaiberg que apontasse para si mesmo, ele teria apontado para o seu peito? Esse coração, transplantado de outro ser humano, era realmente parte dele?

Em certa ocasião, o Dr. Blaiberg descreveu as suas emoções ao ver o seu próprio coração, isto é, o seu coração original, suspenso num vaso com formaldeído. Como se sente um homem segurando o seu próprio coração nas mãos? Qual era o coração do Dr. Blaiberg, realmente? Agora, pergunte-se, o coração que bate dentro de você, o que você tinha apontado com o dedo, é o seu “eu” real? Ou você é algo completamente diferente?

Em 1969, a ideia de transplantar um coração humano, vivo e pulsante, em outra pessoa, parecia um milagre. Hoje em dia, já é quase lugar-comum. Na atualidade, os avanços da ciência são mais radicais ainda. Os pesquisadores preveem coisas que nos forçarão a mudar completamente nossa maneira de pensar.

Uma das coisas que os pesquisadores estão prevendo, talvez para dentro da próxima década ou a seguinte, é um transplante de cérebro. Um cérebro vivo poderia ser extraído de um corpo humano e colocado em outro. Um feito dessa magnitude nos forçaria a enfrentar esta pergunta: afinal, o que é a personalidade humana?

Imagine-se tendo uma doença incurável no corpo, mas com o cérebro saudável. Os médicos acham um doador para você – uma pessoa que sofreu um dano cerebral irreparável, cujo cérebro parou de funcionar, mas cujo corpo está ainda saudável. Você recebe anestesia. O seu cérebro é removido do seu corpo atual – um corpo doente demais para continuar vivendo – e colocado neste novo corpo, com boa saúde. Agora, imagine que você esteja acordando. Você ainda tem o seu cérebro antigo, com todas as suas lembranças. Toda a sua personalidade permaneceu intacta, com todos os seus padrões de comportamento; seus padrões originais de pensamento ainda estão funcionando. Só que, agora, você tem um corpo novinho em folha; novas mãos, novos pés, novos olhos, novas orelhas e um coração novo. O seu corpo original estava velho e enfermo, desintegrando-se, mas agora você tem um corpo novo, jovem, saudável e cheio de energia.

Neste ponto, se eu lhe pedisse que apontasse para você mesmo, você apontaria para o seu coração, o seu corpo? Lembre-se, você conserva o seu cérebro de sempre, os seus pensamentos da vida inteira, as suas lembranças mais antigas, só que dentro de um corpo novo. Quem é o você real? É aquele corpo velho, deitado sem vida sobre uma mesa? Ou seria este novo, este corpo que agora você pode controlar com os seus pensamentos? Este é o *seu* corpo, ou não? Talvez o verdadeiro “eu” de você esteja no seu cérebro. À medida que o nosso conhecimento vai progredindo, as perguntas tornam-se cada

vez mais complexas, e precisamos procurar respostas cada vez mais longe.

Vivemos na era da informática. Os avanços tecnológicos são excessivamente rápidos para serem seguidos pelos leigos. Cada geração de computadores é mais sofisticada que a anterior – os supercomputadores superam os seus antecessores em milhares de vezes. Cada geração é mais complexa, rápida e literalmente mais inteligente. A maior parte da tecnologia avançada dos computadores é desenvolvida mediante a ciência da informática. Esta ciência traça comparações entre os computadores avançados e o cérebro humano. Sob muitos aspectos, os computadores extremamente complexos comportam-se de modo muito similar ao cérebro humano e, em grande medida, o cérebro humano comporta-se como um computador extremamente complexo. Através da informática, os engenheiros utilizam o nosso conhecimento do cérebro humano para projetar computadores mais aperfeiçoados, e os psicólogos têm à sua disposição nosso conhecimento de informática para conseguir percepções mais acertadas dos mecanismos de funcionamento do cérebro humano.

Na tecnologia dos computadores é possível programar uma transferência de memória, ou seja, toda a informação contida num computador pode ser transferida para outro. Isto se produz eletronicamente; tudo o que passa de um computador para o outro é informação, dados transportados por impulsos elétricos. Os peritos em informática fizeram especulações sobre se seria possível fazer o mesmo com o cérebro humano. Este conceito é um dos temas favoritos dos escritores de ficção científica. No entanto, muitos cientistas sérios acreditam que seria possível. E, mesmo que não seja possível na prática, é possível na teoria.

Vamos tentar prever uma transferência de memória humana. Uma pessoa tem uma doença incurável; nem o seu corpo, nem o seu cérebro podem ser salvos. Criamos um novo corpo humano, incluindo o cérebro; um clone genético do original, em algum tipo de solução química nutriente. Hoje em dia, isto não é possível, mas os avanços da bioengenharia sugerem que se torne possível, daqui a dez ou vinte anos. Então, um novo corpo é criado – um corpo novo, com um cérebro em branco. O novo cérebro é capaz de funcionar, mas faltam-lhe lembranças e configurações de pensamentos. Jamais foi usado antes. Agora, damos o passo final: executamos uma transferência de memória, da pessoa doente para o novo cérebro alojado no corpo novo.

Agora, temos de lidar com um conceito fascinante. Se todas as lembranças de uma pessoa, padrões de pensamento e traços de personalidade pudessem ser transferidos para um novo corpo e cérebro, essa pessoa passaria – literalmente – a existir no novo corpo, no novo cérebro, apesar de que nada físico tivesse sido mudado, mesmo que nenhuma das suas partes físicas tivesse sido transplantada para o novo corpo. Tudo o que foi transferido, tudo o que foi colocado no corpo novo é uma determinada quantidade de dados, informações que até agora existiam no cérebro antigo. Esta “informação” contém a soma total da personalidade desta pessoa.

Tudo isto é possível, pelo menos na teoria. Agora, pergunte-se de novo, quem é o verdadeiro você nesta situação? Não pode ser o seu corpo, nem sequer o seu cérebro. Somente pode ser a “informação” contida no seu cérebro: as suas lembranças, a sua personalidade e os seus padrões de pensamento.

O que acontece, então, quando não se realiza nenhum transplante de cérebro nem transferência de memória, e o corpo original de uma pessoa se deteriora e morre? O que acontece com

toda essa “informação”? Depois que o cérebro fica inerte e o corpo apodrece, o que acontece com o “banco de dados” que, na nossa análise mais profunda, parece ser a pessoa real? Quando um livro é queimado, o seu conteúdo é destruído. Quando um computador é destruído, ou até mesmo desligado, a sua informação é apagada para sempre. Quando uma pessoa morre, acontece a mesma coisa? A mente – a personalidade, os padrões de pensamento e as lembranças – são irrecuperáveis?

Sabemos que D’us é onisciente. Ele sabe tudo e se lembra de tudo – cada pensamento, cada lembrança, cada traço de personalidade de cada ser humano. Ele está consciente de todas as coisas que existem dentro das nossas mentes. Então, quando uma pessoa morre, D’us se esquece de tudo? Não, com certeza que não! Mesmo após a morte de uma pessoa, toda essa “informação” permanece e continua existindo na memória de D’us.

Podemos imaginar algo que exista “na memória” somente como sendo estático – pedaços fixos de dados, fatos sem vida. Mas os pensamentos e a memória de D’us não são estáticos. De fato, a soma total de uma personalidade humana pode existir na memória de D’us, mas isto não é o mesmo que existir na memória humana. Na memória de D’us, a personalidade humana ainda pode manter a sua identidade. Ela ainda pode manter a sua vontade e ela pode ficar ativa. É isto que denominamos de alma humana. É isto que perdura, mesmo após a morte de uma pessoa.

Para nós, é muito difícil imaginar uma personalidade ativa, uma entidade viva, existindo dentro da memória de D’us. A totalidade do conceito da mente de D’us é muito difícil de compreender. De modo que lhe damos nomes que possamos entender. Dizemos que uma alma está no Céu, ou no Paraíso. Descrevemos a alma como se

estivesse morando no Mundo Vindouro, no Mundo das Almas. Dizemos que ela permanece no “laço da vida eterna”.

Os cabalistas descrevem a alma como uma *Chelek Eloká Mimaal* – uma porção de D’us Ele Mesmo, do céu. E as Escrituras são bastante explícitas sobre o destino dessa alma: “O pó volta para a terra como era, mas o espírito volta a D’us, que o deu” (Eclesiastes 12:7). O significado é bastante literal. O corpo, inclusive o cérebro físico que, pelo menos na teoria, pode ser descartado ou trocado, volta ao pó da terra, mas a personalidade, a alma, permanece viva na memória de D’us, no pensamento eterno de D’us. Esta alma, que conservará a sua identidade para sempre, é a pessoa essencial. Este é o verdadeiro você.

PREPARANDO-SE PARA A ETERNIDADE



D'us redimirá a minha alma do poder do túmulo,

Pois Ele me receberá, de fato.

(Salmos 49:16)

Um psicólogo famoso notou certa vez que as crianças imaginam que viverão para sempre. Depois, um dia, a criança descobre algo horrível. Alguém que ela conhece, um vizinho ou parente, falece, e a criança tem um choque ao perceber a realidade: a vida acaba. Aos poucos, a criança vai percebendo que o que acontece aos outros acontecerá a ela também; um dia, ela também morrerá. E quando a sua fantasia de imortalidade esfuma-se, um pouco da inocência infantil some, para sempre.

Pouco tempo depois, o terrível choque dá origem às perguntas, ao espanto. Como é morrer? Como é a morte, na verdade? O que vai acontecer comigo?

A criança cresce e amadurece e aprende a sufocar as suas perguntas. Elas não parecem ser tão urgentes, pois ela percebe que o tempo passa muito devagar. Já não a incomodam tanto, pelo menos por enquanto. Mas esse espanto infantil, nascido do choque temível,

o primeiro conhecimento da morte, permanece enterrado dentro dela. Com efeito, ele está profundamente arraigado dentro de cada um de nós. E nos preocupamos, como será atravessar os portões da morte? E o que é ainda mais importante, o que vamos sentir quando chegar a nossa vez?

Há pessoas que negam que o judaísmo tenha respostas para essas perguntas. Dizem elas que o judaísmo nos ensina a viver uma boa vida neste mundo e a não nos preocuparmos com o seguinte. Isto é verdade – e não é verdade. Apesar de o judaísmo dirigir as nossas energias para a vida que conhecemos, ele não reprime nossas preocupações; ele nos deixa livres delas. É verdade: a vida é importante, e a vida do homem neste mundo é sagrada. Mas o destino do ser humano não acaba com esta vida. Os grandes clássicos do judaísmo – o Talmude, o *Midrash*, as obras filosóficas e os principais códigos – todos eles consideram a questão final da morte e da imortalidade. As suas conclusões são fundamentais para os ensinamentos do judaísmo, permeando a totalidade da estrutura da teologia judaica.

D'us redimirá minha alma do poder do túmulo,
Pois Ele me receberá, de fato.

O que é este poder do túmulo? E o que quer dizer o salmista, com ser recebido por D'us? Não obstante a nossa exibição de sofisticação mundana, carregamos essas perguntas conosco sempre. Mas, se quisermos ser fiéis ao ideal judaico, se realmente acreditarmos na santidade da vida, primeiro teremos de formular outra pergunta: Como é viver? Antes de tentar desvendar o fenômeno da morte, precisamos dar uma boa olhada no fenômeno da vida.

A vida começa na concepção. Dois germes microscópicos unem-se e tornam-se um só; um novo ser humano começa. A sua existência desenrola-se como um átomo de vida, um átomo vivo contendo todas

as qualidades e capacidades do homem adulto: o seu sexo e altura, a cor dos seus olhos e cabelos, o seu talento e intelecto. Até mesmo o seu carácter será moldado por tendências naturais, e o mapa do seu futuro, em grande medida, já está traçado.

Mas, por um momento, este primeiro estágio da vida é puramente físico. Na escuridão do útero, este primeiro vestígio de vida está totalmente dedicado à ocupação de crescer, preparar-se para a vida futura. Há olhos, mas eles não veem. Há ouvidos, mas eles não ouvem. Os nervos não sentem; o cérebro não pensa. O feto tem muitos membros e órgãos que não lhe são de utilidade agora. Atributos e qualidades repousam adormecidos no diminuto ser, nunca expressados, nunca revelados. Todavia, eles existem, e apontam para o novo tipo de vida a ser seguido.

Finalmente, chega o tempo em que a criança precisa deixar o refúgio do útero. Ela precisa passar por uma transição, que será exatamente tão traumática como a própria morte. A criança morre para esse primeiro estágio de vida, para nascer para um segundo estágio. Podemos pensar que isto seja um sofrimento terrível, mas uma natureza amável, uma Providência benevolente arranjou tudo da melhor maneira possível: a criança não sente nenhuma dor!

Recém-nascida, a criança abre os olhos e começa a perceber que entrou numa segunda forma de vida, um novo tipo de vida fora do útero. De repente, a luz atrai a sua atenção. Os seus olhos a seguem, piscando. Fica fascinada. Os barulhos a assustam; ela cheira o ar. Está maravilhada com as sensações; começa a sentir tudo. Entrou no mundo da experiência.

Pouco tempo depois, a criança pode se mexer. Começa a descobrir o mundo da sua segunda vida. Pode desfrutá-lo, compreendê-lo. Este segundo estágio de vida ainda é muito parecido com o primeiro. Ainda é físico, mas oferece à criança uma nova

oportunidade: ela pode pensar! E, lentamente, a criança percebe que existe.

Durante muitos anos a criança desenvolverá a sua mente, refletindo, planejando, aprendendo e raciocinando. Cada pedacinho de conhecimento será utilizado para construir mais conhecimento. Ela faz considerações e chega a conclusões. Adquire conhecimento.

E depois? A experiência acaba repentinamente, como uma luz que se apaga. O que acontece com o homem? Ele apenas morre? Ele apenas para de existir?

Há um paralelo surpreendente entre o primeiro e o segundo estágios da vida, entre o mundo do útero e o mundo da experiência. No primeiro estágio, na escuridão do útero, a criança desenvolve capacidades e qualidades que não lhe são de utilidade neste mundo silencioso, escuro como tinta. Exatamente o mesmo acontece durante a segunda fase da vida, a sua vida. Ela também desenvolve capacidades supérfluas para a sua existência atual. Enquanto o homem viver, ele não terá necessidades maiores que as de outros animais. Contudo, o homem procura, tenta, questiona e sonha além do seu alcance. A sua natureza inclina-o para o bem deste mundo, para procurar uma vida moral e ética, para tentar servir a D'us. De que valem essas qualidades, essas virtudes potenciais? Elas são simplesmente para serem levadas ao túmulo?

O judaísmo diz “Não!”. Esta vida não é o fim. Ainda não experimentamos o nosso nascimento final. Ainda vivemos num útero, tão escuro e silencioso como aquele que rodeia a criança que ainda não nasceu. Ainda vivemos num útero, mas este tem outro nome; nós o chamamos de corpo.

No útero, uma simples célula desenvolve-se até se transformar num ser humano. No útero que é o corpo, uma pessoa também cresce e se desenvolve. Mas este processo dura mais tempo – não os curtos

nove meses necessários para o feto, mas sete, oito, ou nove décadas: uma vida! O crescimento físico termina numa fração desse período, mas é necessária a duração de uma vida humana inteira para o desenvolvimento essencial da pessoa: durante 70, 80 ou 90 anos, desenvolvemos o nosso espírito.

Toda boa ação, toda palavra amável, toda oração murmurada, toda percepção sentida com o coração alimenta este crescimento e se acrescenta a este desenvolvimento. Finalmente, quando ficamos velhos e cinzentos, o período de desenvolvimento termina, e começa o tempo em que deveremos deixar este útero, que chamamos corpo. Mas agora, por fim, estamos preparados para um novo nascimento, uma nova existência. Finalmente, estamos prontos para apresentar-nos perante D'us.

Agora, tente imaginar uma criança ainda não nascida, que pudesse pensar. Imagine que a criança soubesse que precisaria deixar o útero, abandonando a sua vida morna e segura para sempre, para nunca voltar. O útero foi parte integrante do seu ser, como os nossos corpos são para nós. Ela não pode conceber a vida sem ele e assim, renunciar ao útero lhe parece ser renunciar à própria vida. Imagine essa criança ainda não nascida, pensando em deixar o útero, preocupando-se com ele. Para este feto não nascido, a ideia de deixar o útero é tão assustadora e aterrorizante como a própria morte.

Mas nós somos mais sábios. Sabemos que esta criança que ainda não nasceu, na realidade, não está morrendo. Sabemos que, por fim, ela está cumprindo a promessa da sua primeira vida; que está nascendo para uma vida mais significativa, uma vida de brilho e luz, num mundo de experiência.

O mesmo vale para a pessoa que sai do útero que é o seu corpo quando ela morre para este estágio atual da vida. Ela nasce de novo para uma terceira forma de vida, uma vida que – pela sua importância

– empalidece a anterior. Por que deveríamos temer a morte? Por que haveríamos de duvidar que um D’us amoroso, arquiteto do que chamamos natureza, fará este segundo nascimento tão fácil e indolor quanto o primeiro?

Uma vez ouvi uma história sobre um menino, filho único, que foi atingido por uma doença incurável. Mês após mês a sua mãe cuidava dele, lia contos para ele, brincava com ele. Ela tentava impedir que ele percebesse que os seus dias estavam contados. Mas, no decorrer das semanas, o pequeno piorava cada vez mais. Olhava para fora pela janela do seu quarto e via as outras crianças, correndo e brincando. Percebia que nunca mais seria como elas. Começou a entender o que a sua mãe tanto tinha tentado lhe ocultar. Ele sabia que ia morrer.

Um dia, sua mãe estava lendo para ele um trecho do Rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda. Ela lia sobre as gloriosas guerras do rei, sobre os muitos cavaleiros corajosos que morreram em nobres batalhas. Então, olhou nos olhos do seu pequeno garoto e viu uma pergunta no rosto dele. Silenciosamente, fechou o livro. O pequeno olhou para a sua mãe, e fez a pergunta tão temida por ela, a pergunta que queimava no seu coração infantil: “Mamãe, como é morrer? Vai doer?”.

A mãe desviou o olhar, com os olhos cegos de lágrimas. Não pôde responder. Não podia nem sequer pensar. Correu para a cozinha, como se o jantar estivesse queimando. Sabia que essa pergunta era fundamental, que a sua resposta teria de dar conforto ao seu único filho durante as suas últimas semanas de vida, e também além da morte.

A mãe apoiou-se contra o armário da cozinha, com os nós das mãos pressionados contra a madeira. Numa oração sem palavras ela pediu a D’us a força necessária para dizer a verdade ao seu filho moribundo, e a sabedoria para saber o que dizer.

De repente, pareceu-lhe saber exatamente o que responder ao seu pequeno menino. Voltou para ele, e acariciou os seus cabelos.

“Michael”, disse, “lembra-se quando você era muito pequeno e brincava sem parar, o dia inteiro? Quando chegava a noite, você ficava tão cansado, que nem conseguia tirar as roupas. Você ia até a cama da mamãe e adormecia.”

“Mas essa não era a sua cama – não lhe pertencia – e você ficava nela só um pouquinho. Na manhã seguinte, com muita surpresa, você acordava e percebia que estava na sua própria cama, no seu próprio quarto.”

“Alguém – alguém que te amava – tinha cuidado de você, e por isso você estava ali. O seu pai tinha vindo, com os seus fortes braços, e tinha levado você para lá.” A mãe fez uma pausa. “Michael, a morte é assim. Um dia acordamos e estamos em outro quarto, nosso próprio quarto, ao qual pertencemos. Nosso Pai celeste nos leva para lá, porque Ele nos ama.”

O pequeno sorriu para a mãe, com um brilho nos olhos. Já não haveria mais medo, nem preocupação, somente amor e confiança em seu pequeno coração, enquanto aguardava o encontro com o seu Pai no céu. Não perguntou nunca mais. E algumas semanas depois, o pequeno dormiu, exatamente como sua mãe tinha dito.

A mãe desta história procurou uma parábola que o seu pequeno filho pudesse compreender. Mas a sua resposta simples reflete a compreensão mais profunda dos pensadores mais sábios do judaísmo. No Talmude, Rabi Yaacov expressa este princípio fundamental:

Este mundo é como uma antecâmara, que antecede o Mundo Vindouro. Prepara-te na antecâmara, para que possas entrar no salão dos banquetes.

(Avot 4:21)

Então, passamos pela antecâmara, para entrar no saguão de entrada.

Abre-se a cortina e estamos vivos novamente. Quando um bebê nasce, ele sai dos limites do útero, libertando o seu corpo para movimentar-se e sentir. Assim também nesta vida, o terceiro estágio da existência, ficamos liberados da carga do nosso segundo útero, o corpo. Não com a expressão de preocupação ou com os olhos opacos; não com as costas curvadas ou os braços fracos; não com a mente acossada por temores sem fim, nem torturada pelo arrependimento; não com o coração desgarrado pelas lembranças amargas, nem rasgado pelo vidro cortante dos sonhos desfeitos: não é assim que cruzamos o limiar, não é assim que nascemos para esta nova vida.

Levantamo-nos, para nunca mais ficarmos confinados na argila moribunda da carne mortal, mas brilhantes e transparentes, resplandecentes com a piedade de D'us.

Com confiança em D'us não tememos, pois não há nada a temer. E quando uma pessoa já não tem medo de morrer, ela não tem medo de mais nada. Somente então, quando já não temos medo, começamos a viver realmente. Somente então começamos a experimentar verdadeiramente todas as alegrias e todas as dores. Começamos a viver, e somos gratos por cada momento desta vida.

Um homem temente a D'us é, em certa medida, temente à vida. Mas quando a morte perde o seu medo, quando ela vale a pena, então, a vida também vale a pena ser vivida. E quando você tem alguma coisa pela qual vale a pena viver – um ideal, uma meta, uma fé – então, quando a morte chegar, ela chegará como um amigo bem-vindo, enviado para receber-nos na nova vida, no novo nascimento.

Apesar de estar andando no vale da sombra da morte, não temerei nenhum mal, pois Tu estás comigo ...

Que somente a bondade e a piedade me acompanhem, em todos os dias da minha vida.

(Salmos 23:4,6)

POR QUE ESTOU VIVENDO?



*Por que nasci,
Por que estou vivendo;
O que recebo
O que estou dando ... ?*

Essas são perguntas frequentes de moças e rapazes, em sua luta para achar uma filosofia de vida para seguir. Os adultos, ocupados em progredir numa carreira ou criar uma família, geralmente não têm tempo de pensar nessas questões, a menos que sejam atingidos por uma tragédia. Para a maioria das pessoas, a chegada da velhice é quando as questões filosóficas começam a predominar na sua mente.

No entanto, há dois mil e quatrocentos anos viveu um homem que estava constantemente procurando respostas para essas perguntas. Era Sócrates, o grande filósofo grego de Atenas. Na sua juventude, Sócrates percebeu que quase todas as pessoas que o rodeavam viviam da mesma maneira. Iam atrás de fama, riquezas e prazer, mas nunca se perguntavam se essas coisas eram importantes. Sócrates achou que essa atitude era preocupante, pois, a menos que a pergunta fosse formulada e cuidadosamente considerada, as pessoas nunca iriam saber se estavam ou não fazendo a coisa certa. As suas

vidas inteiras poderiam ser desperdiçadas perseguindo metas inúteis, ou perigosas.

Sócrates sentiu que era seu dever tentar liderar os homens no caminho para uma vida mais nobre, mais cheia de significado. O seu propósito era provocar o povo de Atenas, para que todos se questionassem sobre cada uma das suas ações. Conseguiu o que se propunha, questionando amigos e conhecidos, levando-os a discutir, e assim ensinou-lhes a considerar de que se trata a vida. Pelos seus esforços, foi acusado de corromper a juventude de Atenas.

No ano de 399 a.e.c., Sócrates foi levado a julgamento, cujo relato é dado em *A Apologia*, uma obra de Platão, aluno de Sócrates. Sócrates apresentou-se perante um tribunal composto de quinhentos e um cidadãos de Atenas. O tribunal não tinha juiz, nem jurados; o julgamento se fez pelo voto da maioria. Após Sócrates ter oferecido a sua defesa, foi condenado à morte por 281 votos contra 220. A resposta de Sócrates a esta sentença é um dos discursos mais nobres de todos os tempos. Ele disse:

“Não posso ficar calado, pois isso é desobedecer a D’us. O maior bem que um homem pode fazer no seu dia a dia é discutir a virtude e outras coisas da vida. A vida sem investigação não tem sentido. Uma vida sem exame não vale a pena ser vivida.”

A filosofia de Sócrates está ilustrada ironicamente na história a seguir. Um fabricante clandestino de bebidas alcoólicas da Georgia percebeu, de repente, que não tinha mais aguardente. Os seus clientes, furiosos, chegavam e ele ia ficando frenético por estar perdendo muitos bons negócios. Percorreu a sua casa, achou um pouco de anticongelante e alguns outros “ingredientes” duvidosos, misturou-os, obtendo uma bebida qualquer. Como vocês podem imaginar, os resultados foram desastrosos: trinta pessoas morreram.

A polícia prendeu o fabricante e ele foi acusado pelo assassinato de trinta homens. Ao ser entrevistado pelos jornalistas, o seu único comentário foi: “Bem, isso faz qualquer homem pensar”.

De fato, é bem possível que o fabricante nunca tivesse pensado sobre a vida, até cair numa armadilha dela. A maioria de nós nunca se preocupa em pensar sobre o significado da existência, até que somos atingidos por uma tragédia pessoal muito forte. Mas D’us deu ao homem o intelecto, e recusar-se a usá-lo é um sacrilégio contra Ele. Com efeito, a fé por si mesma, sem pensamento ou sabedoria, só pode ser uma fé muito oca. Nas palavras de Rabi Elazar ben Azaria, “Onde não há sabedoria, não pode haver fé. Onde não há fé, não pode haver sabedoria” (*Avot* 3:21).

Quando uma pessoa olha para o universo através dos olhos da fé, ela olha para o mundo com sabedoria, e todas as coisas assumem mais uma dimensão. Assim como um belo cristal simétrico crescendo numa solução química evidencia uma lei da natureza, a existência da vida nos fala sobre uma lei da natureza que faz da existência do homem algo inevitável. Essa lei implica que a matéria foi criada para que a vida, e eventualmente a humanidade, também pudesse ter sido criada, com toda certeza. A própria natureza da matéria nos diz que o universo tem uma finalidade, e que ele é obra de um Criador intencional.

Quando um homem acredita que há um Criador, e que há um propósito para este mundo, os seus esforços para cumprir este propósito fazem da sua vida algo que vale a pena. A existência do homem, uma criatura que tem recursos para procurar o propósito da vida, não é um mero acidente, mas o fenômeno mais significativo de toda a criação. Com isso em mente, o conceito do bem e do mal assume proporções espantosas. Aquilo que está de acordo com o

propósito da criação é bom; o que vai contra ele, é o mal. Nada mais somos do que sócios na realização que D'us faz da Sua criação.

Todavia, o mundo visto através dos olhos do homem sem fé não tem um Criador proposital. Num mundo assim, a humanidade nada mais é do que um acidente, sem consequências maiores que as de uma bactéria ou uma pedra. O homem pode ser visto como uma vil infecção na superfície deste planeta. Se não há propósito nesta existência, então todas as nossas aspirações nada mais são do que mecanizações de moléculas e células do nosso cérebro. Não teríamos outra alternativa a não ser concordarmos com o famoso colunista, o falecido H. L. Mencken, que disse: “O homem é uma mosca doente, que está viajando atordoadamente num volante gigantesco”.

Da mesma forma, num mundo sem propósito, não pode haver bem ou mal, pois ambos os conceitos implicam num objetivo. Sem fé, todos os valores tornam-se completamente sujeitos ao capricho do indivíduo. A moralidade torna-se apenas uma questão de conveniência, que é descartada quando não serve à meta imediata do indivíduo. Se a existência não tem significado, a nossa atitude para com o mundo, os nossos semelhantes e a sociedade em geral, precisa ser um pouquinho mais do que “E daí?”.

Quando um colega sugeriu a Albert Einstein que as leis da natureza poderiam ser uma simples manifestação do acaso, este grande físico replicou: “Não acho que D'us esteja jogando dados com o cosmos”. Para o homem sábio, é aparente demais que há um propósito na natureza. Mas onde não há fé, não há sabedoria. O materialista antiquado que se convenceu que a vida humana não tem uma meta, e que o homem é uma partícula irresponsável de matéria perdida num caos de forças sem sentido, é um homem sem sabedoria.

O brilhante filósofo Alfred North Whitehead descreveu muito bem a estupidez dessas pessoas ao observar: “Cientistas que passam a

vida no propósito de provar que ela não tem propósito constituem um tema interessante de estudo”. Os céus podem declarar a glória de D’us, mas o estúpido vê apenas a escuridão.

Precisamos perceber agora, antes que o inevitável nos domine, que a vida deve ser compreendida e apreciada, e que temos de ter parte ativa no cumprimento do propósito da criação.

CONHEÇA O SEU CRIADOR



*E o Senhor falou a Moisés, dizendo,
“Fala para toda a congregação dos filhos de
Israel, e diz a eles:
‘Precisam ser sagrados, pois Eu o Senhor
vosso D’us, sou sagrado’”.*

(Levítico 19:1-2)

Para entender esta citação da Torá, precisamos focalizar a palavra “sagrado”. O que quer dizer, exatamente? Além disso, o que a Torá tenciona, quando descreve a D’us como “sagrado”?

Geralmente, quando pensamos em algo sagrado, pensamos em algo dedicado a D’us. Portanto, consideraríamos que uma pessoa é sagrada se ela dedica a sua vida a serviço de D’us. De modo similar, chamamos um rolo da Torá de sagrado pois o seu uso é dedicado à veneração de D’us. Contudo, se ser sagrado é estar dedicado a D’us, então descrever a D’us Ele Mesmo como sagrado poderia parecer sem significado, uma redundância sem sentido.

Aprofundando-nos mais na semântica da palavra “sagrado”, temos a revelação de outro significado. Na realidade, “sagrado” significa separado das coisas mundanas, terrenas. Assim, uma pessoa

sagrada não é apenas dedicada a D'us, ela também renuncia a todas as coisas terrenas. Um recipiente sagrado não é somente usado num serviço de culto religioso; ele nunca é utilizado para nenhum fim terreno, em absoluto.

Então, é isto que a Torá quer dizer quando descreve a D'us como sagrado. Ele está completamente separado de todas as coisas terrenas, do mundo físico e material. A sua natureza está além de toda compreensão humana. Nem sequer os anjos mais elevados podem compreender plenamente a verdadeira natureza de D'us. Somente D'us Ele Mesmo pode conhecer verdadeiramente a Si Mesmo.

Maimônides descreve isto no seu *Cânon das Leis das Fundações da Fé*:

Nem sequer os seres espirituais mais elevados podem compreender a verdadeira natureza do seu Criador ... Apesar de o seu conhecimento de D'us transcender o de qualquer mortal – o de toda criatura ligada ao mundo físico – não há nenhum ser, diferente de D'us Ele Mesmo, que possa compreender a Sua natureza.

(Cap. 1, Par. 8)

De fato, essa análise pode parecer desencorajadora. Visto que, por definição, ninguém pode nem sequer ter a esperança de compreender plenamente o que D'us é, muitas pessoas renunciam a tentar compreendê-Lo. Contudo, esta atitude não é meramente negativa; na verdade, ela está muito errada. Apesar de que nunca poderemos compreender a verdadeira essência de D'us, há muitas coisas sobre Ele que sabemos.

O que é D'us? A Quem dirigimos as nossas orações? A Quem servimos? Essas são questões sobre as quais podemos aprender muita coisa.

Nosso primeiro conceito de D'us é que Ele é o Criador do universo. “No princípio criou D'us os céus e a terra” (Gênesis 1:1). O

que significa ser o Criador do universo? E o que é este universo que D'us criou?

A Terra é uma bola suspensa no espaço. O seu diâmetro é de aproximadamente 12.800 km. Se um homem fizesse uma viagem em volta do mundo, ele viajaria uns 38.400 km. Imagine tentar ir a pé de Nova York a Chicago. Depois de uma caminhada tão longa, a pessoa teria percorrido uma porção muito pequena da superfície da Terra – aproximadamente 1/60 da distância ao redor do globo.

Comparada com o homem, a Terra é muito grande. No entanto, por mais vasta que ela possa nos parecer, ela é um pontinho na vastidão maior do espaço. A 144 milhões de quilômetros da Terra está o Sol, uma bola candente de gás, com 1.386.000 km de diâmetro, mais de cem vezes maior que a Terra. O Sol também é um pontinho na grande vastidão do espaço. Há bilhões e bilhões de sóis, pois todas as estrelas do céu, na realidade, são sóis, milhares de vezes maior que a Terra, mesmo nos dando a impressão de serem simples pontos luminosos por estarem tão distantes.

Essas cifras superam a capacidade de nossa mente – simplesmente não podemos entender o conceito de milhões de quilômetros. Um modelo imaginário nos ajudará a compreendê-lo. Tente visualizar um gigante enorme, suspenso no espaço exterior. Entre os seus dedos ele segura uma pequena bola com 2,5 cm de diâmetro – aproximadamente do mesmo tamanho de uma bola de pingue-pongue. Essa é a Terra. Sobre a sua superfície há cidades e pessoas, mas elas somente poderiam ser vistas com a ajuda de um microscópio.

A uns 90 cm desta pequena bola há outra, do tamanho de uma ervilha. Essa seria a Lua. Por outro lado, o Sol não ficaria visível, em lugar algum. Estaria situado a uns 400 m de distância; uma bola

reluzente com 2,7 m de diâmetro, do tamanho aproximado de um pequeno automóvel.

Nove planetas, o sistema solar, giram ao redor do Sol. O planeta mais distante, Plutão, ficaria à distância de 21 km. Até mesmo um gigante que estivesse segurando a Terra entre os seus dedos teria de andar um bom trecho se quisesse visitar todos os planetas do sistema solar.

Mas, o que aconteceria se o gigante quisesse chegar até a estrela fixa mais próxima, Alfa Centauro – qual a distância que ele deveria percorrer? Nem mesmo um gigante poderia fazer a viagem por si só. Ele também seria obrigado a viajar numa nave, pois neste modelo, com a Terra na escala de uma pequena bola com 2,5 cm de diâmetro, a estrela fixa mais próxima ainda ficaria a uma distância de 64.000 km! E muitas estrelas ficariam ainda mais longe, a milhões de quilômetros de distância, mesmo numa escala tão reduzida.

Comparar a Terra com uma bola de pingue-pongue pode nos ajudar a conceber o tamanho do sistema solar; mas, além deste limite, o modelo foge do alcance da nossa compreensão. As distâncias ainda assustam nossa imaginação; precisamos de uma nova unidade de medida para estas grandes distâncias. A mais utilizada pela maioria dos cientistas no exame do espaço interestelar é a velocidade da luz.

A luz viaja à velocidade de 300.000 km por segundo – mais de 960 milhões de km por hora – cem mil vezes mais rápido que o mais veloz dos foguetes da atualidade. A luz viaja ao redor da Terra em 1/7 de segundo, da Terra até a Lua em 1,5 segundo, e da Terra até o Sol em aproximadamente oito minutos. No entanto, mesmo a essa velocidade, a luz demoraria mais de quatro anos para atingir a estrela fixa mais próxima. E para chegar a muitas das estrelas que vemos no céu a luz teria de viajar durante centenas de anos.

Cada uma dessas estrelas distantes é como o Sol, milhares e até milhões de vezes maior que a Terra. As estrelas aglomeram-se em galáxias. Somente em nossa galáxia, os astrônomos calculam que haja mais de cem bilhões de estrelas, cada uma delas milhares de vezes maior que o nosso planeta e muitas delas com o seu próprio sistema solar. Podemos imaginar o tamanho de uma única galáxia? Somente para atravessar a nossa galáxia, a luz, mesmo viajando a mais de 960 milhões de km por hora, demoraria mais de cem mil anos.

Contudo, esta nossa enorme galáxia, com os seus bilhões de estrelas, não é mais do que um ponto no universo. Modernos telescópios podem fotografar centenas de bilhões de galáxias, cada uma contendo centenas de bilhões de estrelas. A mente humana pode começar a conceber sequer o tamanho do universo visível?

No entanto, nosso universo é finito. Os cientistas provaram isso há muitos anos. Por mais finito que ele possa ser, o universo é tão imenso que confunde a imaginação humana. O nosso planeta, o nosso sistema solar, inclusive a nossa galáxia, são como partículas diminutas de poeira na imensa vastidão do universo.

Então, de onde veio este vasto universo? Como foi que esta tremenda quantidade de matéria e energia começou a existir? Pode haver somente uma resposta: ele foi criado por D'us. As estrelas, os planetas, as galáxias, aos bilhões e bilhões – todos foram criados por D'us! Que grande deve ser o poder de D'us!

Poderíamos pensar que a criação de um universo tão enorme tenha dado muito trabalho a D'us, inclusive que Ele tenha ficado cansado. Nada poderia estar mais longe da verdade. O *Midrash* nos diz que D'us criou o universo com a letra hebraica *Hê*, ou seja, D'us criou o universo com um esforço tão pequeno quanto o esforço necessário para pronunciar o som “hê”. O poder de D'us é infinito, de modo que

para Ele toda tarefa finita, não importa o quanto ela seja enorme, é nada.

Muitas pessoas perguntaram: se D'us é tão grande, e se o universo inteiro é a Sua esfera de ação, como Ele pode dar atenção a um diminuto pontinho de poeira cósmica que é o nosso planeta Terra? Como Ele pode dedicar alguma consideração às orações, ou às ações, de qualquer indivíduo isolado? Essas perguntas subestimam a D'us, pois da mesma maneira que Ele tem poder infinito, Ele também possui sabedoria infinita. Imagine: sabedoria infinita, inteligência infinita, mentalidade infinita.

Um ser humano comum tem capacidades mentais limitadas. Geralmente, ele pode concentrar-se somente numa coisa de cada vez. Mesmo assim, muitas vezes a sua concentração pode oscilar e flutuar. Indivíduos dotados de muita inteligência às vezes podem concentrar-se em dois ou três problemas ao mesmo tempo, só que a sua concentração flutua de uma coisa para outra; ela não é absoluta.

Suponhamos que a mentalidade deste planeta inteiro fosse reunida, e que a inteligência dos cinco bilhões de pessoas da Terra fosse colocada numa só mente. É de se supor que essa mente seria capaz de concentrar-se em cinco bilhões de coisas ao mesmo tempo. Não obstante, não deixaria de ser um intelecto finito. Mas o intelecto de D'us é infinito. D'us pode concentrar a Sua atenção infinitamente. Ele pode focalizar simultaneamente todos os átomos do universo. Ele está consciente de cada elétron e cada próton da criação inteira, com menos esforço mental do que aquele que um ser humano utiliza para dar uma olhada no jornal.

Um D'us infinitamente poderoso que observa todos os nossos movimentos, 24 horas por dia – as consequências são assustadoras. A todo momento, D'us está sabendo cada um dos nossos pensamentos, pois Ele vê, não com luz e olhos, como os homens. Ele tem uma

consciência de tudo o que há no universo – uma consciência que é muito mais do que ver – uma consciência que somente o Criador pode ter. É um pensamento assustador, mas é verdade.

Quando consideramos a grandeza de D’us pela primeira vez, ficamos cheios de um tremendo espanto. Mas se uma pessoa tivesse de pensar um pouco para perceber a real grandeza de D’us, e se ela verdadeiramente percebesse como Ele nos observa, a cada segundo do dia, ela se tornaria santa. Não teria outra alternativa. Afinal de contas, como ela poderia fazer o mal, se percebesse que o Criador do universo inteiro está a observá-la constantemente, interessado em tudo o que ela faz?

De modo que – de fato – é possível saber alguma coisa sobre D’us. Sabemos que Ele tem poder infinito, e que Ele criou o universo, sem esforço. Sabemos que Ele tem mentalidade infinita, que Ele está interessado em nós, que Ele ouve as nossas orações, e que Ele ama as Suas criaturas. E compreendemos que há somente um D’us, pois pode haver somente um Ser Infinito.

Sabemos que D’us não tem corpo, nem forma, nem aspecto. Os nossos conceitos mais genuínos do espaço e do tempo tornam-se insignificantes quando tentamos aplicá-los ao ser de D’us. Mas D’us não é um conceito abstrato. Ele é muito real, tão real quanto nós. De fato, Ele é mais real do que nós, pois o nosso próprio conceito da realidade foi criado justamente por D’us.

Este, então, é o D’us ao qual todos nós oramos. Quando rezamos, estamos falando com D’us. Falamos com o Ser Cujo poder deu vida ao universo inteiro. Pronunciamos este pensamento nas nossas orações matinais quando dizemos “Bendito seja Ele que falou e todo o universo começou a existir”.

Há uma história sobre o grande rabino chassídico, Rabi Zushe de Anipoli. Ele sempre era o primeiro a chegar na sinagoga, todo dia de

manhã. Um dia, Rabi Zushe estava atrasado. Os seus alunos esperaram e esperaram. Finalmente, pouco antes do meio-dia, ele chegou, com uma expressão de espanto e maravilha no rosto. As orações começaram. Por algum motivo, elas pareciam mais significativas, mais fervorosas do que habitualmente.

Após o serviço, os estudantes perguntaram ao rabino onde ele tinha estado. “Estávamos tão preocupados”, disseram.

Rabi Zushe respondeu: “Eu vou lhes contar. Como sabem, todo dia de manhã, imediatamente após acordar, dizemos a oração ‘Eu dou graças perante Ti, ó Rei Vivo e Eterno, Que devolveste a minha alma para a consciência da piedade. Grande é a Tua confiança’”.

“Hoje de manhã, comecei a reza ‘Eu dou graças perante Ti’. De repente, fiquei pensando: o que é ‘eu’ e o que é ‘Tu’? Quem sou eu para falar com D’us? Como posso dirigir-me ao Criador do universo?”.

“Comecei de novo. ‘Eu dou graças perante Ti’ – Eu, uma partícula infinitesimal da criação, perante Ti, o Autor de toda a criação. Não pude continuar. Levou-me horas reunir a coragem necessária para terminar a reza. Por isso cheguei atrasado”.

Rabi Zushe tinha ficado impressionado pelas implicações da breve e simples oração <>Modê Ani. No entanto, toda vez que dizemos uma oração, estamos falando com D’us Ele Mesmo. Estamos perante o Mestre de toda a criação, perante o Um Que criou a Terra, o Sol, as estrelas, todo o universo.

Na nossa preparação para a oração, enfocamos as nossas mentes nas maravilhas de D’us, até que começamos a perceber a Quem estamos rezando. E como o salmista, exclamamos,

Ó D’us, nosso D’us, o quanto é poderoso o Teu Nome em toda a terra ...

Quando olho para os Teus céus, a obra dos Teus dedos;
A lua e as estrelas que Tu estabeleceste.

(Salmos 8:2-4)

Através desta percepção, podemos ajustar nosso olhar sobre D'us Ele Mesmo, e com verdadeiro sentimento, podemos louvar o Mestre do universo:

Eu darei graças ao Senhor com todo o meu coração;

Eu falarei sobre os Teus feitos maravilhosos ...

Eu cantarei louvores ao Teu nome, Ó Mais Elevado.

(Salmos 9:2-3)

ORAÇÃO



Para rezar, precisamos estar numa sinagoga? É claro que não! No entanto, a sinagoga pode nos ensinar como rezar. Ela pode manter nosso mecanismo espiritual bem lubrificado, para que não esteja enferrujado quando precisarmos dele. A maioria das pessoas vão à sinagoga para rezar. Lá, lemos os nossos livros de orações, muitas vezes com pouco ou nenhum entusiasmo.

Você quase pode ouvir a monotonia seca e sem vida das leituras, porque não sabemos o que é a oração, nem percebemos o grande poder que há na nela. Estamos lidando com um poder tão extraordinário que, com ele, nada é impossível; sem ele, nada do que possamos fazer terá um valor eterno. Trata-se de um poder tão simples, que até uma criança pode usá-lo. É um poder que podemos utilizar com um esforço menor do que o de um pensamento. Não obstante a sua simplicidade, a oração da fé pode mover montanhas, curar os doentes, superar o mundo – até produzir milagres!

Em grande parte, a oração é uma área não explorada. A própria ideia de comunicar-se com o Poder Infinito, D'us, tem sido pouco pesquisada. As leis espirituais da oração ainda não foram descobertas pela pessoa comum. Muitos consideram a oração apenas como uma

medida de emergência, ou como um último recurso, quando todos os outros falharam. Outros veem a oração como um ritual semanal, um serviço ao qual comparecem como se fosse uma assinatura para uma série de palestras. É a cultura, não a convicção, que mantém algumas pessoas na sinagoga.

Há um profundo fascínio na exploração de qualquer nova esfera de ação. Todos os cientistas o sentem, e o explorador dos reinos espirituais também haverá de experimentá-lo. O grande rabino chassídico, Rabi Nachman de Breslav, dedicou as suas prodigiosas energias à arte da oração. Na sua juventude, ele pesquisou todos e cada um dos caminhos que conduzem à forma de dirigir-se a D'us, desde o livro de orações comum até os tomos mais esotéricos. Com a idade de quase trinta anos, fez uma peregrinação até a Terra Santa, uma viagem considerada perigosa naquela época. Na viagem de volta, o navio turco onde estava o Rabi ficou encalhado. Durante uma tempestade violenta, enquanto a tripulação se esforçava inutilmente para bombear a água para fora da embarcação, o assistente do Rabi aproximou-se dele.

“Por que não reza por nós?” ele perguntou. “Não consigo nem recitar as orações que pronuncio todo dia, não posso nem abrir a minha boca para dirigir-me a D'us num momento como este. Mas o Senhor Rabi sabe como rezar em todas as ocasiões”.

O Rabi respondeu: “Estou agora num estado de mentalidade confinada. Estou longe de D'us. Ainda assim, o meu conselho me é fiel. Estamos correndo grande risco, e não tenho escolha. D'us sabe que nunca fiz uso do mérito dos meus pais, mas agora estou sendo estrangido”. Então, invocando a lembrança dos seus dignos avôs, o Rabi ofereceu uma breve oração pela ajuda de D'us. Por um momento, o perigo pareceu aumentar, cada vez que o barco mergulhava no tumulto das ondas. De repente, um vento forte

acelerou o barco na direção do seu rumo e as nuvens abriram-se, deixando-o passar em segurança. Com gratidão, o Rabi recitou alegremente salmos de agradecimento.

A perícia do Rabi com as orações possibilitou-lhe orar mesmo quando a situação tornava impossível a meditação profunda e a concentração. Porém, na mesma viagem, Rabi Nachman experimentou um nível ainda mais profundo de comunicação com D'us. Estando ele só, durante uma batalha naval das tropas turcas, o Rabi e o seu assistente corriam sério perigo de serem roubados, presos, e até mesmo vendidos como escravos. O pensamento era aterrador; o que faria, caso ele fosse vendido para alguém num lugar distante, um lugar sem judeus para redimi-lo? E se ninguém ficasse sabendo? A vida se tornaria insuportavelmente difícil; ficaria impossível manter a observância da Torá. À medida que o Rabi se preocupava e ia considerando a situação, começou a aceitá-la. Talvez fosse possível, de fato, servir a D'us, mesmo sendo um escravo em terra estrangeira. Se essa era a vontade de D'us, então ele continuaria a servi-Lo fielmente, apesar da opressão.

Assim que o Rabi chegou a esta conclusão, os marinheiros avistaram terra firme – a cidade na qual o Rabi tinha de ser resgatado. E enquanto este último esperava somente segurança por parte dos turcos, tendo aceito o seu perigo como vontade de D'us, pouco tempo depois ele estava celebrando a Páscoa, na qualidade de convidado de honra de um grande rabino, numa comunidade judaica importante.

Pela experiência do Rabi Nachman, verificamos o funcionamento de uma lei espiritual poucas vezes compreendida, que sempre prova a sua eficácia. O profeta Jeremias fez alusão a esta lei, quando escreveu: “Feliz o homem que confia no Senhor, e o Senhor será a sua confiança” (Jeremias 17:7). O salmista é ainda mais explícito: “Lança a tua carga sobre o Senhor, e Ele te sustentará” (Salmos 55:23).

Temos de estar dispostos a confiar no Senhor, e tentar aceitar a vontade de D’us, não importa qual ela seja. As nossas orações não precisam consistir em esforços para adaptar D’us à nossa vontade, mas em render-nos à Sua, independentemente das consequências. Conta-se uma estória sobre um homem de negócios judeu que vivia na Polônia. Naquele ano, os negócios não tinham sido nada bons, e ele procurou Rabi Elimelech de Lezensk, para obter conselho. Queixou-se ao Rabi que tinha rezado sem cessar, pedindo sucesso, mas o sucesso nunca tinha chegado. Ele perguntou ao Rabi: “Por que D’us nunca responde às minhas orações?”. Rabi Elimelech respondeu: “D’us respondeu à tua prece. A resposta foi ‘Não’”.

Esquecemos que, às vezes, até D’us precisa dizer não. Rezamos a D’us como ao nosso Pai celeste que, como um pai humano e sábio, muitas vezes tem de dizer “Não”. D’us não nos nega os nossos desejos por malícia ou capricho, mas como resultado do seu amor e sabedoria. Ele tem pleno conhecimento do que o futuro nos depara, e do que é melhor para nós.

Muitas das nossas antigas orações começam com as palavras “Que seja a Tua vontade, ó D’us ...”. Devemos rezar com base na estipulação de que a vontade de D’us, não a nossa, será feita. Este é o fator da decisão Divina que o cético não pode entender, mas que o crente precisa aceitar. Em decorrência deste fator surge a oração que é respondida pelo “Sim”.

Rabi Menachem Mendel Schneerson, o Rebe de Lubavitch, é considerado um dos grandes líderes chassídicos dos nossos dias. Há alguns anos, uma mulher o procurou, pedindo a sua ajuda. O seu filho único estava desesperadamente doente, com leucemia, e faltavam poucos meses para que viesse a falecer. A mãe, tremendo de medo, falava ao Rebe, enquanto as lágrimas corriam pelo seu rosto. O Rebe olhou nos olhos da mãe e disse: “Se você soubesse que se

tratava da vontade de D'us, você estaria disposta a deixar o seu filho morrer? Você poderia renunciar a ele, se você soubesse que D'us precisava dele?”.

A mãe, coitada, ficou sentada, olhando para o Rebe. Finalmente, depois de uma luta árdua com as suas emoções, ela respondeu: “Sim, se eu soubesse com certeza que era a vontade de D'us, então estaria disposta a renunciar ao meu garoto”.

Rabi Schneerson acenou e disse: “Agora, podemos rezar pelo garoto”. Em seguida, ofereceu uma prece pelo garoto, entregando-o completamente à sabedoria e à piedade de D'us. Três dias depois, ele teve alta e saiu do hospital. Eu o conhecia. Hoje, é um homem adulto.

Quando sabemos como rezar, a prece tem um poder surpreendente. Quando aprendemos a aceitar as decisões de D'us, Ele fica muito mais disposto para dar-nos as coisas que estamos ansiosos para ter. A armadilha existe quando, após termos orado e procurado uma resposta para as nossas preocupações, nos recusamos a prestar atenção à resposta que D'us nos dá. Somos como aquelas pessoas que vão consultar o médico e depois ignoram o seu conselho, até que por fim tal conselho coincida com o que elas queriam fazer. Quase podemos imaginar a D'us dizendo-nos “Olhai, durante muitos anos, viestes a mim e Me perguntastes qual era a Minha vontade. Eu falei, vós ouvistes e prometestes. Mas depois, seguistes o vosso próprio caminho, como se Eu nada tivesse falado. Agora volta novamente. Isto é uma brincadeira que estais fazendo Comigo?”. Para que as nossas orações sejam atendidas, precisamos ter certeza de que elas não fiquem tão repletas de nosso ego a ponto de não poderem subir ao céu.

A alguns, parece que se D'us não lhes concede o seu desejo imediato, então Ele não deve ser um D'us muito bom. Lembro-me de uma citação anônima:

Eu, eu, eu,

Eu mesmo e Eu,
Por dentro e por fora,
O quê e o porquê;
O quando e o onde,
O baixo e o alto;
Tudo eu, eu,
Eu o próprio eu.

Há muitas pessoas que rezam dessa maneira: Dá-me; concede-me; faz por mim. A trama de todo o tecido das suas orações parece ser eu – para mim – meu, quando na verdade a oração é exatamente o momento de esquecermos nós mesmos e os nossos desejos. É o momento de nos concentrarmos em Tu – Teu. Se colocássemos a ênfase onde se deve, as nossas preces seriam respondidas com maior rapidez, e mais favoravelmente.

O que é que nos possibilita ficar perante o D’us Infinito e pedir-Lhe que cumpra os nossos mínimos desejos? Os nossos sábios nos ensinaram a iniciar as nossas orações dizendo – e querendo dizer mesmo – “Que seja a Tua vontade, ó D’us... Se a Tua vontade for conceder-me o objeto da minha prece, que assim seja. E se a resposta for ‘Não’, Tu, ó D’us, és mais sábio que eu”. Talvez seja exatamente esta enorme diferença entre D’us e o homem o que torna muitos de nós relutantes à oração. Podemos nos sentir como Voltaire quando disse: “D’us é como o presidente de uma fileira de carruagens, atravessando o continente em seu carro particular. A ele não preocupa as formigas que estão no solo, debaixo das rodas do seu carro”. No entanto, Voltaire não era dono de toda a verdade. Apesar de não podermos entender isto, o homem não tem importância e, ao mesmo tempo, é o mais importante de tudo. Para D’us, o homem é nada, mas é tudo.

Este enigma é ponderado nos Salmos:

Quando olho para os Teus céus,

a obra dos Teus dedos,
A lua e as estrelas que Tu estabeleceste,
O que é o homem, para que Tu dele te lembres?
Ou o filho do homem, para que Tu penses nele?
E no entanto Tu o fizeste,
Mas um pouco abaixo dos anjos.
Tu o coroaste com glória e honra.
Tu o colocaste acima das obras das Tuas mãos.

(Salmos 8:4-7)

Talvez isto seja muito difícil de entender, pois na realidade sabemos muito pouco sobre D'us. Não importa o quanto possamos progredir em nossos estudos, nunca chegaremos a conhecer a D'us como Ele é realmente. Não sabemos o que D'us sabe, nem sequer como Ele sabe. Sabemos apenas o suficiente sobre D'us para rezar perante Ele, e confiar na Sua sabedoria.

Quando rezamos, precisamos perceber a Quem estamos rezando, como diz o Talmude: “Quando estás de pé rezando, sabe perante Quem estás rezando”. Quando dizemos “Bendito sejas Tu, ó Senhor”, precisamos saber quem é “Tu”, e precisamos perceber o que significa “ó Senhor”. Quando lemos as palavras de uma oração, não estamos apenas lendo palavras de um livro. Estamos falando com Alguém que está ouvindo as nossas palavras e o nosso coração.

No Tratado de *Berachot* (13a), o Talmude nos diz que podemos rezar em qualquer linguagem, pois é preferível entender as palavras da reza. A prece judaica não é um exercício de pronúncia de palavras sem significado; é falar com D'us do fundo do coração e do ser. Leia devagar, compreenda o que você está dizendo, contemple as palavras, e perceba a quem você as está dirigindo.

A oração, seja ela na sinagoga ou nos recônditos mais profundos do coração, não é algo para se levar na brincadeira. Quando rezamos, estamos falando com D'us, e nada está além do Seu poder. D'us nos

prometeu: “Chama-Me, e Eu te responderei, e Eu te mostrarei coisas grandes e poderosas, como nunca viste antes” (Jeremias 33:3).

É a chance de toda uma vida!

COMO O HOMEM CRIOU A D'US



*Procurando, podes achar D'us?
Podes achar o Todo-poderoso até a
perfeição?*

(Jó 11:7)

A pergunta formulada a Jó parece muito difícil. Então, comecemos por uma mais simples: O que é D'us? Talvez esta pergunta também pareça difícil, mas na realidade ela é tão simples de responder, que até uma criança pequena conhece a resposta. O que é D'us? "D'us" é uma palavra. Uma palavra de grande significado, talvez até de um significado muito profundo. Contudo, simplesmente dita, "D'us" é uma palavra.

Por outro lado, uma palavra é mais do que apenas uma configuração de sons, um ruído aleatório. Por trás de toda palavra há uma coisa, uma ideia ou um conceito. De modo que quando dizemos a palavra "D'us", estamos falando de algo, de uma realidade. O que é esta realidade, exatamente? O que queremos significar quando dizemos a palavra "D'us"?

Há muitas palavras que são difíceis de entender, se observarmos profundamente os seus significados. Por exemplo, a palavra "nada".

“Nada” também é uma palavra. Mas, o que é nada? Que aspecto tem? O que é que você vê quando tenta imaginar nada? É algo preto? Mas então, se é preto, não é nada – é a escuridão. Um grande pensador disse uma vez que nada é o que você vê atrás da sua cabeça. Então, vamos dar uma olhada. Sem virar a cabeça, o que você vê detrás da sua cabeça? Nada.

Agora que já sabemos como é o nada, podemos perguntar-nos outra coisa: O nada existe? Existe de verdade uma coisa que é nada? Se não, se nada não é uma coisa, então não podemos dizer realmente que ele existe, pelo menos não como geralmente concebemos a existência.

Mas o nada existe? O senso comum nos diz que sim. Afinal, antes de haver qualquer coisa, havia o nada. Antes de D’us ter criado o universo, não havia nada – nada, salvo D’us.

É muito difícil imaginar o nada. Mas D’us é ainda mais difícil de imaginar, até mais impossível de visualizar. Na obra clássica da *Cabalá*, o *Tikuney Zohar*, o profeta Elias é citado dizendo a D’us: “Nenhum pensamento pode compreender-Te, em absoluto”. O grande líder chassídico, Rabi Shneur Zalman de Liadi, explica esta ideia. Ele escreve que a mente humana não foi construída nem equipada para compreender a D’us. Exatamente como você não pode conter um pensamento na sua mão física, você não pode captar a D’us com a mente. Exatamente como nenhuma mão, não importa a sua força ou o seu tamanho, pode apreender nenhum pensamento, por mais simples que este seja, nenhuma mente, nenhum pensamento, pode compreender a D’us.

Então, o que fazer com um conceito que você não pode compreender? O que você faz com algo tão transcendental, tão remoto da nossa imaginação, que a mente não pode sequer concebê-lo? Em primeiro lugar, você lhe dá um nome. Você tenta imaginar

como ele pode afetar você. Você tenta estabelecer algum relacionamento com ele. Foi isso que o homem fez com D’us. E foi assim que o homem “criou” a D’us.

Não podemos sequer começar a imaginar a D’us. Não obstante disso, falamos com D’us; dirigimo-nos a D’us; rezamos a D’us. Sabemos que D’us tem um relacionamento com o mundo, e que Ele continua sustentando-o e apoiando-o. De modo que inventamos uma palavra e chamamos essa palavra de “D’us”. Criamos uma imagem, um conceito, dizemos que isto é D’us. Mas o D’us real, o Criador verdadeiro, o Ser Infinito, está tão além do alcance do nosso intelecto, que não podemos pretender nem começar a conhecê-lo; não podemos dar-lhe um nome.

A Bíblia começa pelas palavras “*Bereshit Bará Elohim Et HaShamayim Veet Haaretz*” – “No começo, D’us criou os céus e a terra”. No hebraico original, a palavra “D’us” é a terceira palavra. Ela segue a “*Bereshit*” – no começo e a “*Bará*” – criou. O *Zohar* formula uma pergunta muito profunda sobre este primeiro versículo na Torá. Por que este não começou assim: “D’us criou o céu e a terra no começo”? Afinal, D’us é o conceito mais importante na Torá. Por que Ele não é mencionado primeiro?

O *Zohar* responde que até haver um começo – uma criação – o nome de D’us não podia ser usado. Não podia ser utilizado porque não existia nada a que fixá-lo, nada que pudesse ser compreendido pela mente humana. A criação é como um cabo para que os seres humanos se aferrem a ela: sem ela, não pode haver concepção de D’us, e não pode haver nenhum nome.

Este conceito está na canção familiar *Adon Olam*:

Adon Olam, Asher Malach Beterem Kol Yetzir Nivrá
Leet Nassá, Becheftso Kol, Azay Melech Shemo Nikrá
Mestre do Universo, Que Reinou
Antes que qualquer coisa fosse criada;

No tempo em que tudo era feito através da Sua vontade,
Então Ele recebeu o nome, Rei.

D'us sempre foi Rei, mesmo antes da criação de qualquer coisa. Mas, o que é um Rei sem súditos? Podemos apreender o conceito ou dar-lhe um nome? Por isso, antes da criação do universo, D'us era Rei, de fato, mas Ele não podia receber o nome "Rei" até que a Criação tivesse tido lugar, até que Ele tivesse súditos.

D'us *existia, sim*, antes do universo, muito antes de o primeiro ser humano ter começado a usar a sua mente. Mas o homem criou o conceito e inventou uma palavra, um nome, numa frágil tentativa de atingir o inatingível, de compreender o incompreensível, de sondar o insondável.

Às vezes, os homens criam um deus falso, e como este deus é falso, os homens não conseguem acreditar nele, e o negam. Podemos imaginar a D'us, ingenuamente, como um ancião no céu, de preferência com uma barba branca comprida, e depois continuar rejeitando essa imagem. Mas antes de o homem negar a D'us, ele precisa saber que tipo de D'us é esse no qual ele não acredita. Que tipo de D'us ele criou, que não pode acreditar nele? É um D'us "tipo Mary Poppins", uma fada madrinha que tornaria o mundo perfeito da noite para o dia num passe de mágica? Um homem estaria coberto de razão para negar um deus assim, vendo todo o mal que há neste mundo. Talvez o seu deus seja um defensor dos direitos humanos, um liberal ardente ou um fiel patrocinador do *establishment*. Um deus assim, quando falha em cumprir o seu plano, também merece ser recusado.

Mas se você tentar e for persistente, se você procurar no mais profundo de si mesmo, poderá começar a aproximar-se da verdade. Você poderá criar um D'us verossímil, em quem você possa acreditar. Vá até as profundezas da existência e faça as perguntas finais: Por que

o universo existe? Por que existe o homem? Por que há um significado para a vida? Se você achar a D'us nas respostas a estas perguntas, então você terá descoberto o D'us “criado” pelos seus antepassados, o D'us de Abraão, o D'us de Isaac, o D'us de Jacob.

Mas se você não puder achar a D'us dessa maneira, se o D'us criado pelos seus antepassados não tiver significado para você, então procure ainda mais. Sonde e busque nas profundezas da sua vida, a fonte do seu ser, e as suas derradeiras inquietações, seja o que for que você leva a sério, sem reservas. Para fazer isto, talvez você tenha de esquecer tudo de tradicional que você tenha ouvido falar sobre D'us, até mesmo a própria palavra D'us. Mas se você souber que D'us está presente em todos os seres, em todas as profundezas da vida, em todos os interesses genuínos, então você saberá muito sobre D'us. Você criou um D'us que é significativo para você, um D'us que pode tornar a sua vida mais completa.

Este é um D'us que você não pode negar. Você não pode intitular-se agnóstico, ateuista ou descrente. Você não pode dizer que a vida não tem profundidade, que a vida em si mesma é oca. Você não pode pensar “Minha existência não faz sentido!”.

Se você pudesse fazer essas afirmações sem vacilar, sem qualificação, então sim, você seria um ateuista. Caso contrário, você não é. Se a vida faz algum sentido para você, então você já criou a D'us, um D'us que dá significado à sua vida. E o D'us que você criou é apenas outro aspecto do D'us verdadeiro, o infinito, o desconhecido, o indizível.

No começo não havia nada – e havia D'us. Mas D'us não podia ser compreendido; Ele nem sequer podia ser chamado pelo nome. Depois, D'us criou o homem e o pensamento. D'us criou o significado, a profundidade e a preocupação. E depois, o homem foi capaz de criar a D'us.

Isso foi no começo. Mas D'us continua criando o mundo, sustentando-o. E o homem continua criando a D'us. Então, agora, sonde a sua alma. Qual é o D'us que você criou?

PROCURA-SE: D'US, VIVO OU MORTO



Muito já se falou sobre a teologia da “morte de D’us”. Dizer que D’us está morto não é, em absoluto, uma afirmação trivial; é muito difícil de entender. O que significa dizer que “D’us está morto” ou que “D’us está vivo?” Na verdade, o que estamos dizendo quando dizemos “D’us”?

Falta à linguagem humana o vocabulário com o qual se possa falar sobre D’us. Por causa deste vazio, temos de usar as únicas palavras que temos e, portanto, falamos sobre D’us como se Ele fosse uma pessoa. Até mesmo dar um nome a D’us é uma inexatidão. Como se pode dar nome a algo que não é uma “coisa”? D’us é mais real que a existência e, ao mesmo tempo, mais indefinível que o nada. Ele está em toda parte e em nenhum lugar. Ele é imutável, mas provoca mudanças. Como podemos identificar algo que existe fora do âmbito do espaço e do tempo, algo que não tem absolutamente nada em comum com tudo o que existe?

Não podemos dizer muitas coisas sobre D’us, mas podemos dizer muitas coisas a Ele. Compare a ideia de D’us com o conceito de uma direção. Ninguém fica se perguntando qual é o aspecto de “lá em cima”, ou qual é a sua altura, ou se realmente “lá em cima” existe.

Questões similares perdem a sua importância quando as perguntas se referem a D'us. "Em cima" é uma direção física; D'us é uma direção espiritual. É a direção para a qual estão voltadas as mais nobres das aspirações humanas. As nossas orações são dirigidas nesta direção, e as nossas preces são respondidas, provenientes não de uma coisa ou lugar, mas vindas de uma altura espiritual infinita.

Não obstante, as Escrituras descrevem a D'us, de fato. O profeta Jeremias escreveu: "Mas D'us o Senhor é Verdade; Ele é o D'us vivo e o Rei eterno. A terra treme perante a Sua fúria; as nações não podem suportar a Sua indignação" (10:10). O que, ou Quem, é este D'us vivo?

Uma coisa viva pode ser definida biofísicamente como algo que reduz a entropia localmente, isto é, alguma coisa que faz surgir a ordem da desordem. Em outras palavras, uma coisa viva é algo que pode extrair coisas do seu meio ambiente, que não têm nenhuma ordem, em absoluto, e torná-las parte de uma coisa viva, que é um grau de ordem muito elevado. Nas preces do *Yom Kipur*, D'us é chamado de *Chai HaOlamim*, a Vida dos Mundos. D'us é a direção da ordem que é responsável pela lei natural e pela possibilidade da vida.

Outra característica de uma coisa viva é a sua unidade: ela é um todo unificado, um todo que é mais do que a soma das suas partes. Quando pensamos num animal, não pensamos em quatro pernas, uma cabeça, um corpo e um rabo. A ideia que nós fazemos dele é a de um ser unificado. A direção que chamamos D'us é um todo unificado, organizado. É uma direção viva que movimenta os homens e reúne todas as metas da humanidade, de amor, verdade e paz. D'us eleva o homem, em todos os aspectos do seu ser. Quando uma pessoa venera um D'us vivo assim, o objetivo supremo da sua vida torna-se uma abertura na direção de D'us, e isto nada mais significa do que tornar-se algo que é completamente humano. É isto que a Bíblia quer

significar quando diz que o homem foi criado à imagem de D'us. A direção que é D'us e a direção que é humanidade total são uma coisa só. O homem não é guiado apenas por um ou dois ideais, mas por um conjunto orgânico de muitos ideais que apontam para a direção que é D'us.

A Bíblia diz que os ídolos são deuses mortos, mas não apenas porque sejam feitos de pedra e madeira. Os adoradores de ídolos acreditam num deus diferente para cada aspiração: um deus da verdade, um deus da justiça, do amor, da sabedoria, da beleza, da paz, e assim por diante. Cada deus está isolado; não há nenhum fator unificador, nenhum todo orgânico. Por conseguinte, eles estão mortos. E um D'us da religião? A religião também é somente um entre muitos dos ideais elevados do ser humano. Com excessiva frequência, D'us tornou-se um D'us da sinagoga, dos livros e dos rituais de orações. Um D'us da religião não é diferente de qualquer outro deus. Um deus de “casa de adoração” é um deus morto. Quando uma pessoa já não venera um D'us Vivo, é porque ela já não O associa com todos os problemas fundamentais da existência humana. Quando ela diz que acredita em D'us, ela está apenas admitindo que D'us existe, mas não procura D'us para dar significado à sua vida. Quando as pessoas dizem que não acreditam em D'us, elas aceitam como verdadeiro que Ele não exista. O religioso e o descrente têm uma coisa em comum: ambos tomam a D'us por certo. Ele não lhes causa noites mal dormidas. D'us não lhes provoca nenhuma inquietação grave, porque para eles Ele é o deus morto da religião.

Na realidade, não faz nenhuma diferença se alguém acredita ou não num deus assim; é impossível distinguir entre crentes e descrentes, a menos que eles afirmem abertamente a sua posição. O que é ainda mais trágico, é que a crença em D'us não faça nenhuma diferença em relação à observância religiosa. Há pessoas que

comparecem aos serviços religiosos na sinagoga, mas não acreditam em D'us. Talvez acreditem no “Homem Forte Lá no Céu”, Que dirige a festa, mas sentem que ela também poderia estar acontecendo sem Ele. Elas não estão realmente conscientes de D'us – parece que nunca sentem a Sua presença. Porque adoram um deus morto, podem fazê-lo comodamente, mesmo tendo descartado qualquer resto do verdadeiro sentimento religioso.

Não obstante, até uma religião tipo “casa de adoração” é melhor que nenhuma religião. Nela, preserva-se um pouco do brilho da verdade, de modo que até mesmo um deus morto pode ser ressuscitado. Ainda precisamos e queremos a D'us, seja Ele um D'us vivo ou um deus morto da religião. D'us ainda é procurado, vivo ou morto.

SABENDO E RELEMBRANDO



Quando eu era um rapaz de vinte e poucos anos, tive uma sensação estranha no meu peito. Ela me incomodou durante uma semana ou duas, e depois começou a me preocupar. Finalmente, fui visitar o médico, um internista que eu conhecia bastante bem. Ele me fez um exame médico completo, e depois me chamou no seu consultório. A sua expressão estava bastante sombria e a sua voz, solene. Foi então que ele me disse que eu ia morrer.

Fiquei muito pálido, e o meu coração começou a bater forte. Aquele velho clichê entrou na minha mente: “É isso!” Todos os meus pensamentos esfumaram-se quando ouvi aquelas terríveis palavras: “Sr. Kaplan, o senhor vai morrer”.

O médico fez uma pausa. Em seguida, após um momento, ele acrescentou: “Sim, você vai morrer, daqui a cinquenta ou sessenta anos. Você está em perfeitas condições físicas. Mas pode tomar um pouco de Maalox, vai ser bom para o seu estômago”.

Fui para casa, feliz e aliviado porque o médico não tinha achado nenhum motivo de preocupação. Todavia, o incidente tinha atiçado minha curiosidade. Era verdade, meu médico tinha um senso de humor mórbido, e durante alguns segundos eu tinha ficado

aterrorizado, mais assustado do que nunca antes estive na minha vida. Mas depois, por que deveria ficar tão alterado? Afinal de contas, eu sabia que era mortal. É um assunto no qual ninguém gosta de pensar mas, racionalmente, eu sabia que como todo mundo, minha hora chegaria. Eu esperava que ela ficasse a uma enorme distância, mas era inevitável que chegasse. Algum dia, eu ia morrer.

Comecei a analisar o diagnóstico do médico. No quê estava baseado? O exame tinha sido físico – ele tinha verificado o funcionamento do meu corpo, tendo-o achado em perfeitas condições. Contudo, ele tinha me advertido que esse estado não iria durar para sempre. Mas qual era o objeto real do seu exame? A partir de qual perspectiva ele tinha previsto meu destino?

Quando um bioquímico observa um ser humano, ele vê uma composição química, consistindo de moléculas e átomos que sofrem interações muito complexas. Elas lhe permitem mover-se, crescer, e reagir ao meio ambiente. Porém, é isso tudo o que o homem é? Um fogo se movimenta, consome e cresce. Ele muda de cor e intensidade à medida que vai interagindo com o seu meio ambiente. No entanto, em si mesmo, um fogo não tem propósito. Ele não tem vontade, nem mente; pode-se dizer que não tem alma.

A partir de outro ponto de vista, o biólogo examina o homem e vê um animal. Como todos os outros animais, ele respira, come, evacua, e se reproduz. É formado de células e órgãos, cada um cumprindo a sua função: um sistema biológico. Mas, o que mais poderia ser incluído nesta definição? Uma mosca também respira, come, evacua, e procria. Porém, uma mosca não tem nenhum propósito na vida. Ela não se pergunta: “Quem sou?” Ela não constrói grandes cidades, nem conquista poderosos impérios. Não tem esperanças, nem sonhos. Vive para o momento: uma migalha de pão,

um grão de açúcar, fugir de um jato d'água. A vida do homem não tem consequências maiores que essas?

Talvez o argumento não seja justo. Afinal, nem o bioquímico nem o biólogo consideram as capacidades especiais da mente humana, altamente desenvolvida. Então, como um neurologista vê o homem? Ele estuda a mente, e acha um computador fantasticamente complexo: um labirinto intricado de circuitos eletroquímicos, condicionados pelo meio ambiente e reagindo mecanicamente aos estímulos externos. Mas o ser humano seria só isso – uma calculadora *high-tech*? Pode alguém acreditar que a sua mente seja completamente governada pelas leis de causa e efeito? É possível que cada movimento, palavra ou pensamento nada mais seja do que a produção mecânica de um computador eletroquímico? Não teríamos um livre-arbítrio para determinar os nossos atos maior do que uma caixa de ferramentas pré-programada?

Se alguma dessas descrições do homem fosse completa, então as palavras do meu médico não deveriam ter-me assustado. Que medo, que pena há na extinção de uma reação química, na conclusão do curto ciclo de vida de um animal ou na parada de um computador? Por que, se eu fosse verdadeiramente objetivo, deveria importar-me, mesmo que a perda química, biológica ou eletroquímica fosse a minha própria?

Mas, instintivamente, sabemos que somos mais do que tudo isso. Por isso evitamos o tema da morte. Referimo-nos a ela através de eufemismos. Dizemos que uma pessoa “faleceu”, ou que “nos deixou”. E quando finalmente somos forçados a enfrentar a morte, a nossa própria morte, sentimos medo, ficamos zangados, indignados. Nossa confiança costumeira na fria objetividade da ciência começa a falhar. A ciência nem sequer consegue colocar as perguntas corretas; por isso as suas respostas não nos dão nenhum conforto. Então, o

homem volta-se para a religião. Muitos daqueles que nunca pisaram numa sinagoga chamam o rabino quando sabem que vão morrer. Uma pessoa que reza pouquíssimas vezes está disposta a deixar tudo de lado por um serviço de *Yortsait* [aniversário de falecimento], para chorar a morte dos seus entes queridos. Por que tem de ser assim? Por que o homem se volta para D’us ao se defrontar com a morte? Por que o soldado na trincheira, rodeado de bombas explodindo, reza a D’us, apesar de nunca ter rezado antes na sua vida?

Nenhum homem escapou da morte, jamais, mas através de D’us, e somente através de D’us, o homem pode conquistar a morte. Somente D’us prometeu que a morte não é o fim da vida. Somente D’us prometeu que a morte transforma a vida, que ela é um despertar, o início de uma nova vida, uma vida eterna.

Esta maneira de encarar a morte é inerente à própria maneira pela qual a religião encara o ser humano, um ponto de vista muito mais amplo e profundo que o do bioquímico e do neurologista. A Bíblia explica a criação do ser humano com uma metáfora fora do comum: “D’us formou o Homem a partir do pó da terra, e insuflou nas suas narinas um fôlego de vida; assim, o Homem tornou-se uma criatura viva” (Gênesis 2:7). D’us não tem corpo, aspecto nem forma. Então, qual é a finalidade desta metáfora antropomórfica? Por que a Torá diz que D’us insuflou um fôlego no ser humano?

Este trecho é examinado nos comentários do *Zohar*. Quando uma pessoa expira, o ar provém de dentro dela, das partes mais profundas do seu ser. Assim também, explica o *Zohar*, a alma do homem vem da parte mais profunda de D’us, uma faísca do Divino, uma porção do Ser infinito de D’us Ele Próprio.

Com certeza, a Bíblia reconhece os aspectos do ser humano que os cientistas analisaram: “D’us formou o homem com o pó da terra” – a partir dos mesmos elementos contidos nela: carbono, nitrogênio,

oxigênio e hidrogênio. Este é o nosso sistema biológico, nosso computador eletroquímico. Mas depois D'us concedeu ao homem uma faísca do Seu próprio Ser, uma alma semelhante à de D'us. O homem, visto pela religião, tem agora uma afinidade com o Divino.

Este é o motivo pelo qual sentimos que o homem, acima de toda a criação, não fica limitado pelas leis da natureza, pelas regras de causa e efeito. “E D'us criou o homem à Sua imagem”, ou seja, à imagem espiritual de D'us (Gênesis 1:17). Como D'us não está limitado pelas leis da natureza, o homem transcende à lei da causa e efeito. Assim como D'us é livre para agir, somente o ser humano recebeu o livre-arbítrio. E assim como D'us é eterno, o homem também recebeu a possibilidade da vida eterna. Por isso, a religião proporciona uma solução para o medo da morte – tudo o que temos de fazer é acreditar.

* * *

Agora, podia compreender como o meu médico tinha sido capaz de deixar-me tão assustado. O ponto de vista humano, frio e materialista, a visão estreita do bioquímico e do biólogo apavoram a nossa autoconsciência mais profunda. Vivemos numa era materialista que deixa pouco espaço às crenças religiosas. As medidas concretas de dólares e centavos, de custo-retorno e eficiência, universalmente aplicadas a todos os empreendimentos humanos, junto com os feitos surpreendentes do progresso científico e tecnológico, tornam difícil, se não impossível, imaginar o abstrato e o espiritual.

Um membro habitual da minha sinagoga, um homem observante, perguntou-me uma vez por que eu tinha abandonado uma sólida carreira científica, um bom salário e um futuro brilhante, pelo rabinato. Minha resposta o deixou atônito. Eu disse que D'us tinha

uma missão para mim. Ele olhou para mim, o seu rabino, e disse incredulamente: “O Senhor realmente acredita em D’us?”

Como é possível que um cientista, um homem moderno, acredite em D’us? Como posso procurar conforto nas promessas da religião? Instintivamente, como todos os seres humanos, o cientista reconhece a livre vontade do homem, a sua posição especial, acima da ordem natural. Mas, como isto se encaixa dentro da sua visão objetiva, “científica” das coisas? Talvez, surpreendentemente, se encaixe muitíssimo bem. Há muita coisa nos descobrimentos da pesquisa científica que redirecionam o cientista de volta para D’us. Inclusive nos fenômenos que observa e estuda, o cientista acha evidências da presença de D’us.

Uma das leis mais básicas da física é a Segunda Lei da Termodinâmica. Em linguagem simples, esta lei afirma que é mais fácil destruir que construir, que o caos provém da ordem, não o contrário. Isto não é apenas moralismo ou conjectura filosófica, mas uma das leis da física com base mais firme, a que define a essência da ordem do tempo. A ordem flui para a desordem; a energia tende a procurar o seu nível mais baixo.

Contudo, apesar desta lei imutável, encontramos no universo um maravilhoso grau de ordem. Estrelas, nebulosas, galáxias – todas elas exibem uma estarrecedora variedade de estruturas. As criaturas vivas são compostas de sistemas cada vez mais complexos, desde as simples bactérias de uma só célula até os sistemas fantasticamente estruturados dos mamíferos. E o sistema mais complexo, mais aperfeiçoado, é o ser humano, capaz de controlar e dominar os sistemas e as criaturas mais simples que o rodeiam.

A Segunda Lei da Termodinâmica estabelece que a matéria procura o seu estado mais simples, apesar de o mundo mostrar uma vasta estrutura de complexidade cada vez maior. Alguns cientistas

rotulam isto como uma manifestação do antiacaso. Mas poderia existir somente uma Inteligência infinita que pudesse extrair a ordem de um universo caótico. E esta Inteligência infinita nada mais é do que D'us. O homem eleva-se não pelo curso cego do acaso, mas pela ordem inevitável do universo, imbuída na criação por D'us.

O homem, situado no ápice das formas de vida complexas, é qualitativamente diferente de todos os demais seres inferiores. Contudo, esta distinção é difícil de ser articulada; aparentes definições que apontam para uma ou outra característica humana muitas vezes não são confirmadas pelas pesquisas nas capacidades dos diversos animais. Vestígios de destreza, fala, comunicação e até mesmo de emoção parecem existir em diversas criaturas. Mas admitimos que há uma distinção fundamental, e a Bíblia a esclarece para nós: D'us insuflou no homem uma alma de vida.

O que é esta alma de vida? De que forma ela diferencia o homem do resto da criação? Sabemos que toda a matéria tem um grau de sustentação Divina. Isto está implícito no segundo versículo da Torá: “E o espírito de D'us pairou sobre a face das águas” (Gênesis 1:2). Até a matéria mais inerte contém uma essência do espírito sustentador de D'us. Isto nos faz voltar à Primeira Lei da Termodinâmica, que afirma que a matéria e a energia são eternas, que elas não podem ser destruídas. É a essência de D'us que lhes dá esta existência permanente.

A presença de D'us está aparente em toda a criação material; é isto que sustenta a existência. Mas ao examinarmos as formas mais complexas de existência, achamos manifestações maiores da essência de D'us. E finalmente, no homem, a essência de D'us atinge o auge da sua expressão, pois o homem é criado à imagem espiritual de D'us. É esta essência Divina no homem que chamamos de alma. E exatamente como a Primeira Lei da Termodinâmica nos ensina que a

matéria e a energia são indestrutíveis devido ao espírito sustentador de D'us, assim também a personalidade, a alma do homem, é eterna.

A vida consciente do homem não acaba com a morte; ela apenas assume uma nova forma, desembaraçada da carne material. O corpo pode morrer, mas o espírito perdura. Podemos perguntar igualmente ao médico, ao biólogo e ao neurologista: “O que aconteceu com uma pessoa que morreu? Por que ela está imóvel? Por que está sem vida?” Eles certamente responderão que o coração parou de bater, que o fornecimento de sangue ao cérebro foi interrompido, e que determinadas mudanças químicas diminutas aconteceram no cérebro. Um organismo vivo foi transformado numa peça de matéria inerte. O que uma vez foi um ser humano pensante, cheio de aspirações, nada mais é do que uma carcaça morta. Mas temos a promessa de D'us de que esta imagem está incompleta, que o fôlego de vida que criou o homem o sustentará, corpo e alma, eternamente. Esta promessa foi feita ao profeta Isaías: “Os mortos haverão de viver, os falecidos haverão de levantar-se. Despertai e cantai, vós que morais no pó” (Isaías 26:19). Esta promessa foi repetida ao profeta Daniel:

E os muitos que dormem no pó da terra despertarão, alguns deles para a vida eterna, e alguns para a desgraça e a vergonha eterna. E os fiéis brilharão com esplendor, como o brilho dos céus, e aqueles que trazem muitos à dignidade serão como as estrelas, para sempre.

(Daniel 12:2)

Então, o que acontece quando um homem morre? A nossa observação da morte inclina-nos para o ponto de vista do físico, que um homem se torna um mero cadáver sem vida. De fato, é verdade que certas mudanças químicas diminutas acontecem no tecido cerebral. Quando isto acontece, a alma perde todo contato com o corpo – o mecanismo receptor está morto. A alma, uma entidade que

consiste em puro espírito, puro pensamento, agora está livre. A Bíblia descreve este fenômeno no Livro de Eclesiastes: “O pó voltará à terra como era antes, e o espírito voltará a D’us, Que o deu” (12:7). O corpo se deteriora e volta aos elementos da terra.

O que acontece com a alma depois da morte, depois de ficar separada do corpo? Mais uma vez, a ciência não pode ajudar-nos aqui, pois ela não consegue explicar o que não pode observar. Mas D’us revelou aos Seus profetas que na vida após a morte há um julgamento, que há uma recompensa para o bem, e uma punição para o mal. Isto foi sugerido na profecia de Daniel, que aqueles que “dormem no pó da terra despertarão, alguns para a vida eterna, e alguns para a desgraça e a vergonha eternas”. Por este motivo, nossos sábios nos aconselham que superemos nossa inclinação de esquecermos nossa mortalidade, e insistem que lembremos o dia da nossa morte. Por outro lado, também somos instruídos a não temer, nem a desesperar. Acreditamos que D’us é justo, recompensando o bem e punindo o mal. Se um homem bom sofrer neste mundo, ele será recompensado no Mundo Vindouro. Se um homem mau prosperar nesta vida, o seu castigo será devido na vida após a vida. Durante doze meses, a alma é julgada e punida pelos seus pecados. Depois disso, a punição está completa, e a alma está pronta para a sua eterna recompensa. A única exceção a esta regra está no caso de um ateu, um zombador ou um blasfemador, para os quais a punição é eterna, uma “desgraça e vergonha eterna”.

O que, finalmente, podemos esperar após o período do julgamento? Como é a vida no mundo do espírito puro? Aqui, nem sequer a revelação proporciona respostas, pois ela está além da nossa compreensão. O maior filósofo judeu, Moshé Maimônides, escreveu:

A recompensa na vida que há depois da vida
não está ao alcance da compreensão da mente
humana – somente D’us conhece a sua plena

grandeza, beleza e substância.

Os profetas podem ter escrito sobre um mundo vindouro, mas eles estavam profetizando sobre os dias do Messias.

Nada há na compreensão humana que possa se comparar à vida após a morte – nenhum profeta pode imaginá-la – não há palavras mortais que possam descrevê-la.

(Leis do Arrependimento 8:7)

As suas palavras confirmam a profecia feita a Isaías: “Nunca jamais tal coisa foi ouvida, nem percebida – nenhum olho a viu, a não ser D’us – tudo o que Ele fará por aqueles que confiam Nele” (Isaías 64:3). Nenhum profeta chegou a ver a vida após a vida, nem um ser mortal. É o reino de D’us sozinho.

Não sabemos exatamente como é a vida após a vida. Vamos descobrir quando chegarmos lá. Porém, sabemos que D’us nos prometeu que é uma vida de recompensa divina, de êxtase sublime. D’us prometeu que nada na experiência humana, seja relativo aos sentidos ou à mente, pode comparar-se à alegria, à felicidade e ao deleite experimentados pela alma de um homem que está perto de D’us no mundo espiritual.

Perceber a realidade da própria morte, agora ou dentro de sessenta anos, pode ser assustador e apavorante. Podemos ficar tristes ou deprimidos ao imaginar que estaremos deixando todas as coisas pelas quais dedicamos nossa vida – nossos lares, nossas fortunas e nossos entes queridos. Mas há uma resposta. Tudo o que precisamos fazer é acreditar. E tudo o que precisamos fazer é lembrar-nos de D’us, lembrar-nos da Sua promessa, recordar as nossas almas.

Segunda Parte
O JUDEU E A SOCIEDADE



POR QUE EXISTE O JUDEU?



Pois eu sou o Senhor vosso D'us, que agita o mar, e faz rugir as suas ondas – o Senhor das Multidões é o Meu nome. E coloquei Minhas palavras na tua boca, e Eu te cobri com a sombra da Minha mão, para que Eu possa plantar os céus, e colocar as fundações da terra, e dizer a Sion “Tu és o Meu povo”.

(Isaías 51:15-16)

Povos diferentes têm calendários diferentes que refletem a essência da sua singularidade. O início de cada calendário é marcado pelo evento mais especial da história de cada povo. De acordo com o calendário muçulmano, agora estamos no ano de 1410; contado a partir da Hégira, a fuga de Maomé de Meca. No calendário cristão é o ano de 1990, contado a partir do nascimento de Jesus. Mas o calendário judaico começa pela criação de Adão e da civilização, há 5.750 anos. Ele volta até o advento da história registrada, com a possível exceção da Bíblia. Não há nenhuma era na história da humanidade na qual não possamos achar alguma evidência do nosso povo.

A primeira grande civilização do mundo, a Mesopotâmia, ou Ur, produziu o primeiro judeu, Abraão, há quase 4.000 anos. Nosso povo testemunhou a ascensão e a queda de todas as grandes nações da era pagã: Babilônia, Pérsia, Fenícia, os hititas, os filisteus, Grécia e Roma. De todas as grandes civilizações, nenhuma perdurou, com exceção da nossa. A história lançou muitos desafios ao nosso povo, e cada um deles foi uma ameaça à nossa própria sobrevivência, mas todos foram superados, e o povo judeu permaneceu, para enfrentar o desafio seguinte.

A existência e sobrevivência do povo judeu sempre foi um dos maiores mistérios do mundo. Os historiadores escreveram volumes inteiros sobre ela; os filósofos procuraram as suas causas; os cientistas sociais tentaram justificá-la; todavia, o mistério permanece. Por que suportamos a violência de todas as perseguições que o mundo podia nos impor, e por que conseguimos sobreviver a tudo isso? Por que nós tivemos a história mais longa e turbulenta de todos os grupos de pessoas da face deste planeta? Qual força e qual propósito preservaram a nossa existência até os dias de hoje, possibilitando-nos refletir sobre esta pergunta?

Mesmo nosso início também é misterioso. Os historiadores fazem exclamações de angústia ao tentar rastrear o início do povo judeu, porque quando nós começamos a existir ainda não existia um registro real da história. A Bíblia nos fornece algumas dicas, porém dando poucos detalhes: um patriarca Abraão, uma família composta pelos doze filhos de Jacob, depois uma tribo de setenta famílias e, quase da noite para o dia, uma nação com mais de três milhões de pessoas. Assistimos a uma série de eventos sucedendo-se com a mesma velocidade dos raios durante uma tempestade – a escravidão no Egito, um êxodo milagroso, a revelação no Monte Sinai, quarenta

anos no deserto, a conquista de Canaã – e, de repente, Israel é uma nação amadurecida, com um governo seguro.

Quando damos uma olhada na retrospectiva da nossa história tão turbulenta, refletimos sobre o nosso destino e nos perguntamos: Por quê? Qual é a finalidade da existência de um judeu? Por que será que o povo judeu ainda existe? Qual é a razão deste milagre? Uma vez, ouvi uma estória muito interessante que pode indicar o caminho da resposta. O imperador da Prússia, Frederico, o Grande, era filósofo e escritor. Certa vez, durante uma discussão muito profunda com o seu pastor luterano, eles acabaram examinando a questão da existência de D’us. Toda “prova” argumentada pelo pastor era refutada imediatamente pela mente ágil de Frederico. O imperador estava ficando cansado dessa discussão interminável. Ele pediu ao pastor que desse apenas um sinal visível que ninguém pudesse contestar. O pastor fechou os olhos e ficou pensando esforçadamente por um longo tempo. Frederico ficou impaciente e perguntou de novo: “Afiml, há algo que eu possa ver com os meus olhos e que prove a existência de D’us?” O pastor abriu os olhos e respondeu com duas palavras: “Os judeus!”.

Este relato nos dá um conceito muito importante. Se a sobrevivência do povo judeu for, de fato, um milagre, então tem de haver alguém que tenha feito este milagre. O milagre da nossa existência aponta diretamente para D’us. Um conceito similar pode ser achado no *Midrash Tanchumá*, onde encontramos um diálogo entre o imperador romano Adriano e o grande sábio judeu, Rabino Yehoshua: “De fato, o cordeiro Israel tem de ser muito grande, para poder existir entre setenta lobos”. Ao que o Rabino Yehoshua replicou: “Grande é o Pastor que o socorre e o protege” (*Toldot* 5).

Se uma pessoa percebesse um rebanho de ovelhas existindo e sobrevivendo entre todo tipo de animais selvagens e perigosos, ela

teria certeza da presença do pastor nas proximidades. Ao vermos os judeus existindo, sobrevivendo, e até mesmo florescendo face a todos os problemas possíveis, apesar dos piores inimigos possíveis, sabemos que o nosso Pastor não pode estar muito longe. Quando formulamos a pergunta: “Por que existe um judeu?”, e procuramos a solução para o mistério do nosso destino, nos vemos confrontados com um conceito aterrador: Não somos nada menos do que testemunhas da própria existência de D’us. Perante o mundo, somos um fenômeno mensurável, e a prova de que de fato o Pastor está muito perto.

O grande profeta Isaías expressou este conceito de modo muito conciso e atraente, ao proclamar: “Tu és a Minha testemunha, diz o Senhor, e o Meu criado que Eu escolhi, para que tu possas conhecer-Me e acreditar em Mim e compreender que Eu sou Ele. Antes de Mim não houve nenhum D’us formado, e nenhum há de haver depois de Mim. Eu, Eu mesmo, sou o Senhor, e além de Mim não há outro salvador” (Isaías 43:10-11).

Portanto, somos depositários de uma tremenda e assustadora responsabilidade. Se a nossa própria existência deve ser a prova de D’us, então precisamos ter certeza de sermos boas testemunhas. Se não agirmos de acordo com a magnitude da nossa missão, não só estaremos dando a nós mesmos uma má reputação, como também estaremos desmerecendo o nome do nosso Protetor.

O Talmude examina a questão do pecado, classificando as diversas categorias de acordo com o seu nível de gravidade. Ele enumera as diferentes espécies de mal que uma pessoa pode cometer e, no final da lista, está o pecado de fazer algo que desmereça o nome do povo judeu ou da religião judaica. O Talmude fala sobre uma pessoa religiosa que não é absolutamente honesta em todas as suas tratativas comerciais, e sobre o líder religioso que não dá o exemplo

perfeito da piedade: estes são incluídos entre os piores pecadores possíveis. Como a nossa missão consiste em testemunhar a existência de D’us, tudo o que der ao povo ou à religião judaica uma má reputação, perverte a sua missão. Tais ações são chamadas “*Chilul Hashem*” – a profanação do nome de D’us. Aquele que incorrer neste pecado não estará apenas fazendo algo ruim; estará pervertendo a própria razão da nossa existência.

Ao examinar este conceito, o Talmude cita Isaías. O profeta ataca o seu povo por este ter se afastado de D’us: “E naquele dia o Senhor, o D’us dos Patrões, chamou... e acabou com o júbilo e a alegria, abatendo os bois e matando as ovelhas, comendo carne e bebendo vinho”. “Comamos e bebamos, pois amanhã haveremos de morrer!”. E o Senhor dos Patrões revelou a Si Mesmo nos meus ouvidos: “Com certeza este pecado não será perdoado até o dia em que morreres” (Isaías 22:12-19). Aqui, mais uma vez, as palavras do profeta são claras: Já que somos realmente as testemunhas de D’us, precisamos viver para fins muito maiores do que a satisfação material e a alegria.

Qual a razão da existência de um judeu? Um judeu tem de provar que um povo que serve a D’us e que dá um bom exemplo para o mundo, pode sobreviver, independentemente do que o mundo possa fazer para atacá-lo. Uma das nossas grandes obras místicas, o *Tikuney Zohar*, ensina que o povo judeu é como o pavio de uma lâmpada, e os ensinamentos de D’us são como o óleo (*Tikun 21:60a*). Enquanto a chama permanecer acesa, ardendo dentro de nós, estaremos espalhando a luz de D’us através do mundo inteiro. Este é o nosso segredo. É o nosso destino.

TRÊS VERDADES



O Senhor D'us é a Verdade.

(Jeremias 10:10)

O selo de D'us é exatamente a Verdade.

(Talmude, Shabat, 55a)

A verdade – os previdentes sempre estão a procurá-la; pessoas sinceras têm a expectativa de basear as suas próprias vidas no caminho da verdade. Este tem sido o propósito e a meta dos pensadores e dos filósofos ao longo das eras. Mas para os judeus esta não é uma simples questão de curiosidade intelectual ou de estilo de vida. Ela é central para nossa religião, uma característica definitiva de D'us. De fato, realmente nos foi ordenado procurar a verdade a todo momento, e fugir da falsidade:

Fica longe de tudo o que for falso.

(Êxodo 23:7)

Mas, o que é a verdade? Há tantas pessoas com ideias conflitantes sobre o que seja realmente a verdade. As ideias de quem, afinal, satisfazem os critérios desta *mitsvá*? Qual é a verdade que precisamos procurar? E, neste mundo de ilusões e distorções, é

possível separar a verdade da ficção? Seremos capazes de reconhecer a verdade ao encontrá-la?

Há três tipos básicos de verdade. A primeira é a verdade da mente, a verdade do intelecto. É resultado da razão pura, seguindo as leis da lógica. Esta é a verdade que o cientista procura no laboratório, que o matemático descobre nos seus cálculos; trata-se da verdade pela qual o filósofo fica sondando as profundezas da sua mente. Contudo, esta verdade não é abstrata. Ela nos permite construir pontes e arranha-céus, projetar aviões e foguetes espaciais. Esta é a verdade da lógica e da racionalidade, que distingue o homem civilizado do primitivo e supersticioso.

Mas o ser humano não vive só de lógica. Uma vida de razão pura seria extremamente monótona, beirando o sem sentido. O homem é um ser de sentimentos e emoções; ele vive através dos seus sentidos. Portanto, reconhecemos um segundo tipo de verdade: a verdade estética.

Quando dizemos que uma sinfonia é uma grande obra de arte, ou que um quadro é belíssimo, estamos dizendo a verdade, apesar de nenhum cientista poder prová-la em seu laboratório. A lógica não explica por que a visão de um crepúsculo maravilhoso eleva a alma; a razão não pode analisar nosso impulso de chamar uma rosa de bonita. No entanto, a beleza contém a sua própria verdade, uma verdade sempre procurada pelos artistas e poetas, uma verdade que todos conhecemos, mas não conseguimos entender.

Porém, a beleza por si só também não pode dar sentido à vida. Que beleza há numa vida destinada à morte e à deterioração? Por isso, o homem sempre está à procura da terceira verdade: a verdade Divina. Esta é a verdade que nos foi revelada por D'us. As nossas mentes não podem descobri-la; nossos sentidos não podem experimentá-la. É a verdade que está na Bíblia, explicada pelos

profetas. Reconhecemos esta verdade quando experimentamos uma sensação de apego a D'us, seja durante as orações ou no cumprimento dos Seus mandamentos. Assim como o homem treina a sua mente para ser lógica ou abre o seu coração para a beleza, ele também tem de libertar a sua alma para que ela possa identificar a verdade Divina. É a verdade Divina que nos diz que somos seres humanos, e não simplesmente animais pensantes ou máquinas com sentimentos. E a verdade Divina tem sido procurada e reconhecida sempre, por todas as culturas humanas.

A análise dos tipos de verdade nos ajuda a saber o que estamos buscando. Mas, como poderemos ter certeza de termos achado a verdade? Como vamos saber? A maioria das pessoas assume que a sua mente é lógica, e que a sua lógica é infalível. Elas pensam que serão capazes de reconhecer a verdade ao vê-la. Acreditam que as suas mentes funcionam de acordo com a verdade, como um computador, e que os dados processados pelo computador, a evidência dos sentidos, também são verdadeiros. Afinal, é como o antigo ditado “ver para crer”.

Será mesmo? As ilusões de óptica são tão comuns, que já deixaram de surpreender-nos. Mas as ilusões lógicas são ainda mais comuns. Falácias, inconsistências, duplas intenções – as nossas mentes estão saturadas de todas elas. A realidade é que o homem comum é bastante ilógico.

Em que medida nossos pensamentos são realmente determinados pela razão e até onde eles sofrem a influência do meio ambiente? Um psicólogo chamado Asch projetou uma experiência visando determinar a resposta para esta pergunta.

A experiência de Asch foi conduzida no *campus* de uma grande universidade. Sete indivíduos foram levados para uma sala e disseram-lhes que iam passar por um teste de percepção sobre a sua

capacidade para julgar tamanhos. Destas sete pessoas, somente uma estava sendo testada, mas não quanto à sua percepção. Os outros seis eram assistentes, pagos pelo Dr. Asch para tentar confundir o verdadeiro objetivo do teste. Mas ela, é claro, não sabia disso.

As sete pessoas ficaram sentadas numa sala. Pendurado na parede havia um quadro com duas linhas traçadas. Uma linha tinha 25 cm de comprimento e, a outra, 30 cm. As duas linhas estavam próximas e era bastante óbvio que a linha de 30 cm era a mais comprida.

A cada pessoa foi perguntado qual das duas linhas era a maior. Primeiro, a pergunta foi formulada aos seis assistentes. Cada um deles declarou, com a maior certeza, que a linha de 25 cm era a mais comprida. Quando finalmente a pergunta foi feita ao sujeito real do teste, o estudo verificou que em 60% de todos os casos, ele afirmava que a linha de 25 cm era mais longa que a de 30 cm.

O que acontecia com uma pessoa que não concordasse, que pertencesse aos 40% independentes que sustentam que a linha de 30 cm era mais comprida que a outra? Os seis assistentes contratados davam risada dela, ridicularizando o seu erro tão óbvio. Quanto mais ela insistisse, mais ela era atacada pelos outros seis. O estudo constatou que, sob tamanha pressão, outros 30% acabavam admitindo que a linha de 25 cm era mais comprida que a de 30 cm.

Este estudo testou tanto estudantes quanto professores daquela universidade. Demonstrou, conclusivamente, que sob uma pressão social suficiente, nove entre dez pessoas podiam ser persuadidas de que uma linha de 25 cm era mais comprida que uma de 30 cm. No final, eles até defendiam a sua conclusão, com grande convicção.

Ao serem entrevistados depois, os indivíduos que estavam sendo testados alegavam todo tipo de pretexto: talvez tivesse sido o ângulo pelo qual tinham visualizado o quadro ou quem sabe os seus olhos

estivessem irritados naquele dia. Eles ficavam pouco à vontade ao perceberem que tinham sido enganados, mas, de fato, eles tinham sido belamente enganados. Imagine! Somente uma pessoa entre dez foi capaz de sustentar a sua convicção, de que uma linha com 30 cm de comprimento é mais comprida que uma de 25 cm.

Nós, leitores, temos a vantagem da compreensão tardia. Conhecemos o propósito e os resultados do teste e podemos supor, sem hesitar, que jamais teríamos nos deixado enganar assim! Mas, será que é assim mesmo? Infelizmente, a maioria de nós pertence aos 90% que dão o braço a torcer. Caso contrário, a maioria não totalizaria 90%. Temos tendência a pensar como pensam os nossos vizinhos, a acreditar nas mesmas coisas que nossos amigos acreditam. Muito poucos de nós assumiram uma posição impopular dentro do seu círculo de amigos, nem defenderam suas convicções contra grandes pressões sociais. Muito poucos de nós são capazes de enfrentar a multidão.

Com frequência, nossa busca pela verdade fica nublada, às vezes totalmente encoberta pelas pressões do grupo. Isto é especialmente verdadeiro em se tratando da busca da verdade Divina. O comparecimento a um templo pode estar na moda hoje em dia, mas as convicções religiosas profundas, não. Uma pessoa com convicções religiosas profundas, em muitos casos, precisa resistir a intensas pressões exercidas pelo grupo.

Infelizmente, na maioria dos casos, temos a tendência a rejeitar os ensinamentos básicos da nossa religião, não porque eles careçam de lógica, mas porque não são suficientemente populares. Se quisermos manter-nos fiéis à nossa fé, devemos pensar por nós mesmos. Mas, quantas vezes temos êxito nisso?

“A repetição de uma mentira com bastante frequência faz com que o povo acabe acreditando nela, como se ela fosse uma verdade.”

Adolf Hitler (que o seu nome possa ser apagado para sempre), demonstrou o poder da sua máxima favorita, transformando uma nação de pessoas decentes, lógicas, esteticamente sensíveis, num gigantesco manicômio, uma das nações mais sangrentas da história.

Repita uma mentira muitas vezes e as pessoas acabarão acreditando nela. Noventa por cento de todas as pessoas são influenciadas pela pressão do grupo. Somente uma em dez pensa por si mesma. Você é essa pessoa?

Como reconheceremos a verdade quando nos depararmos com ela? A lógica falha; a estética muda com o tempo; e as nossas convicções mais profundas são afogadas pelo clamor da multidão. De modo que a busca pela verdade, de todas as verdades, mas – especialmente – da verdade Divina, exige resistência, exige todo e qualquer pequeno esforço teimoso de resistência do qual sejamos capazes. Então, a busca tem início num pedido de ajuda: “Purifica os nossos corações para servir-Te na verdade” (Livro de Orações). Somente com essa ajuda, podemos ter expectativa de sucesso.

NÃO DEIXE QUE A CULPA SEJA A SUA RUÍNA



Uma vez, ouvi um famoso psiquiatra falar sobre os aspectos psicológicos do suicídio. É muito difícil entender o suicídio, porque quando você reflete bem sobre isso, fica muito difícil imaginar como uma pessoa pôde, de fato, tirar a própria vida. Até quais profundezas do desespero uma pessoa foi levada antes de destruir a própria existência? O que acontece dentro da mente de uma pessoa quando ela decide dar este passo final, fatal? O psiquiatra ressaltou que muitos suicídios originam-se de culpa não resolvida, resultados de um pecado cometido contra um semelhante, contra D'us, ou até mesmo contra si mesmo. O sentimento de culpa desta pessoa é grande demais para ser suportado, e ela começa a ter pensamentos de não existência. A destruição do seu próprio ser torna-se, na sua mente, uma alternativa aceitável para uma vida sobrecarregada por este poderoso sentimento. Ela desconhece outra maneira de fugir da culpa, não sabe de outro caminho novo para começar, e assim só pensa em acabar com tudo, de uma vez.

Uma vez, esta questão entrou na minha casa, com uma clareza quase elétrica. Quando estávamos morando em Washington, havia em nosso prédio uma família com a qual tínhamos laços de amizade.

Na época, não sabíamos que o marido estava sendo infiel à sua mulher. Ele mantinha o seu segredo muito bem guardado, mas não conseguia ocultar a vergonha de si mesmo. Quem pode imaginar as labaredas infernais que assolavam a sua mente? Desgarrado entre a sua culpa e os seus desejos, já não aguentava mais a pressão. Numa noite, levou a perua da família até uma área deserta, puxou uma mangueira do escapamento para dentro do carro por uma janela, preencheu cuidadosamente o espaço em volta dela com cobertores, e deu partida no motor. O seu corpo foi achado na manhã seguinte e o seu rosto apresentava a coloração rosada característica da intoxicação por monóxido de carbono. Deixou uma viúva e quatro órfãos, e nós nos perguntamos o que era pior, enganar a esposa ou deixar uma viúva com quatro filhos sem pai, numa situação tão patética? Como era possível que este homem tivesse tirado a própria vida, quando tinha tantos motivos para viver?

Com base no acontecido, ficamos pensando como explicar o fato de uma pessoa ser capaz de cometer suicídio? Com certeza, qualquer tipo de vida seria preferível a morrer cometendo um suicídio! Mas não compreendemos o poder da consciência humana, a essência interior que julga as ações de cada pessoa. No melhor dos casos, ela pode ser um juiz muito severo; no pior, um tirano impiedoso.

Cada um de nós tem algum tipo de código moral, alguma sensação do que é certo ou errado. Todos sentimos que temos alguma forma de consciência, alguma diretriz para o caminho da vida. É interessante notar que até mesmo aqueles que dizem não acreditar em D'us, proclamam que acreditam na ideia do bem e do mal. Com efeito, eles insistem em dizer que honram os ditames de sua consciência, com mais rigor do que o fazem aqueles que acreditam em D'us. Alguns agnósticos vão até o extremo de dizer que o motivo pelo qual não acreditam em D'us não é que tenham menos amor pela

religião, e sim mais amor pela própria consciência! Há muitas pessoas por aí afirmando não acreditar na alma humana, porém apoiando-se muito na ideia de uma consciência humana, no seu conceito interno do bem e do mal. Você pode imaginar um paradoxo maior que esse? Exatamente as pessoas que negam a D'us, que recusam a alma, não conseguem deixar de temer a consciência que é a voz da alma, a voz interior de D'us.

Mas afinal, o que é esse déspota misterioso, esse tirano interior, esta consciência humana, que eleva a sua voz cada vez que lhe desobedecemos, e que pode levar um homem ao desespero e à morte? Em certa ocasião, uma criança disse que a consciência era “o que faz tão mal, quando todo o resto faz tão bem”. Muitos filósofos e moralistas que estudaram a consciência humana também não conseguiram chegar a uma definição muito melhor que essa. O filósofo alemão Arthur Schopenhauer tentou analisá-la, como um cientista analisa um composto químico. Ele declarou que a consciência humana era composta de partes iguais de medo, superstição, preconceito, vaidade e hábito. Contudo, a maioria de nós tem conceitos mais elevados desta voz interior. Nós a temos como o juiz supremo que determina o que está certo ou errado, o que é o bem e o mal.

Até mesmo esses tímidos agnósticos, que acreditam pela metade, e que duvidam pela metade da substância da sua própria meia dúvida, têm alguma crença na consciência, mesmo sem D'us, e sem a alma. Naturalmente, isto é puro contrassenso. Se não há D'us, então nada é bom ou ruim; não há certo, nem errado. Todo conceito de uma consciência que pretenda diferenciar o certo do errado, o bem do mal, nada mais é do que ilusão. Se não há uma alma, então o ser humano é um animal bruto, nada mais do que isso e, por mais que tentemos disfarçar este fato, um animal bruto não pode ter consciência. Se nos

livramos de D'us, se jogamos para longe a alma humana, e ainda queremos ser lógicos, precisamos ir até o fim, e desembaraçar-nos de todos os conceitos do certo e do errado, de todas as ideias de consciência. Não podemos comer nosso bolo espiritual e, ao mesmo tempo, tentar aferrar-nos a ele. Mas, não importa qual seja a sua origem, todos nós temos alguma sensação interna que nos diz que algumas coisas estão certas e outras erradas; que algumas são boas e outras são ruins. Todos sentimos o agudo apelo da consciência, a voz dentro de nós pronunciando julgamentos sobre os nossos atos. É um juiz que condena sem piedade e exila sem compaixão. Muitas vezes, ele pode sentenciar-nos a uma vida na prisão, dentro da cela de culpa e vergonha por aquilo que fizemos a nós mesmos. Para muitas pessoas, a única saída desta prisão é o suicídio, seja ele o ato de tirar a própria vida, o suicídio do álcool ou dos narcóticos, o suicídio de um colapso nervoso, o suicídio do isolamento ou de uma doença mental, ou o suicídio de dedicar a própria vida a escapar da vida. Quando uma pessoa aceita a própria consciência como único juiz, a única fuga desta jurisdição é a fuga da vida.

O famoso solilóquio de Hamlet expressa bem este conceito, em poesia intemporal. Hamlet é atormentado pela dúvida, o medo e a culpa, e exclama a pergunta que está na ponta da língua de tantas pessoas:

Ser ou não ser: eis a questão.

É mais nobre sofrer na mente

As lanças e flechas da fortuna exacerbada,

Ou armar-se contra um mar de problemas,

E lutando contra eles, vencê-los.

Morrer, dormir –

Nada mais – e com um sono, dizermos que damos fim

À dor e aos mil choques naturais

Dos quais a carne é herdeira! É uma consumação

A ser devotamente desejada. Morrer, dormir ...

(Hamlet III; 55-64)

O ser humano é o seu mais severo juiz. Suponhamos que desejássemos satisfazer completamente a nossa consciência, arrependendo-nos de todo o mal que fizemos na vida. Você consegue imaginar a dimensão dessa tarefa? Seríamos obrigados a pensar retroativamente, a lembrarmos de todas as palavras pronunciadas que possam ter ferido alguém, palavras que provocaram dor, que castigaram como um chicote algum coração sensível, palavras que angustiaram um amigo, aqueles que mais amamos. Precisaríamos recordar todas as coisas que fizemos ao longo dos anos; todas as coisas das quais agora nos envergonhamos; todos os atos que feriram outrem, que roubaram um pouco da sua paz e alegria, que lhes causaram dor. Teríamos de dizer à nossa própria consciência: “Eu sou culpado de todas estas coisas. Tenho de suportar o castigo que mereço por justiça”. O tribunal do nosso coração fixaria a penalidade: quanto sofrimento deveríamos aguentar, quanta punição teríamos de receber, qual seria o castigo por magoar o coração de uma pessoa, por ter mentido, por alimentar uma suspeita sem fundamento, por dizer algo cruel, desagradável. De quanto seria cada punição? Se fôssemos capazes de lembrar-nos de cada ano, cada mês, cada dia da nossa vida, e se nossa consciência, plenamente lúcida e sem compaixão, tivesse de cobrir-nos com o castigo justo por todas as nossas más ações, nosso coração ficaria esmagado, pois não seríamos capazes de suportar o seu peso. Ficaríamos gritando o tempo todo, como a agonia de Caim: “Meu pecado é grande demais para que possa suportá-lo!”. Talvez o salmista tenha sentido os mesmos ataques de remorso, ao exclamar: “Pois minha vida transcorreu na pena, e os meus anos na dor, minhas forças falharam, *por causa do meu pecado*, e os meus ossos consumiram-se” (Salmos 31:11). Porém, o salmista

prossegue: “Mas eu confiei muito em Ti, ó Senhor, e eu disse: ‘Tu és o meu D’us’” (31:15).

Muitos acham que podem viver a vida sem uma religião formal, estabelecendo os seus próprios padrões de moralidade. É claro que todo ser humano pode projetar o seu próprio código de comportamento e padrão ético, mas o que acontece quando ele não consegue ficar à altura dos seus próprios padrões elevados? A culpa pode corroê-lo, em carne e ossos. O seu pecado pode ser a sua ruína, pois não há ninguém que possa perdoá-lo.

A nossa era, na qual tantas pessoas confiam somente na sua própria consciência, tornou-se a era dos tranquilizantes e estimulantes, dos colapsos nervosos, do alcoolismo e do vício das drogas. Entre os judeus ortodoxos de épocas passadas, entre as pessoas que viviam de acordo com um código de conduta muito mais estrito que o nosso, essas comoções eram muito menos frequentes. Quando uma pessoa aceita a lei Divina, um código moral dado por D’us, ela já não é mais forçada a sofrer a tirania da sua consciência. Somente D’us, o Pai de todas as piedades, o Tribunal Compassivo, é o seu juiz. O mesmo D’us que nos ensinou o que é certo e o que é errado, também nos ensinou que quando uma pessoa lamenta os seus pecados e se arrepende, ela é perdoada. Foi isto que D’us disse ao rei Salomão, após a conclusão das obras do primeiro Templo em Jerusalém: “E se o meu povo, que é chamado pelo meu nome, se curvar, orar e buscar a minha face, e retornar dos seus maus caminhos, então Eu ouvirei dos céus, perdoarei os seus pecados e curarei a sua terra.” (Crônicas II 7:14).

Cada pessoa pode escolher como viver a sua vida. Ela pode ser o seu próprio juiz, sujeito à regra de uma consciência cruel e impiedosa, acoissando-a com os açoites violentos da culpa, ou ela pode aceitar a D’us como o seu juiz, um D’us piedoso e compassivo, que demora

para enfurecer-se, e pleno de piedade. Ser o seu próprio juiz significa viver sem esperança de perdão, enquanto que aceitar a D'us como o seu juiz é abrir os portões do perdão e da indulgência, é ser capaz de começar tudo de novo e apagar o que está escrito no quadro-negro. D'us sabe que o ser humano, mortal, não pode nunca viver de acordo com um código legal, seja ele autoimposto ou Divino e, portanto, a menos que haja um meio de renovação pessoal, alguma maneira pela qual uma pessoa possa limpar-se do pecado, ela nunca poderá livrar-se do tremendo poder da culpa. Achamos um ditado talmúdico em nome de Rabi Ishmael: “Não fosse o fato de D'us ter criado o arrependimento, se todos os dias Ele não nos estendesse a Sua Mão para receber aqueles que voltam para Ele, então o mundo não poderia existir”.

O judeu fiel não fica limitado pelo seu pecado. Ele sempre pode recorrer a um D'us acolhedor e benévolo Que é seu interlocutor para todos os momentos, seja quando o fiel está sozinho no seu quarto à noite, ou no meio de um grupo, rezando, para confessar o seu pecado perante o Todo-poderoso e implorar o perdão.

D'us nos deu esta promessa através do Seu profeta, Isaías: “Se os teus pecados são vermelhos como o escarlata, podem tornar-se brancos como a neve; se são vermelhos como carmim, podem ficar brancos como a lã” (Isaías 1:18). “Se buscas ao Senhor teu D'us, tu O acharás quando O estiveres procurando com todo o teu coração e com a tua alma inteira” (*ibid.*, 43:25).

O descrente não tem a liberdade de escolher esta libertação da culpa, tão enriquecedora da vida. Ele precisa buscar uma fuga da não realidade, os narcóticos, ou o esquecimento pelo suicídio. Porém, ninguém deve pensar jamais que apenas porque se manteve afastado de D'us a vida inteira, já não lhe resta nenhuma esperança. Nada poderia estar mais longe da verdade! Neste cânon de arrependimento,

Maimônides escreve que, mesmo que uma pessoa tivesse de passar a vida inteira blasfemando e pecando contra D'us, Ele sempre estaria disposto a aceitá-la de volta, a apagar o quadro-negro e a deixá-la recomeçar. Seja ele jovem ou velho, nunca é tarde demais. D'us disse ao profeta Isaías: “Eu haverei de varrer as tuas transgressões para longe, como uma névoa, e os teus pecados, como uma nuvem. Volta a Mim, pois Eu te redimirei” (*ibid.*, 44:22).

Temos uma chance de livrar-nos de todo pecado e culpa, uma oportunidade de começar uma página nova. D'us nos deu esta oportunidade. Atrevemo-nos a desprezá-la?

PROCURE SE DAR UM TEMPO LIVRE



A sociedade moderna foi descrita, corretamente, como uma sociedade de oportunistas e de pessoas que vivem em busca de *status*. Manter o mesmo nível dos Jones não é suficiente – todo mundo está tentando superá-los. Vivemos num medo constante de sermos rejeitados pelos grupos certos, e temos pavor de misturar-nos com os grupos errados. Queremos que o mundo fique sabendo que “chegamos lá”. Talvez não percebamos, mas uma parte cada vez maior dos nossos esforços está sendo investida em rodear-nos de símbolos de *status*. Temos a expectativa de que estas posses influenciem aqueles que nos julgam, e esperamos que nossa riqueza material estabeleça alguma distância social entre nós e aqueles que consideramos nossos inferiores. Temos de ter uma residência no bairro certo, precisamos dirigir o carro do ano, usar os cartões de crédito mais prestigiados, e pertencer às instituições mais procuradas. Todos estamos sob a pressão constante de termos de nos adaptar a esta competição, e todos sofremos com a tensão decorrente disto.

Para ter uma ascensão social bem-sucedida é necessário estar pronto para fazer muitos sacrifícios. A pessoa tem de descartar os seus valores e amigos, e estar disposta a mudar o seu

comportamento. Ao unir-se a esta corrida social, talvez ela sinta que o endereço do seu lar, ou o do seu clube, esteja impedindo o seu progresso. Até mesmo o templo que frequenta pode tornar-se uma barreira e, assim, ela muda de amigos, de valores, e de crenças à medida que vai subindo cada degrau da escala social. Com toda certeza, ela vai se sentir desesperada e assustada pelo interminável processo de luta social. Vai encontrar-se em constante esforço financeiro, tentando rodear-se de evidências visíveis do *status* que espera adquirir. Estará constantemente pendente da mídia massificada – a propaganda divulgada na televisão, na imprensa escrita e no rádio – que a discriminam, tirando vantagem do seu esforço para cumprir com essas incessantes pretensões materiais.

Em gerações anteriores, esta correria constante ao sucesso social era virtualmente desconhecida. Cada indivíduo conhecia a sua posição na sociedade, e se conformava com ela. Se o seu pai era pedreiro, então ele também ia ser pedreiro. Se o seu pai fosse agricultor, ele também viveria do trabalho na terra. Hoje em dia, cada um de nós quer subir acima das limitações do seu pai, e o que era bastante bom para nós na adolescência já não é tão bom para os nossos filhos.

Tudo isto seria admirável, se não provocasse o nosso próprio suicídio sociológico. À medida que escalamos, com unhas e dentes, a subida que nos leve para além da posição social de nossos pais, geralmente fazemos os nossos melhores esforços para esquecê-los completamente. Em vão, tentamos desassociar-nos de tudo o que nos possa lembrar deles. Deixamos para trás a sua imagem de mundo velho, as suas tradições, os seus valores, até a sua fé.

Numa sociedade consagrada a aferrar-se à riqueza material, dedicada à cega adoração de Mamon, nem D'us, nem a fé parecem ter muito valor. A religião se transforma numa espécie de brincadeira.

Quão sábio foi o profeta Moisés, ao predizer esta era, quando profetizou exatamente o que iria acontecer nos dias de hoje:

Ieshurun assim tornou-se gordo e rebelde. Tu engordaste, engrossaste, ficaste obeso. A nação abandonou o D'us que a fez, e rejeitou O poderoso que era o seu suporte.

(Deuteronômio 32:15-18)

Moisés prosseguiu na descrição das terríveis consequências de tal comportamento:

Eu amontoarei o mal sobre eles, golpeando-os com as Minhas flechas. [Eles ficarão] inchados de inanição, consumidos pela febre, dizimados pela peste amarga. Eu enviarei contra eles animais dentados, com criaturas venenosas que se arrastam na poeira.

(*ibid.*, 32:23-24)

Um castigo assim é inevitável? Pode haver uma cura para toda uma sociedade viciada neste clamor louco pelo *status* e a riqueza? Na verdade, há. Porém, em vez de simplesmente instruir-nos para que abandonemos nossa luxúria pela riqueza, a Torá nos ensina um caminho melhor. A Torá nos proporciona uma experiência melhor, a festividade de *Sucot*. Em *Sucot*, mandam-nos parar, interromper nossa luta pelo *status* e o sucesso, e lembrar-nos dos nossos humildes começos.

Durante [esses] sete dias, deves viver em cabanas cobertas de palha. Todos os que estão em Israel têm de viver nessas cabanas cobertas de palha. Isto é para que as gerações futuras saibam que Eu mandei a todos os israelitas viver em cabanas, quando os tirei do Egito.

Eu sou D'us vosso Senhor.

(Levítico 23:42)

Também aquele que mora numa grande mansão ou numa enorme fazenda recebe a ordem de abandonar tudo e passar sete dias numa *sucá*, numa pequena cabana coberta de palha. Temos ordem de parar com nossa interminável ascensão social, voltar ao passado e lembrar-nos dos nossos pais, que moravam em simples choupanas ao ar livre. Em *Sucot*, esquecemos as nossas buscas materiais, para lembrar-nos do Senhor, nosso D’us.

Há um segundo mandamento importante em *Sucot*, o das quatro espécies:

No primeiro dia, debes pegar para ti uma fruta da árvore da cidra, uma folha de palmeira ainda não aberta, ramos de mirto e de chorão [que crescem perto] de um córrego. Debes experimentar alegria perante D’us, durante sete dias.

(*ibid.*, 23:40)

O *Midrash* nos proporciona um comentário interessante sobre esta *mitsvá*. Ele observa que cada uma dessas quatro espécies tem o seu próprio *status*: a cidra ou *etrog* tem sabor e fragrância; a folha de palmeira ou *lulav* exala sabor, mas sem fragrância; o mirto tem fragrância, mas sem sabor; e o ramo de chorão não tem nem sabor, nem fragrância (*Vayikra Rabá* 30).

Assim é com a humanidade. Há alguns que são sábios, com o gosto pelo aprendizado, mas que são capazes de menosprezar os ignorantes, como se estes não fossem úteis para D’us, nem para o ser humano. Há outros que têm riqueza, que possuem a fragrância dos ricos, que podem dar apoio a muitas instituições religiosas, e fazer obras de beneficência. Eles estão aptos para sentir que a riqueza é tudo o que há de mais importante, que pessoas sem dinheiro são pessoas sem valor. Se o sábio é tão esperto, “Por que ele não é rico?”.

Mas as Escrituras nos mandam pegar as quatro espécies, amarrá-las juntas, para cumprir o mandamento Divino. Temos de aceitar

todas as pessoas juntas, sejam elas ricas ou pobres, instruídas ou ignorantes. Temos de colher o orgulhoso *etrog*, que tem tanto gosto quanto fragrância, tanto riqueza quanto cultura, mas também temos de ter um galho do chorão, inferior, sem gosto nem aroma, sem nada para mostrar, pobre e ignorante. Temos de amarrá-los todos juntos, para formarem uma única irmandade, para servirem a D'us. Enquanto estivermos deixando um de fora, não teremos cumprido nossa obrigação.

Contudo, é altamente provável que deixemos de lado os pobres e os ignorantes. Vivemos numa sociedade muito estratificada. Muitos de nossos filhos nunca conheceram, nem nunca falaram com uma criança que saiba o que é ter alguma carência, de verdade. Muito pelo contrário, vivemos numa era de luxo sem precedentes, onde todas as nossas necessidades materiais são satisfeitas imediatamente, onde realmente temos alimento em excesso, onde muitas crianças dispõem de mesadas maiores do que uma família inteira da geração anterior poderia gastar.

Temos a sensação de que esta é uma situação muito admirável. É assim que as coisas devem ser, e não há perigo em se viver no meio de toda esta abundância. Mas talvez tenhamos de dar uma olhada mais atenta à nossa complacência.

Uma experiência recente, executada por um ornitologista austríaco, aponta para este perigo. O professor Otto Koenig, de Viena, reuniu um grupo grande de garças e alojou-as num cercado muito amplo, onde podia observá-las. Ele permitiu que as aves tivessem total liberdade e conforto. Com apenas um movimento, elas podiam ter acesso a todo o alimento que precisassem. Havia água suficiente para beber e tomar banho, e uma quantidade inesgotável de materiais para construir ninhos. Os pássaros tinham tudo o que precisavam – uma existência de lazer quase completo.

Em condições normais, esses pássaros desenvolvem uma sociedade que se assemelha à nossa sob vários aspectos, inclusive com fortes sentimentos de responsabilidade familiar. Mas quando foram submetidos a uma vida de total facilidade, quase todos os padrões de existência familiar e grupal foram interrompidos. O cuidado com os filhotes era administrado a esmo; às vezes, os ovos eram tirados do ninho e quebravam, e em outros casos, três fêmeas tentavam no mesmo instante capturar o mesmo alimento para dar aos seus filhotes. Normalmente, garças jovens exibem uma independência extraordinária, mas quando eram criadas em meio ao luxo e sem ter de lutar por nada, viviam no mais completo lazer e aprendiam muito pouco sobre a luta pela sobrevivência. Pássaros adultos ainda eram alimentados como filhotes, pelos seus pais, ou até mesmo avôs. Com frequência, filhotes atacavam pássaros jovens até a morte, exercendo uma forma de canibalismo desconhecida em condições normais.

As experiências do professor Koenig com pássaros lançam uma luz bastante esclarecedora sobre os nossos próprios problemas humanos. Quando observamos muitos dos problemas que afetam nossa juventude – a sua insegurança, a sua falta de independência, a taxa alarmante de delinquência juvenil, o vício das drogas e a libertinagem sexual – e quando nos perguntamos o que fizemos de errado, é provável que possamos encontrar a resposta nas experiências do professor Koenig. Talvez tenhamos produzido uma sociedade que sirva somente para os pássaros!

Um dos filósofos norte-americanos mais destacados foi Henry Thoreau. Ele queria provar a si mesmo que o ser humano podia fugir dos males do mundo comercial. Em 1845, foi até os bosques próximos de Walden Pond, onde morou sozinho durante dois anos levando uma vida quase de eremita. Construiu a sua moradia com as próprias mãos, gastando apenas 28 dólares. Pescava, caçava e

cultivava os seus próprios vegetais. Ganhava o pouco dinheiro de que precisava, fazendo “bicos”.

Durante a sua estadia nos bosques, escreveu um diário, que publicou mais tarde sob o título *Walden*, um dos grandes clássicos da literatura americana. Thoreau pregava um retorno à natureza, com a sua inocência e simplicidade; um retorno a um verdadeiro sistema de valores, sem as complicações do clamor do mercado, com a sua vã ambição de *status* e posição social; um retorno a uma vida divorciada dos valores espúrios dos que se esforçam constantemente para subir na escala social.

A festividade de *Sucot* é o *Walden* da Bíblia. Ela nos chama de volta para a simplicidade e inocência da natureza intocada. A *sucá*, a cabana desta festividade, é uma coisa esplendorosa, colorida, porém sem nenhuma cor artificial. Estamos tão habituados a melhorar a aparência de tudo o que vemos – pintar, passar pó de arroz, retocar –, que poucas vezes enxergamos a beleza intocada da natureza. E quando a enxergamos, ficamos maravilhados.

A *sucá* nos lembra que é impossível melhorar a beleza da natureza, por mais habilidade que tenhamos. O máximo que podemos conseguir é tentar aproximar-nos dela. A *sucá* é construída na intempérie, frágil e desprotegida; ela não pode ser montada sob o refúgio de uma árvore, por exemplo. No entanto, está aí, como uma fortaleza resistindo às forças da natureza, e trazendo alegria ao coração das pessoas. Ela faz com que o homem agradeça a beleza da natureza, elevando-o numa oração a D’us. A *sucá* é feita com a substância da terra: todos os seus componentes crescem na sujeira. Porém, pela sua beleza simples, ela limpa todas as trivialidades do coração.

Talvez seja significativo o fato de *Sucot*, hoje em dia, ser uma das nossas festividadeas mais esquecidas. Num mundo de materialismo

grosseiro, não há lugar para o Divino, o espiritual, nem para o que é belo por natureza. Há pouco espaço para a fé do passado, para a tradição, a santidade ou a verdade. Portanto, a pobre *sucá* fica abandonada e indefesa, à mercê dos ventos da mudança. A sua decoração, ontem nova e brilhante, foi arrancada por mãos ávidas, os seus lindos frutos foram devorados por bocas gulosas. Estamos tão ocupados, sempre correndo; será possível que possamos achar sete dias para passarmos na *sucá* – ou apenas sete minutos, ou o tempo suficiente para colocar a cabeça dentro da *sucá* e pronunciar uma bênção? Sempre tão atarefados, sabemos para onde estamos indo?

A festividade de *Sucot* é período no qual nos detemos para buscar uma direção, descobrir para onde estamos correndo. Relaxamos durante uma semana, sentados em uma *sucá*, voltamos à simplicidade de um passado distante, encoberto pela névoa do tempo transcorrido, para renovar nossa fé nas coisas simples da vida. A *sucá* está aguardando por nós, com a sua mensagem de beleza e simplicidade, acenando: “Entre, relaxe e pare de correr, faça uma pausa para desfrutar verdadeiramente da vida!”.

POEIRA DA TERRA



A época da criação, como relatada na Torá, culmina na formação do primeiro ser humano: “E o Senhor D’us formou o homem com a poeira da terra, e Ele insuflou nas suas narinas um fôlego de vida, e o homem tornou-se uma alma viva” (Gênese 2:7).

Vamos imaginar-nos sendo transportados retroativamente no tempo até a origem exata do homem inteligente. Podemos visualizar Adão abrindo os olhos, o primeiro ato realmente humano no mundo. Podemos vê-lo, alto e nu sobre a terra vermelha, os seus olhos escuros cheios de curiosidade, brilhantes de inocência perfeita e sem fim. Podemos ouvir a primeira batida do seu coração, sentimos a circulação morna do seu sangue, a força nos seus braços e pernas, a passagem do ar pelos seus pulmões. Podemos aspirar os doces aromas dos bosques e das flores pelas suas narinas, ver o vento despenteando o seu cabelo, sentir o seu frescor sobre a pele jovem dele.

Observamos a expressão estampada no seu rosto, espelhando a compreensão que lentamente cresce em sua mente. Esta sensação de uma grande Presença fora de si mesmo aumenta à medida que um espírito entra nele. Olhamos com respeito como ele experimenta a

pura gratidão por esta Presença que está sentindo, de Quem o formou a partir da poeira da terra, e de Quem lhe deu a vida.

Ao abrir os olhos pela primeira vez, Adão emergiu do nada. Um instante antes ele não existia; no seguinte, era uma alma viva, olhando para um mundo novo, e para a face do seu Criador. Naquele momento singular, no qual se tornou uma alma viva, Adão não podia experimentar medo nenhum. O mundo inteiro era o seu jardim e o Criador tinha lhe dado as boas-vindas.

O *Midrash* nos diz que a primeira ação de Adão foi abençoar a D'us. Não havia perguntas no coração deste primeiro homem, nenhum dos quebra-cabeças que iriam atormentar os seus descendentes. Ele não tinha necessidade de perguntar. “De onde estou vindo? Por que estou aqui? Para onde irei quando partir?”. Adão não precisava formular essas perguntas tão simples, porém profundas. O mundo era novo e desconhecido, mas Adão podia perceber a presença reconfortante de D'us, e sentir-se em casa.

O mundo inteiro era o reino de Adão. Tudo era perfeição, beleza e conforto. A sua única restrição era o mandamento que D'us lhe deu: “Poderás comer livremente de todas as árvores do jardim, mas da Árvore da Sabedoria do Bem e do Mal não comerás, pois no dia em que comeres dela, com certeza morrerás”. Adão deve ter percebido que o mandamento era muito simples, pouco mais do que apenas uma prova de obediência a D'us, que tinha lhe dado a vida. Mas D'us estava lembrando a Adão as suas obrigações morais.

Depois D'us criou a mulher, Eva, para que fosse a companheira do primeiro homem. Durante um tempo muito curto, delicioso, viveram no Jardim do Éden em verdadeiras condições paradisíacas. Mas no jardim havia uma serpente; uma serpente fora do comum, que tinha patas e podia falar. O que essa serpente era exatamente, nós não sabemos. Alguns dizem que o Espírito do Mal tinha se corporizado

numa serpente. O *Midrash* afirma que uma criatura parecida com uma serpente, com o dom da fala, tinha sido criada especialmente para servir o homem.

O que quer que essa estranha criatura fosse, o seu propósito estava claro. Ela sorriu para Eva. A sua voz era amável, e tinha a sua própria melodia. Ela parecia genuinamente interessada no bem-estar de Eva. Mas ao mesmo tempo era também bastante descarada. “É verdade que tu não podes comer frutos de nenhuma das árvores do Jardim?”. A expressão de Eva revelava que se divertia com uma pergunta tão tola. Ora, ela podia comer tudo o que quisesse! Havia apenas uma exceção, e ela contou para a serpente. O sorriso da estranha criatura deixou transparecer a sua astúcia. “Qual deles?”.

Eva lhe disse simplesmente, sem ressentimentos, que era proibido comer da Árvore da Sabedoria, pois fazê-lo seria um ato de desobediência a D’us, que tinha lhes dado tudo, inclusive a própria vida. Ela acrescentou: “Com certeza morrerei, se desobedecer ao mandamento de D’us”.

A serpente olhou para Eva, com incredulidade. “Superstição tola!”, disse. Inclinou a cabeça para trás e deu uma sonora gargalhada. Como alguém podia acreditar numa bobagem dessas? O *Midrash* nos diz que esta “serpente na grama” pegou um bom pedaço da fruta, sorriu maliciosamente para Eva e disse, ainda rindo: “Eu comi o fruto! Olhe! D’us não me fulminou com a morte! Com certeza você também não vai morrer!”. O estranho ficou mais próximo dela, confidencialmente, e a sua voz se reduziu a um suave sussurro. Como era possível que Eva não compreendesse por que D’us tinha lhes negado exatamente essa coisa? “No dia em que comeres do fruto desta árvore, os teus olhos abrir-se-ão. Serás como D’us, conhecerás o bem e o mal”.

Todos nós sabemos como acabou a história: “E Eva pegou o fruto, e o comeu, e deu também ao seu marido junto a ela, e ele comeu”. Mas este relato, com os seus elementos peculiares – um Jardim do Éden, frutos proibidos, serpentes falantes – tem uma aura mística. Para compreendê-lo, precisamos nos aprofundar nos escritos dos místicos.

Um dos grandes místicos judeus foi o líder chassídico Rabi Yaacov Itschac, conhecido como o Choze, o Seer de Lublin. O Choze prestou muita atenção ao trecho no qual a serpente disse “Serás como D’us, conhecerás o bem e o mal”. É necessário ser como D’us para conhecer o bem e o mal? Adão e Eva já não tinham compreendido esses conceitos antes de comer o fruto da árvore proibida? A verdade é que tanto Adão quanto Eva, sem dúvida, tinham conhecimento do bem e do mal no momento da sua criação, mas esse conhecimento era de natureza meramente acadêmica; eles ainda não tinham transposto a brecha entre a teoria e a prática.

Uma pessoa que lê e estuda um assunto consegue obter um certo grau de compreensão. Alguém que esteja de fato trabalhando com este assunto possui um conhecimento mais amplo. E esta pessoa, por sua vez, não tem a perícia daquele que descobriu ou inventou o assunto. Por exemplo, um homem pode passar anos estudando motores, examinando diagramas e lendo manuais. Ele vai acabar entendendo as teorias, mas nunca será capaz de consertar um motor, até ter experimentado com as suas próprias mãos o que um mecânico faz. Até mesmo um mecânico experiente não terá tanto conhecimento como o homem que projetou e construiu um motor a partir de rabiscos. É por este motivo que D’us possui o conhecimento mais completo de todas as coisas. D’us as criou, e somente Ele pode sondá-las em toda a sua profundidade.

Foi isso o que o Espírito do Mal disse a Eva: “Agora, o teu conhecimento do bem e do mal é somente acadêmico. Você tem o conhecimento do estudante, não do artesão. Você já ficou sabendo do mal; você sabe que ele é contra a vontade de D’us, mas você nunca o criou. Se você comer o fruto da árvore, então você terá a D’us – como conhecimento. Assim como D’us conhece o universo, na qualidade de Criador dele, você também conhecerá o mal, como criadora dele”. Ou, como o *Midrash* interpreta este trecho, exatamente como D’us criou o Seu universo, você criará o seu próprio universo – do mal.

A serpente mentiu. O conhecimento que o homem tem do bem e do mal nunca pode igualar-se ao de D’us. D’us criou o bem e o mal como duas entidades muito separadas entre si. Foi no homem que o bem e o mal se confundiram. Não somente o homem justifica os seus atos mais baixos, como ele os faz aparecer como virtudes. Por exemplo, Hitler rotulou o assassinato de seis milhões de judeus como o ato mais nobre da história da humanidade. Muitas vezes, encontramos-nos num mundo virado de ponta-cabeça, onde os maus são elogiados como santos, e os bons odiados como demônios.

D’us “faz a paz e cria o mal” (Isaías 45:7). O mal que D’us criou, na realidade, é o poder que Ele deu ao homem, e que lhe permite agir como se a onipotência não existisse. Com este poder, o homem tem livre escolha absoluta. Ele fica livre, tanto da tirania da sua natureza, quanto da obediência à vontade de D’us. Se assim não fosse, seria totalmente impossível que alguém cometesse um pecado contra D’us. “Olhai, estabeleço perante ti este dia, a vida e o bem, assim como a morte e o mal... Eu chamo o céu e a terra como testemunhas... neste dia, que Eu determinei entre a tua vida e morte – a bênção e a maldição – mas tu haverás de escolher a vida, para que possam viver, tu e os teus filhos” (Deuteronômio 30:16-19).

No Jardim do Éden, D'us alertou Adão sobre as suas obrigações morais. De modo muito similar, também sabemos de nossas obrigações morais. Temos de usar nosso poder sabiamente e escolher o caminho certo, o caminho da Árvore da Vida.

O CHAMADO DO SHOFAR



Na antiguidade, o *shofar* era utilizado para reunir o povo. Hoje em dia, ele é empregado em *Rosh Hashaná*, o dia em que os judeus do mundo inteiro se reúnem nas suas sinagogas. É provável que muitos dos que comparecem não tenham pisado a sinagoga o ano inteiro, mas quando *Rosh Hashaná* se aproxima, é como se houvesse um *shofar* nos seus corações, chamando-os para se reunirem, exclamando: “Venham, filhos Meus, voltem, ó Israel, para o vosso Senhor, vosso D’us”. O apelo é tão sonoro e claro como a explosão de uma trombeta, e nenhum judeu vivo pode ignorá-lo.

Assopramos o chifre de um carneiro para recordar o grande sacrifício que Abraão se dispôs a fazer, e o carneiro que ele sacrificou no lugar do seu filho Isaac. A estória aparece no segundo capítulo do Livro da Gênese. A sua lição é universal.

Vamos imaginar-nos transportados de volta no tempo, quase 4.000 anos*. Vemos o patriarca Abraão avançando penosamente através de um campo árido e infértil, lutando contra o vento, na terra de Canaã. De repente, um enlevo, um êxtase inimaginável toma conta dele. Ele ouve uma voz à qual já aprendeu a obedecer e que lhe inspira confiança, a voz de D’us. É a mesma voz que lhe prometeu um

filho, na velhice; a mesma voz que lhe prometeu que os seus filhos iriam ser tão numerosos quanto as estrelas do céu. É a voz que, há muitos anos, ordenou-lhe que deixasse a sua terra natal, partir da casa do seu pai. É uma voz que prometeu muitas coisas, e nunca decepcionou a sua confiança.

Nesta tarde ventosa, esta voz vem a Abraão mais uma vez, com clareza, de dentro da profundidade da sua alma. A voz chama o seu nome: “Abraão! Abraão!”.

O velho homem fica imóvel, no campo árido varrido pelo vento. Ele olha em volta. Nenhuma alma à vista, mas ele reconhece a voz de D’us. Sem hesitar, ele grita: “Olhe, aqui estou”.

Em seguida, ouve a voz novamente, mais forte e constrangedora. “Abraão! Pega o teu filho, o teu único filho, o que tanto amas. Pega Isaac e vai à terra de Moriá. Leva-o à montanha que haverei de mostrar-te, e ali oferece-o em sacrifício ardente”.

Então, a voz cala-se. Somente o assobio do vento ao cair da noite, como que brincando com um homem idoso, parado no crepúsculo. Abraão olha diretamente para a frente, com a mente num redemoinho de confusão. “Ó voz de D’us Todo-poderoso, Tu não podes estar querendo dizer o que acabei de ouvir! O meu filho?! Meu Isaac?! Meu querido e adorado filho, a alegria da minha velhice, a promessa do meu futuro? O filho querido do riso, Isaac, ser abatido como um animal sobre o altar, a sua carne que adoro, queimada em sacrifício! Será que estou tendo um pesadelo?”.

Está escurecendo, e os pensamentos de Abraão começam a clarear. Ele ficou parado durante horas, exatamente no mesmo ponto onde ouviu a voz. Agora, começa a andar na escuridão. A ordem não foi ilusão. O Todo-poderoso, o Criador, o D’us Um, o Verdadeiro D’us, o D’us Único falou com seu servo mais obediente, Abraão. A voz fora inconfundível. A ordem fora clara. Abraão aprendeu a amar o

seu filho com um amor mais profundo que as nascentes do deserto. Contudo, enquanto vai caminhando através dos seus campos, com a luz prateada da lua lançando seu brilho sobrenatural sobre o trigo e a cevada, Abraão se pergunta: “Eu amo a D’us mais do que tudo nesse mundo, ou eu amo Isaac mais do que amo a D’us?”. O velho Abraão está sendo testado, como nunca nenhum mortal tinha sido testado.

Durante a noite toda, Abraão se vira em sua barraca, um velho solitário a quem foi pedido que renuncie a um filho, mais querido que a própria vida. Após uma noite muito agitadada, Abraão já sabe que não pode negar nada ao seu D’us. Na primeira claridade do amanhecer, ele levanta do leito e em silêncio coloca a montaria sobre o seu velho burro branco. Sem uma palavra, ele pede a dois dos seus criados e ao seu filho, seu querido filho Isaac, que o ajudem a carregar uma pilha de madeira sobre o burro. Depois, eles partem, em silêncio.

Durante três dias, eles viajam através do vale dourado e maduro de Mamre, sempre em frente, através das colinas cobertas de bosques. O tempo todo, Abraão caminha em silêncio. Ele não consegue falar nem sequer uma palavra ao seu filho. O seu rosto bronzeado é como uma máscara de pedra, e o brilho profundo dos seus olhos é como um fogo ardendo na profundidade de uma caverna. Finalmente, Abraão avista o Monte Moriá, ao longe. Ele pede aos seus dois criados que fiquem atrás, com o burro. Carrega a madeira sobre as costas fortes do jovem Isaac. No cinto, ele carrega pedras afiadas para acender o fogo e, oculto nas suas vestes, um punhal.

Os dois caminham juntos, pai e filho, sozinhos pelas encostas do monte. Nenhuma palavra é pronunciada entre eles. Isaac, de repente, ousa quebrar o silêncio, e diz: “Pai, parece que vamos rezar e oferecer um sacrifício. Temos a madeira e as pedras, mas não vejo o cordeiro para a oferenda”.

Abraão fecha os olhos e contém as lágrimas. O que pode dizer ao seu filho único querido, Isaac? Ele murmura: “D’us fornecerá o sacrifício, meu filho”.

Isaac não diz nem mais uma palavra, e marcha calado ao lado do pai. O jovem rapaz nunca poderia imaginar que a madeira que carrega está sendo levada para queimar o seu próprio corpo, e que há uma faca especial no cinto do seu pai, destinada a cortar-lhe a garganta. Eles sobem mais e mais, até que por fim chegam num pequeno planalto, no topo da montanha. Isaac observa seu pai, juntando pedras e empilhando-as cuidadosamente para construir um altar. Ele ajuda o pai a dispor a madeira sobre o altar e, após isso, o seu pai lhe indica que deve estender as mãos.

Antes mesmo de perceber o que está acontecendo, os seus pulsos já estão firmemente amarrados com tiras de couro. Logo, os seus calcanhares são rapidamente amarrados, tudo sem que o velho tenha proferido nenhuma palavra. Será que o seu pai está fazendo algum tipo de brincadeira? Ele procura o olhar do seu pai, por uma resposta, e vê somente lágrimas. O seu pai está tremendo. Algo de muito errado está acontecendo.

A pergunta que formulara antes volta-lhe à memória. Onde está o carneiro para o sacrifício? Abruptamente, já percebe. Ele próprio é o carneiro! A sua face fica muito pálida, os seus olhos giram rapidamente. É prisioneiro, não há a mínima chance de escapar. Suavemente, o velho levanta-o e coloca-o sobre a pilha de madeira no altar. Como em câmara lenta, ele vê o seu próprio pai sacar uma faca de debaixo das suas vestes e dirigi-la para a sua garganta. Isaac fecha os olhos. Ele sente o metal gelado na pele, e tudo fica confuso.

Abraão segura a lâmina contra a garganta do seu filho, vacilando, tentando reunir coragem para terminar o ato. De repente, ele ouve a

voz outra vez, ressoando como o trovão numa tempestade de verão, imperativa e urgente: “Abraão! Abraão!”.

Ele treme, deixa a faca no chão, e responde: “Olhe, aqui estou”.

Mais forte que nunca, a voz responde: “Não ponhas a tua mão sobre o rapaz. Não faças nada a ele, pois agora Eu sei que temes a D’us, porque não retiveste o teu filho único de Mim”.

Abraão não ouve mais nada. Através dos olhos cegados pelas lágrimas, ele vê um carneiro detrás de um monte de pedras, preso pelos chifres nos arbustos. O animal para o sacrifício ardente estava esperando ali mesmo. O teste terminou.

Nossos pais aprenderam com o exemplo de Abraão. Nenhum sacrifício era grande demais para ele. Fosse qual fosse o pedido – ir até a sinagoga depois de um dia de trabalho esgotante, ou ficar em jejum para não ingerir um alimento proibido, ou renunciar à própria comida quando se está com muita fome, para doá-la a algum necessitado –, eles responderam ao chamado, como o fez nosso primeiro pai, Abraão. “Olhe, aqui estou, pronto, sem hesitar.” Num dia e época quase esquecidos, o judeu comum comparecia à sinagoga duas vezes por dia. No inverno mais cruel, ele levantava da cama morna para enfrentar o amanhecer gelado, e andava contra a neve e o vento, para rezar. Em meio ao calor sufocante do verão, o jantar tinha de esperar até que as orações vespertinas tivessem sido cumpridas. Nem o calor do dia, nem o frio da noite poderiam impedir o judeu mais fraco e adoentado de cumprir com as suas orações na sinagoga, dia após dia.

Mas hoje, o judeu de duas vezes ao dia degenerou num judeu de duas vezes ao ano. Um artigo na revista *Time* mostrou que 78% da comunidade judaica nunca entra numa sinagoga a não ser nas Grandes Festas. A reza diária está fora de cogitação. Os serviços de sexta-feira à noite não combinam com as nossas diversões tão

aconchegantes, um jogo de basquete, o programa favorito na TV, ou um jantar importante. Nossos pais estavam dispostos a sacrificar as suas próprias vidas por D'us, mas, ao que tudo indica, nós não queremos sacrificar nem uma pequena porção do nosso conforto.

Muitos judeus acham que podem comprar o seu caminho para o céu, dando apoio às causas judaicas. Eles são os “judeus beneméritos”, desejosos por apoiar o judaísmo, mas negando o seu convívio dentro dele. Todavia, isto dificilmente pode ser considerado como um sacrifício uma vez que 13% da renda média de um indivíduo é gasta em teatro, esportes e férias; aproximadamente 7% em bebidas, cigarros e balas, e apenas 2% na religião. Isto não merece ser chamado de sacrifício. O judaísmo espera muito mais do que isso.

Na Lei Judaica há um padrão para a doação que nunca foi questionado pelos nossos antecessores: “Se uma pessoa deseja cumprir o preceito de doar de todo coração, ela deve doar a quinta parte da sua renda para a caridade judaica. Da pessoa comum exige-se a décima parte da sua renda líquida. Aquele que doar menos que um décimo é considerado avaro” (*Shulchan Aruch, Yorê Deá 249:1*). Comprar um ingresso para o céu não custa pouco. Nosso nível de doação fica à altura das expectativas da nossa fé, ou confiamos em boas intenções, num bom coração judeu?

Rabi Avraham Kochev-Lev, o falecido líder da comunidade chassídica de Breslav em Jerusalém, disse uma vez que há um lugar no céu que está completamente vazio, exceto por ganchos, grandes ganchos dourados. Suspenso em cada um desses ganchos há um coração humano, latejante. O Rabi dizia que esses são os “bons corações judeus”, que encontraram o seu caminho para o céu.

Não obstante, o verdadeiro lugar de um bom coração judeu está no serviço a D'us, através das orações. Um bom coração judeu é um coração devoto, que deseja morar na casa do Senhor. Por mais de

2.500 anos a sinagoga tem sido o centro de toda a vida judaica e o ponto focal da comunidade judaica. A pessoa que recusa a si mesma a sinagoga está se negando uma fonte constante de alimento espiritual e uma parte vital da sua identidade. Ela também está se privando da irmandade das centenas de gerações que fizeram da sinagoga o seu lar. E está se negando uma comunhão com D'us, a nascente de todo o sentido da vida.

Os nossos avôs e bisavôs tinham uma máxima: “*Es iz shver tzu zein a yid* – É difícil ser um judeu”. Mas as coisas boas da vida nunca são fáceis de conseguir; e o muito fácil de ser conseguido muitas vezes é suspeito de ter pouco valor. É verdade, é difícil ser judeu, mas precisamos recordar a lição de Abraão, internalizar o chamado do *shofar* e estarmos preparados para o sacrifício, dando todo o nosso tempo, esforço, caridade e amor.

* O que segue é baseado na interpretação de *Ibn Ezra*, tal como referido pelo *Orach Chaim*.

UMA CIDADE SEM MUROS



Ouvimos diversas teorias sobre as causas do antissemitismo, mas entre todas elas, uma das mais interessantes e recentes é a apresentada pelo proeminente escritor judeu Maurice Samuel. Ele oferece o cenário a seguir:

Uma criança diz que odeia o seu professor de hebraico. Quando lhe perguntam o porquê disso, ela não consegue explicar, nem sequer para si mesma. Ela pode colocar justificativas e racionalizações para os seus sentimentos, mas estes demonstram ser simples pretextos e, obviamente, não são os motivos reais. Quando examinamos as suas respostas e tentamos compreender as suas motivações, achamos uma verdade surpreendente. Não é o professor de hebraico que a desagrada, mas a escola judaica. A criança gosta de jogar futebol e, se pudesse, jogaria todas as tardes da semana. Mas ela não pode, porque a escola judaica é um obstáculo. Não é do professor que ela não gosta, é de não poder participar dos jogos de futebol. No seu subconsciente, a criança transfere o seu ressentimento contra a escola judaica para a pessoa mais imediatamente responsável pelo fato de ela ter de perder os jogos, e ela expressa em voz alta que odeia o seu professor de hebraico!

Maurice Samuel escreve que esta mesma transferência de ressentimento provavelmente também seja responsável pelo antissemitismo. Há dois mil anos, somente uma proporção muito pequena das pessoas do mundo eram judeus; a vasta maioria eram pagãos. Restam poucas dúvidas de que fosse muito mais fácil ser pagão do que ser judeu. Afinal, existe um monte de regras morais e éticas que constituem uma parte do judaísmo, e os pagãos podiam ignorá-las, todas.

Contudo, quando a religião cristã foi fundada e a maioria dos povos civilizados do mundo tornou-se cristão, as pessoas já não podiam mais ignorar essas regras éticas. Elas já não podiam mais “jogar futebol” sempre que quisessem, porque agora tinham uma obrigação moral a preservar. Exatamente como a criança do nosso exemplo tinha ressentimento contra o seu professor de hebraico, porque a escola judaica lhe recusava a liberdade para jogar futebol, o pagão, subconscientemente, tinha raiva do seu professor de moral, que lhe negava a vida livre e fácil do gentio.

O responsável por isto foi Jesus, um judeu, cujos ensinamentos, que mais tarde desenvolveram-se na cristandade, surgiram, em última instância, dos princípios morais judaicos. No entanto, o povo tinha medo de culpar Jesus abertamente e, assim, transferiram este ressentimento contra ele para abranger toda a nação judaica.

Um estudo da história mostrará que os judeus realmente incomodavam os seus vizinhos nos antigos tempos pagãos. Eles não conseguiam compreender por que os judeus se sentiam revoltados pelos seus exageros na bebida e em outras formas de libertinagem, especialmente quando cometidas sob o pretexto da religião. Frequentemente, os pagãos iam aos seus templos não para rezar ou orar, mas para se dedicarem às orgias mais obscenas, e para se oferecerem aos deuses como expressão de sua adoração religiosa.

Baco nada mais era que o deus da embriaguez; Vênus era a deusa da luxúria. O ideal pagão foi muito bem expressado pelo poeta persa Omar Khayam, que escreveu:

Beber vinho e fazer alegria – esse é o meu
esquema de vida;
Não prestar atenção aos heréticos nem aos
devotos – esse é o meu credo.

Hoje em dia, este ideal está no bom caminho para tornar-se o credo das massas. A depravação perambula pelas ruas das nossas grandes cidades. Em Nova York, as autoridades municipais precisaram decretar que as boates fossem fechadas antes do amanhecer para que os trabalhadores honestos, a caminho das suas tarefas, não sejam insultados pela embriaguez e indecência universais, exibidas sem a mínima vergonha nestes túmulos modernos de Baco e Vênus.

Sabemos que nenhum homem peca sem colocar-se pretextos. Antes que uma pessoa possa adaptar-se a esta sociedade impudica, ela precisa ter uma filosofia de vida que desculpe a entrega a todos os seus desejos, e que repudie todo apelo à autonegação. Essa recomendação tão confortável, contudo, não é totalmente convincente para o verdadeiro filósofo; o que dizer então do moralista, pois a necessidade de autodisciplina não precisa de nenhuma prova teológica? Um pouco de conhecimento da natureza humana será o suficiente.

A natureza humana é boa e má. Em algum lugar do ser humano há um transtorno primitivo que não apenas coloca a natureza humana contra D'us, mas também contra os seus próprios interesses mais elevados. Aqueles que tão confiantemente invocam a filosofia desinibida da “psicologia”, costumam esquecer o efeito psicológico primário da culpa após uma pessoa ter feito alguma coisa contrária ao

nosso próprio código moral. Eles deixam o fenômeno mais importante da história humana sem explicação. Não apresentam nenhuma teoria que possa dar alguma razão ao sentido humano do certo e do errado.

Com muita frequência, as pessoas falam de evolução e civilização, mas a certa altura do processo elas falham, não reconhecem o verdadeiro significado destas palavras. Se o ser humano tivesse sido feito para liberar as suas inibições sempre, nem a civilização, nem a evolução, seriam possíveis. De acordo com a teoria da evolução, o ser humano foi capaz de evoluir de um indivíduo selvagem para o *Homo Sapiens* controlando aquilo que é animalesco em sua natureza. Ele teve sucesso ao tornar-se um verdadeiro ser humano pela ênfase e o cultivo dos elementos, no seu ser, que o tornam um homem.

Não precisamos de nenhuma revelação Divina para nos ensinar este simples fato. Ele pode ser deduzido por simples lógica e senso comum: se você permite a um animal fazer o que ele quiser, sempre que ele quiser, não fique surpreso se um dia ele se virar contra você e deixá-lo em pedaços. O mesmo se dá com os desejos animais do homem. Se eles forem descontrolados, aniquilarão o próprio espírito do homem, e a humanidade regredirá para o paganismo.

Talvez sintamos o jugo que suportamos, e talvez sintamos desconforto ao reprimir nossos instintos animais, mas com toda certeza, a civilização vale o esforço. Os arautos da civilização moderna, que trouxeram ao mundo o conceito do autocontrole, através dos seus próprios exemplos, foram os nossos antecessores. Os judeus da antiguidade tinham uma filosofia de vida e um código de ética que, unido a um espírito totalmente abrangente da Torá, deram à sua cultura uma característica de autodisciplina, inclusive nos seus atos mais prosaicos. Dormir, despertar, lavar-se, vestir-se e até mesmo as funções corporais mais básicas, todos eram atos

governados pela Lei Divina. “Coloquei D’us perante mim o tempo todo e a todo momento”, era o lema deles. A vida era vivida na presença de D’us.

O Talmude relata uma estória notável, que ilustra bem este ideal. Rabi Akiva, um dos nossos maiores líderes religiosos, considerava Rabi Yehoshua como um homem de atributos Divinos, um homem com quem se podia aprender. Uma noite, Rabi Akiva escondeu-se debaixo da cama de Rabi Yehoshua para ver como ele se levantaria, vestiria e lavaria na manhã seguinte. Mais tarde, ele relatou este incidente ao seu companheiro Ben Azai. Ben Azai repreendeu o Rabi, perguntando-lhe como pudera fazer algo de um nível tão inferior à sua dignidade como líder, algo que mostrava tamanha falta de respeito ao sagrado Rabi Yehoshua. Rabi Akiva respondeu que todas as ações humanas eram governadas pela Lei Divina; que até mesmo as tarefas mais triviais continham a sabedoria da Torá, e que ele estava determinado a aprender (*Berachot* 62a).

No século XIII, quando Rabi Yaacov ben Asher escreveu os seus *Quatro Pilares da Lei Judaica*, ele denominou o primeiro Pilar, o primeiro livro, *Orach Chaim*, o Estilo de Vida. O judaísmo é mais do que mera fé ou filosofia. É um código contínuo de autodisciplina que surge não de alguma coerção externa, mas de uma convicção profunda.

Conta-se uma história sobre Rabi Levi Itschac de Berditchev. Uma vez, o governo russo czarista proibiu a importação de todo o tabaco de procedência turca. Todo aquele que fosse flagrado de posse desse contrabando seria severamente punido. Um dia, durante a Páscoa, Rabi Levi Itschac pediu aos discípulos um pouco de tabaco turco para o seu cachimbo. Eles se dispersaram pelo gueto e, pouco depois, voltaram com vários pacotes de tabaco, o suficiente para encher uma lata grande. Em seguida, Rabi Levi Itschac disse aos seus

seguidores que precisava de um pedaço de pão. Todos olharam para ele, atônitos, e protestaram: “Mas Rabi, é Páscoa, não temos pão!”.

A expressão do Rabi ficou mais grave. Ele repetiu: “Eu lhes ordeno, como seu Rabi! Procurem pelo gueto inteiro e me tragam um pedaço de pão”. Os seus discípulos percorreram todo o gueto, revistando todas as casas, uma por uma. Muitas horas mais tarde, voltaram para o Rabi Levi Itschac e disseram que lamentavam muito, tinham passado um pente fino pelo gueto e não tinham conseguido achar nem uma pequena casca de pão.

Então, Rabi Levi Itschac levantou o olhar e disse: “Mestre do Universo, vê como os Teus filhos são fiéis. O Czar tem centenas de soldados, polícia e agentes protegendo as suas fronteiras, vigiando para que nenhum tabaco turco entre neste país e, no entanto, em poucos minutos, posso obter todo o tabaco que eu quiser. Mas Tu, ó D’us, somente uma vez deste aos Teus filhos um mandamento, não ter pão nas suas casas durante a Páscoa, e até hoje não é possível achar nem uma migalha”.

Este conceito da disciplina interna era tão incompreensível para o pagão da antiguidade como atualmente o é para o pagão moderno, seja ele judeu ou de outra crença. Os antigos gregos ou romanos não tinham maneira de compreender a profunda sede pelo Divino que mantinha viva esta autodisciplina. Eles ridicularizavam os antigos judeus, mas os seus julgamentos de valor eram muito duvidosos. Os romanos podem ter crucificado pessoas vivas em cruces de madeira em nome da justiça, mas eles ficavam horrorizados perante a prática judaica da circuncisão. Eles ofereciam escravos indefesos contra animais selvagens por pura diversão, mas chamavam os judeus de bárbaros porque estes celebravam, na Páscoa, a libertação do homem da escravidão. Os antigos patrões obrigavam homens e animais a trabalharem sete dias na semana, sem piedade, até desmaiarem de

exaustão, e encaravam com desdém nosso *Shabat*, que proporcionava descanso para todos por igual, o homem livre e o escravo. Se uma criança nascesse com um rosto ou nariz que não fosse do agrado dos seus pais, os “graciosos” gregos expunham a criança à morte, e davam risada dos judeus “sem graça”, que rechaçavam este costume. Os antigos judeus não consideravam a luxúria animal como a forma mais nobre do amor humano. Eles colocavam o dever para com D’us acima dos prazeres do homem. Por causa disto, os antigos gregos e romanos desprezavam os judeus, como se fossem bárbaros.

O mesmo acontece hoje em dia com o pagão moderno. Ele passa as suas horas sentado em frente da televisão, como se ela fosse o ídolo da família, e engole tranquilizantes como quem mastiga pipoca. Não obstante, ele olha com desprezo para o judeu autodisciplinado e observante, e o chama de fanático. Mas é exatamente este autocontrole que torna o homem um ser humano civilizado.

“Como uma cidade que foi destruída e não tem muros, assim é o homem que não tem controle sobre o seu espírito” (Provérbios 25:28). Liberar as inibições do homem equivale a libertar as suas paixões; e se libertarmos todas as paixões do ser humano, estaremos destruindo a raça humana. Haveremos de anular o pouco de civilização que ainda temos; perderemos o que foi tão difícil de conquistar para tão grande número de gerações de disciplina e autonegação. Se fizermos tudo o que quisermos, dentro de um ou dois séculos ficaremos reduzidos a hotentotes e canibais, ou seremos apagados da face da terra, num holocausto nuclear.

Contudo, através dos tempos, os nossos mestres foram percebendo que é necessário algo mais para que o homem se torne um ser perfeito. Depois de ter sujeitado a paixão à razão, a pessoa precisa submeter a paixão e a razão, ambas, a D’us. Somente então ela pode ocupar a sua posição legítima na criação. O homem não é um

simples animal; ele nem sequer é apenas um homem. O homem é uma criação de D'us e ele não pode ser plenamente ele mesmo a menos que o racional vença o animal, e que tanto o racional, quanto o animal, reconheçam a sua obediência ao Divino.

VALE A PENA SALVAR O JUDAÍSMO?



E quanto a Mim, este é o Meu pacto com eles, diz o Senhor: Meu espírito, que está acima de vós, e Minhas palavras, que coloquei na vossa boca, não haverão de se afastar das vossas bocas, nem das bocas dos vossos filhos, nem das bocas dos vossos netos, diz o Senhor, nem agora nem nunca.

(Isaías 59:21)

É comum que os judeus expressem o seu orgulho de serem judeus. “Eu tenho orgulho de ser judeu”, é um lema comum. Uma vez, ouvi falar sobre um rabino que era um pouco cético a respeito disso e, assim, ele utilizava um “detector de mentiras” escondido dentro da manga para determinar se as pessoas estavam de fato sendo sinceras quando lhe diziam ter orgulho de serem judias. Se durante o curso de uma conversa com o rabino, uma pessoa declarava “Eu sou judeu, e me orgulho disso!”, o rabino tinha uma frase padrão: “Eu fico contente por você ter orgulho de ser judeu, porque sem dúvida você tem toda a aparência de um judeu!”. Primeiro, a pessoa olhava para o rabino, para ver se ele estava só brincando. Quando ela percebia que ele estava falando sério, ela ficava vermelha,

constrangida, e emitia um risinho oco. Talvez ela tivesse orgulho de *ser judia*, pelo menos isso era o que ela dizia, mas, com certeza, ela não estava muito orgulhosa de *ter aparência de judia*. Esta cena repetia-se indefinidamente.

Se uma pessoa não gosta da sua aparência, então provavelmente ela não gosta do jeito que ela é. A autoimagem física de um ser humano é um dado muito revelador da totalidade da sua autoimagem. O pequeno experimento do rabino parece mostrar que muitos judeus não gostam muito de si mesmos. Não importa o que digam, bem no fundo, eles se sentem infelizes por serem judeus. E se este for o caso, ele levanta uma questão muito legítima: Vale a pena salvar o judaísmo?

Muitos jovens judeus estão se fazendo exatamente esta pergunta. Enquanto a geração anterior pergunta se o judaísmo sobreviverá, a geração mais nova se pergunta se ele deveria sobreviver. O judaísmo é digno de ser salvo? A maioria das barreiras entre as religiões foi derrubada; eles veem pouca diferença entre os seus amigos judeus e os seus amigos não judeus. Muitos dos nossos jovens abandonaram o judaísmo sem nenhum escrúpulo, e muitos casaram-se fora da fé, sem o mínimo sentimento de culpa.

O problema se torna especialmente agudo na área dos casamentos mistos. Muitos jovens, todos eles muito apaixonados, me pediram para casá-los. Quando um casal misto, um judeu e um cristão, vem a mim, apesar de eu compreender aquilo que eles estão passando, vejo-me obrigado a responder, com grande tristeza, que não posso celebrar a cerimônia. Quando eles me perguntam por que o judaísmo não reconheceria o seu amor mútuo, eu lhes digo, honestamente, que é uma questão da lei religiosa judaica. O judaísmo não reconhece a existência do casamento entre um judeu e um não judeu de nenhuma maneira, forma ou jeito.

Algumas vezes, eles insistem: “E se nós conseguirmos que outro rabino faça a cerimônia?”, me perguntam. Eu digo a eles que nem todas as cerimônias do mundo poderiam legitimar uma união dessas. A lei judaica consideraria um casal assim, como não sendo casado; eles estariam vivendo em pecado. Quando me perguntam como o judaísmo pode ser tão cheio de preconceito, a minha resposta – a única resposta – é que o povo judeu sempre foi uma minoria muito pequena; se os casamentos mistos fossem permitidos livremente, o judaísmo não poderia ter mantido a sua identidade e teria se esfumado, há muito tempo. Invariavelmente, este casal que está tão pessoalmente afetado pela minha afirmação me faz algumas perguntas muito específicas: É desejável que o judaísmo exista como uma entidade separada, à parte do mundo não judaico? Não seria melhor que tivéssemos um só mundo, uma só religião? Se realmente acreditamos na igualdade e irmandade de todos os seres humanos, por que temos de ficar separados por barreiras religiosas?

Responder a essas perguntas é realmente muito difícil, porque apesar de entendê-las, não as internalizamos. Estas perguntas não são resultado da nossa experiência. O judaísmo tem implicações emocionais muito fortes para nós, e nós temos um interesse muito grande na sobrevivência judaica. Ainda nos lembramos dos nossos avôs; atravessamos um dos momentos mais trágicos da história, e alguns dos mais gloriosos, também. Outrossim, o judaísmo tem muitas lições para ensinar, além daquelas sobre D’us. O judaísmo tem uma história, uma cultura, e pelo menos um idioma de interesse. Ele tem uma pátria, instituições e organizações. O judaísmo tem uma dimensão étnica muito forte. O judaísmo pode até ser experimentado em termos de emoção e nostalgia, numa dimensão estética. De fato, houve muitos escritores que tiveram grande sucesso, ou assim parece, justificando o judaísmo sem nenhuma base teológica, em absoluto.

Portanto, nossa resposta imediata é: É claro, o judaísmo deveria sobreviver! É claro, o judaísmo é digno de ser salvo! Surpreende-nos até que essas perguntas sejam feitas.

Todavia, nem todos os jovens judeus compartilham esses laços. Muitos deles não estão interessados na nossa organização tribal emocional. Eles estão à procura de uma resposta lógica que seja significativa para *eles*, e relevante para os *seus* problemas. Portanto, precisamos colocar a pergunta como problema moral. Antes de formularmos a pergunta, de se o judaísmo deveria ou não sobreviver, temos de motivar os nossos jovens a enfocar outras perguntas relativas ao assunto: O judaísmo é bom? O judaísmo vale a pena? Ele tem alguma coisa para oferecer ao mundo? E, mais importante ainda, ele ainda tem alguma coisa para oferecer ao judeu? Somente depois disso, podemos perguntar qual responsabilidade, se houver alguma, o judeu tem de preservar a sua fé.

Poderia-se argumentar que os judeus são devedores ao seu passado e aos milhões de mártires que deram as suas vidas pelo judaísmo. Como se pode abandonar uma fé pela qual tantas pessoas deram suas vidas para preservá-la? A carga emocional deste argumento é tão grande, que é fácil perder de vista a sua fraqueza lógica. Somente vidas não tornam uma causa válida. Pessoas também já morreram por causas sem valor algum, e até mesmo por causas ruins. Houve pessoas que deram as suas vidas pelo nazismo, pelo comunismo, e para preservar a escravidão no sul. Mas nenhum de nós consideraria que essas causas merecem que se morra por elas, que se lute por elas, ou mesmo que sejam salvas.

Ao examinarmos o passado, percebemos que a causa do judaísmo tem muito a oferecer aos judeus e ao mundo... O judaísmo deu ao mundo a Bíblia e a ética judaico-cristã, produzindo a cultura mais bem-sucedida da face da terra. Porém, insistir que o judaísmo merece

sobreviver em virtude das suas realizações do passado é um argumento sem validade. Um velho poderia afirmar que merece viver para sempre por causa do muito que ele fez na juventude? De fato, muitas culturas fizeram grandes contribuições para a civilização, e depois, acabaram-se. Deveríamos nós revivê-las e preservá-las também?

Alguns podem argumentar que o judaísmo merece uma consideração especial, pois a sua contribuição foi única. A Bíblia deu ao mundo o sistema ético mais feliz, não uma peça de museu, mas uma parte vibrante da cultura mundial. Não obstante, isso também não é argumento válido para a sobrevivência judaica. Afinal, para tirar proveito da Bíblia, uma pessoa nem sequer precisa ser judia!

Com efeito, há argumentos emocionais muito fortes para a sobrevivência dos judeus, mas os argumentos lógicos são muito mais ilusórios, indefiníveis. Voltamo-nos para os nossos grandes pensadores e filósofos da antiguidade que, com certeza, refletiram sobre este problema. Enquanto sondamos os seus vastos textos em busca de uma resposta, é surpreendente descobrir que esta questão jamais incomodou os judeus. Eles acreditavam firmemente em D'us, e que D'us tinha uma missão especial para os judeus, que duraria pelo resto dos tempos. Os nossos sábios não perguntavam: O judaísmo deve sobreviver? Se D'us queria que ele sobrevivesse, com toda certeza ele iria sobreviver. A crença em D'us e a crença no judaísmo sempre foram sinônimos.

Contudo, o problema está nisso mesmo. Um número excessivamente grande de judeus não tem um compromisso muito sólido com D'us. Raramente Ele é levado em conta nas coisas do dia a dia. Uma pessoa pode dizer que acredita em D'us, mas é tido como ingenuidade levar D'us a sério nas questões "práticas". Como a sobrevivência dos judeus é um assunto muito prático, as pessoas

sentem que D'us tem de ser deixado fora disso. As dimensões teológicas do judaísmo são exatamente aquelas que são levadas menos a sério. Mas há uma coisa que deve ser lembrada: o judaísmo está enraizado numa certa maneira de olhar o mundo. Elimine esta maneira de encarar as coisas e, à luz fria da objetividade, o judaísmo se torna sem sentido. A sua história, se torna simplesmente uma relíquia, uma peça de museu. Se você rejeita as lembranças e as emoções, não há motivo lógico para a existência do judaísmo. Se o judaísmo tem de ser justificado, ele precisa incluir a D'us. Sem Ele, o judaísmo é só tribalismo. Se vale a pena salvar o judaísmo, ele tem de ser um judaísmo vivo, com uma filosofia para o mundo profundamente enraizada no D'us de Israel.

O judaísmo não só oferece significado para o presente, mas também uma promessa para o futuro, a promessa messiânica feita por um D'us sobrenatural, de maneira completamente sobrenatural. É uma promessa que faz voar a imaginação, o pulso bater um pouco mais rápido, que faz do judaísmo a ideia mais significativa de todas as que existem. É a promessa de D'us de que o mundo se tornará um lugar melhor; guerra e luta, injustiça e opressão desaparecerão. Haverá um mundo novo, e os judeus serão os fazedores deste mundo novo. Um grande espírito profético, similar àquele sob o qual foi dado o espírito da Bíblia, haverá de voltar quando todos os judeus estiverem novamente vivendo em Israel, em paz.

Quem melhor do que o judeu está qualificado para ensinar os ideais messiânicos ao mundo? Quem está melhor equipado para ensinar a paz ao mundo, do que os judeus, que ficaram sem exército por mais de 1.800 anos? Quem está melhor preparado para ensinar a justiça ao mundo, do que os judeus, que mantiveram a justiça no plano mais elevado durante toda a sua existência? Quem está melhor equipado para ensinar ao mundo a fraternidade, do que os judeus,

que pregaram a fraternidade ativamente, numa era em que a igualdade dos homens era quase desconhecida? Quem está melhor equipado para construir um mundo novo, do que os judeus, que sempre pregaram que D'us fará um mundo novo e melhor? Um judaísmo que está profundamente enraizado no D'us de Israel tem muito a ensinar ao mundo.

O Talmude nos ensina que há três períodos principais na história judaica. O primeiro período, de Abraão até a destruição do Segundo Templo no ano 70 da era cristã, é chamado período bíblico, período em que o judaísmo revelou os seus grandes ensinamentos universais para o mundo inteiro. Naquela época, esses ensinamentos eram dados ao mundo através do cristianismo e do islamismo. O segundo período abrange desde a destruição do Segundo Templo até o retorno dos judeus a Israel. Esse foi o período talmúdico, no qual o judaísmo recolheu-se dentro de si mesmo para construir um grande tesouro de força e ideologia interna. Agora, estamos nos aproximando do terceiro período, a Era Messiânica, quando mais uma vez os judeus irão ficar em seu próprio país, prontos para proclamar a sua mensagem universal ao mundo.

No primeiro estágio, o judaísmo era um réptil, comendo à vontade da árvore da vida. No segundo período o judaísmo retraiu-se para o casulo da autorrealização. Agora, a borboleta está se preparando para emergir, e elevar-se às maiores alturas, para levar o resto do mundo junto com ela.

Vale a pena salvar o judaísmo? Não. Não, enquanto estivermos sentindo a obrigação de formular esta pergunta. Mas com a ajuda de D'us, o judaísmo existirá. E no plano de D'us, o judaísmo precisa existir. Com efeito, ele demonstrará que é a coisa mais importante que já aconteceu no mundo.

A RESISTÊNCIA À GUERRA NA LEI JUDAICA



Recentemente, a ética do pacifismo e da resistência às guerras, por parte dos judeus, tornou-se um tema de intensos debates. Contudo, a maioria desses debates focaliza princípios morais gerais, onde tradicionalmente o judaísmo tem permitido uma ampla gama de opiniões. Pode-se argumentar, com razão, que grande parte disso seja questão de interpretação pessoal e que a guerra, sob determinadas circunstâncias, seja tão defensável no judaísmo quanto uma posição pacifista.

A única norma à qual o judaísmo clássico concede autoridade inequívoca é a da *Halachá*, a lei religiosa judaica, onde se podem citar afirmações não ambíguas e precedentes morais. Como no caso da lei secular, a pessoa que produz uma decisão ainda tem um poder considerável de aplicar a lei a um caso particular, mas as descobertas de uma autoridade haláchica têm a força de um ensinamento básico do judaísmo.

A principal questão haláchica contida em qualquer discussão sobre a guerra é a do extermínio da vida humana. O judaísmo proíbe matar, nos termos mais fortes, considerando a morte como o pior dos pecados. O assassinato faz parte da lista dos eternamente malditos,

como dizem a Escrituras: “Um homem carregado com o sangue de qualquer pessoa apressará os seus passos para o inferno, e ninguém o apoiará.” (Provérbios 28:17). O Talmude chega até o ponto de declarar que o motivo principal de a história de Adão estar incluída na Torá é ensinar-nos que a humanidade começou por uma única vida e, portanto, tirar a vida de uma única pessoa é equivalente à destruição de um mundo inteiro.

O assassinato é um dos três pecados cardeais que não podem ser violados, nem mesmo para salvar uma vida, sendo os outros dois a idolatria e o incesto. Maimônides escreve que, dos três pecados fundamentais, o assassinato é o pior, pois é um mal pelo qual não se pode jamais pedir o perdão da vítima. Tão grande é o pecado de tirar a vida de um inocente, que não é permitido matar nem sequer um único ser humano para salvar as vidas de todos os que formam uma comunidade.

Não obstante, há quatro casos em que a *Halachá* permite eliminar uma vida humana. São a autodefesa, a defesa de uma vida inocente, penalidades impostas pelos tribunais e a guerra.

Apesar de o judaísmo ensinar que não se pode matar uma pessoa inocente para salvar outra, esta regra não se aplica no caso da autodefesa. Quando uma pessoa ataca outra, ela é considerada pela lei como agressor, e como já não é mais uma “pessoa inocente”, pode ser morta em nome da autodefesa. Em conformidade com isto, o Talmude nos ensina: “Se alguém vier te matar, levanta-te e mate-o primeiro”.

Exatamente como a *Halachá* permite matar por autodefesa, ela exige que uma pessoa utilize todos os meios necessários para impedir a morte de um inocente, mesmo que isto signifique matar seu agressor. Porém, matar é o último recurso, absolutamente, e somente é permitido se todos os outros meios já foram esgotados, ou

eliminados, por serem impossíveis. Mesmo assim, isto não deixa de ser um verdadeiro assassinato.

O terceiro caso no qual se permite tirar a vida humana é na execução das penas de morte prescritas pela Torá, para serem executadas pelos tribunais. Ficava restringido às cortes de justiça nomeadas pelo *Sanhedrin*, a suprema corte e a legislatura do povo judeu. Não obstante, a pena capital foi abolida pelas cortes judaicas no ano 30 da era cristã e, desde então, nenhum corpo religioso teve o direito de tomar nenhuma decisão, em nenhum caso de vida e morte. Mesmo quando estavam em vigor, essas penalidades eram consideradas, primariamente, “leis dos livros”, projetadas para dissuadir criminosos em potencial. Na prática, elas quase nunca eram implementadas. De fato, o Talmude nos relata que toda e qualquer corte de justiça que tivesse se utilizado da pena de morte com a frequência de uma vez a cada setenta anos, era considerada sangrenta. Por último, quando o número de criminosos cresceu tanto que a pena de morte se tornou inevitável, ela foi abolida, completamente.

Outro fator que mitigava a existência de uma pena de morte no judaísmo era o rigor das regras das provas para os casos da pena capital, que tornavam virtualmente impossível para as cortes chegarem a um veredicto de culpa. Com efeito, algumas autoridades talmúdicas eram a favor de fazer das regras das provas algo tão coercitivo, que de fato abolissem a pena de morte completamente. Como fator mitigador adicional, as penas de morte não eram administradas por verdugos profissionais, mas pelas próprias testemunhas envolvidas no caso, dessa forma dissuadindo-as de testemunhar, a menos que as provas exigissem, esmagadoramente, tal punição.

O caso final no qual a morte de um indivíduo é permitida é em tempo de guerra. Todavia, é muito importante distinguir entre guerra

e defesa coletiva ou mútua. A *Halachá*, no que se refere à defesa coletiva, é apenas uma extensão do concernente à defesa individual. Assim como um indivíduo pode matar o seu agressor em defesa própria, os habitantes de uma cidade ou nação podem lutar e matar os membros de uma força agressora para salvar as próprias vidas. De maneira semelhante, cidadãos de uma terceira cidade ou nação podem lutar e matar os membros de uma força de ataque para salvar as vidas de um povo sitiado. Nesses casos, cada membro do exército atacante é considerado um agressor, e pode ser morto da mesma maneira que um agressor que age contra um único indivíduo.

A guerra é uma situação totalmente diferente. No caso da guerra, os membros do exército inimigo podem ser mortos mesmo não estando ativamente envolvidos no ataque. Enquanto na defesa de um grupo somente pode-se utilizar a força necessária para salvar vidas, a guerra envolve uma violência muito além desta medida. Na defesa de um grupo, não se pode punir o agressor após tê-lo subjugado, nem se vingar da sua pessoa, família ou propriedade, nem empregar violência desnecessária contra ele, o seu território ou a sua comunidade. Na guerra, ao contrário, há um padrão completamente diferente, pelo qual um grupo é rotulado de inimigo e, dentro das regras de guerra, pode empregar-se toda força e violência contra este grupo, para subjugá-lo e obrigá-lo a se render.

Historicamente, o judaísmo parece ter perdoado e até encorajado a guerra. O judaísmo clássico fala de dois tipos de guerra: *Milchemet Reshut*, guerra permitida, e *Milchemet Mitsvá*, guerra compulsória. Contudo, é importante notar que uma das principais autoridades haláchicas, Rabino Yechezkel Landau, escreve que hoje em dia não existem condições que possibilitem, de modo algum, um desses dois tipos de guerra. Não obstante, esses dois tipos de guerra merecem um estudo cuidadoso. A guerra compulsória inclui basicamente as duas

guerras prescritas pela Torá, a saber, a guerra contra *amalec*, e a guerra de conquista, quando os israelitas entraram em Canaã. Ambas as guerras foram consideradas obrigações religiosas do povo judeu como um todo, e enumeradas entre os 613 mandamentos da Torá.

Por causa da existência de um mandamento Divino de empreender uma guerra, muitas pessoas chegaram à conclusão de que o judaísmo ensina que guerra e vingança são virtudes, e que as guerras religiosas, ou santas, são perdoadas pela Torá. À primeira vista, esta afirmação parece ter um apoio sólido e, de fato, ambos esses mandamentos parecem manifestamente genocídios por sua natureza. No que diz respeito à guerra contra os nativos canaanitas, a Torá afirma: “Quando o Senhor vosso D’us entregá-los ao vosso poder e vós os vencerdes, deveis destruí-los totalmente – não fareis nenhum tratado com eles, nem lhes mostrareis piedade” (Deuteronômio 7:2). De modo semelhante, em relação a *amalec*, lemos: “Quando o Senhor vosso D’us vos der paz de todos os inimigos que vos rodeiam, na terra que Ele vos está dando, então havereis de apagar a memória de *amalec* daqui, debaixo do céu – não esqueceréis” (*ibid.*, 25:19). Mas esses mandamentos não são os genocídios que podem parecer à primeira vista, pois eles são mitigados por um terceiro mandamento: “Quando avançardes sobre uma cidade para atacá-la, primeiro deveis fazer a ela uma oferta de paz. Se a cidade aceitar esta oferta de paz e vos abrir os seus portões, então todos os seus habitantes render-se-ão e serão subjugados por vós” (*ibid.*, 20:10,11). De acordo com a maioria das autoridades haláchicas, este mandamento aplica-se inclusive à guerra contra *amalec* e os canaanitas e, portanto, até estes inimigos têm a opção de procurar paz e rendição. Logo, tais guerras não tinham caráter de genocídio por natureza e, como indica Nachmânides, com base em

numerosas fontes bíblicas, na realidade as nações nunca foram destruídas.

A própria existência destes mandamentos Divinos, de empreender a guerra, levanta mais uma questão importante. No que diz respeito às guerras e às vidas humanas, não se pode confiar no julgamento humano, por si só; a decisão concernente a essas guerras de preempção deve basear-se num mandamento Divino. O próprio fato de a Torá determinar essas guerras indica que as considera de uma importância histórica esmagadora para a sobrevivência do povo judeu e para a civilização como um todo (Deuteronômio 7:4). Exatamente a mesma Lei que nos ordenava não matar, não ferir o nosso semelhante, nem se vingar dele, foi a mesma Lei que determinou a obrigatoriedade dessas leis. Esses dois casos foram exceções singulares à regra de que a guerra é pecaminosa e proibida e, portanto, eles não implicam que a Torá perdoe ou encoraje a guerra, de modo algum. Finalmente, o conceito de guerra religiosa ou guerra santa foi contrário à própria semente dos ensinamentos judaicos, através de toda a nossa história.

Uma terceira categoria de guerra compulsória é a guerra da autodefesa. No entanto, na realidade, essa guerra é autodefesa coletiva, como indica Rabi Yehuda Gershoni, e portanto as suas regras seguem as da defesa individual, não as de uma guerra. O principal motivo de a guerra autodefensiva ter sido incluída junto com a guerra compulsória e permitida era que ela podia ser empreendida sem prévia consulta ao *Sanhedrin*, assim como podiam ser empreendidas as guerras envolvendo *amalec* e os canaanitas. É neste ponto que achamos a maior diferença entre guerra compulsória e guerra permitida. Uma guerra permitida somente podia ser travada se ela fosse autorizada pelo *Sanhedrin*, enquanto que a guerra

compulsória era determinada pela própria Torá, e não exigia outra autoridade além da Torá.

O *Sanhedrin* era um corpo formado por setenta líderes religiosos, cuja autoridade para interpretar a legislação religiosa e moral é prescrita pela própria Torá. Em sua autoridade interpretativa, era o equivalente religioso da Suprema Corte americana, cuja interpretação da Constituição, por mais forçada que fosse, é legalmente a lei do país. A autoridade legislativa do *Sanhedrin* lhe deu poder não só para legislar em todas as áreas da lei, mas também de anular qualquer lei religiosa ou moral.

Foi este poder final que capacitou o *Sanhedrin* – e somente ele – para declarar uma guerra que não tinha sido especificamente ordenada pela Torá. A guerra é intrinsecamente proibida pela lei religiosa. Portanto, ela somente podia ser empreendida quando esta lei fosse temporariamente suspensa pelo *Sanhedrin*. Ao declarar a guerra, o *Sanhedrin* precisava suspender provisoriamente muitos mandamentos, inclusive os que proíbem o assassinato, os ferimentos e a destruição da propriedade. Contudo, mesmo quando uma guerra é declarada, a Torá exige que se façam todos os esforços possíveis para evitar mortes, inclusive do inimigo. Em primeiro lugar, devem explorar-se todos os meios de negociação pacífica. Em segundo, é proibido cercar completamente o inimigo; deve-se permitir-lhe um caminho para a fuga. Assim, mesmo que a guerra seja permitida, a morte somente o é quando já não resta nenhuma outra alternativa.

Como a decisão final sobre a guerra cabe exclusivamente ao *Sanhedrin*, autoridade religiosa e moral do povo judeu, a permissão para empreender a guerra é concedida exclusivamente com base em princípios morais e éticos. Porém, desde que o *Sanhedrin* cessou de existir, a nenhum corpo institucional dentro do judaísmo cabe a autoridade para autorizar uma guerra.

Tudo isto indica que a um judeu seja proibido lutar em toda e qualquer guerra hoje em dia. A única exceção possível seria um caso de autodefesa coletiva evidente. Portanto, um judeu é, por definição, um opositor consciente, ou seja, aquele a quem é proibido lutar e matar, com base nas suas crenças religiosas.

Isto conta com o apoio do exemplo histórico. Os judeus são o único grupo da existência humana que ficaram 1.800 anos sem nenhum exército e, durante a maior parte deste período, a maioria dos seus membros simplesmente nunca portavam armas. A tradição pacifista do judaísmo foi demonstrada nas épocas das perseguições e dos pogroms, quando, por tradição, os judeus abstiveram-se da violência, mesmo para autodefesa.

Algumas autoridades duvidosas afirmam que temos o dever de obedecer à lei de um país, mesmo que isso exija lutar e matar. De certo modo, este argumento tem base no decreto talmúdico *Dina DeMalchuta Dina* – A lei do governo é lei. Porém, tanto o contexto talmúdico desta regra quanto a opinião da maioria dos comentaristas, indicam que esta afirmação apenas significa que formas legais instituídas pelo governo secular são reconhecidas pela lei judaica. Outrossim, os halachistas têm o cuidado de salientar que não há obrigação de obedecer à lei civil, quando ela realmente se opõe à lei religiosa. Muito pelo contrário, o judaísmo exige que façamos uma oposição ativa aos decretos governamentais que nos mandam violar uma lei religiosa, por mais trivial que seja, e que temos de colocar nossas vidas à disposição de uma causa, se necessário for, num caso assim. Isto é particularmente verdadeiro no concernente ao assassinato, inclusive na guerra, pois a lei religiosa exige que demos a nossa vida, em vez de matar.

Há outro ponto estreitamente ligado a esta questão, que merece consideração. Se um rabino tivesse de decidir que uma pessoa tem o

dever de lutar pelo seu país, então esse rabino estaria produzindo uma decisão que poderia resultar na morte de outra pessoa. E, como determina outro princípio importante, *Ain danin diney nafashot bazman hazé* – Nenhuma autoridade atual tem o direito de julgar um caso onde houver vida humana envolvida. Como escreve o Rabi Yoel Teitelbaum, “aquele que produz uma decisão cuja consequência é a perda de uma única vida humana já é culpado de assassinato” (*Kuntres Al HaGueulá Veal HaTemurá*, no-44, pág. 85).

Alguns argumentam que a proibição de eliminar uma vida humana não se aplica à guerra, pois no campo de batalha todo soldado está lutando em defesa própria. Porém, há outro conceito haláchico envolvido nesta questão. Uma pessoa que tem a oportunidade de evitar uma situação onde possa ser forçada a cometer pecado, e não aproveita esta oportunidade, é plenamente responsável pelas suas ações, mesmo que ela tenha sido forçada a pecar naquela ocasião. Se alguém tivesse evitado, para começar, de encontrar-se no campo de batalha, o fato da sua vida correr perigo não o isenta da responsabilidade moral de matar.

Mesmo que uma pessoa decidisse não matar, ainda assim, ela seria proibida de estar no campo de batalha. A sua própria presença é, de fato, uma provocação para o inimigo atacar e matar; ao provocar o outro a pecar, uma pessoa é moralmente responsável pelo seu ato. Achamos um exemplo interessante disto no Talmude, onde aprendemos que um pai não pode bater no seu filho adulto, pois isto provoca a reação do filho e a decorrente violação da honra e respeito devidos a um pai. O pai que viola esta regra é culpado de violar o mandamento “Não colocarás um obstáculo perante o cego” (Levítico 19:14), que, de acordo com a tradição, refere-se originalmente aos moralmente cegos. O mesmo seria válido para uma pessoa que provoca um soldado inimigo, pela sua presença no campo de batalha.

Outrossim, ele ficaria incluso na terrível maldição “Maldito seja aquele que faz com que os cegos percam o seu caminho” (Deuteronômio 27:18).

O mesmo mandamento também proíbe que uma pessoa seja cúmplice de qualquer pecado. A lei talmúdica nos ensina que uma pessoa que faz outra pecar compartilha da responsabilidade legal pelo ato e, portanto, é proibido até mesmo encorajar verbalmente uma pessoa a fazer o mal. Portanto, onde a guerra for proibida, precisamos controlar-nos da tentação de darmos apoio ao esforço de guerra.

Todavia, a Torá exige muito mais que o não apoio passivo do mal. Há um mandamento que nos ordena levantar a voz e protestar contra o mal, com base nas Escrituras: “Repreenderás o teu povo com segurança, e assim não carregarás o seu pecado” (Levítico 19:17). Além disso, quando há vidas humanas envolvidas, aquele que não fizer tudo que estiver ao seu alcance para impedir a morte, é culpado de violar o mandamento “Não ficarás sem nada fazer perante o sangue do teu semelhante” (*ibid.*, 19:16). E a pessoa que não tentar por todos os meios impedir o mal moral, também é incluída na maldição bíblica “Maldito seja o homem que não sustenta todas as palavras desta lei” (Deuteronômio 27:26). Mesmo que pareça fútil, ainda precisamos protestar, como foi dito ao profeta Ezequiel, “Se não advertires o mau de que ele deve renunciar às suas maneiras ruins e assim salvar a vida, a culpa será dele; ele há de morrer por causa do mal que fez, mas D’us exigirá o sangue dele, na tua mão. Mas se o tiveres advertido, e ele persistir nas suas maneiras cruéis e más, então ele deverá morrer também por causa do mal que ele fez, mas tu terás salvo a tua própria alma” (Ezequiel 3:18-19). Em nosso contexto, todos esses mandamentos exigiriam o nosso protesto, a nossa denúncia e a nossa demonstração contra a guerra e a morte, em todas as suas formas.

Portanto, vemos que um estudo cuidadoso da *Halachá*, a lei religiosa judaica, indica sem ambiguidades que a guerra é proibida, e que matar, mesmo na guerra, nada mais é do que assassinato. A única exceção possível é a defesa das instituições, mas mesmo assim, toda morte que não seja absolutamente necessária é considerada como assassinato. Outrossim, a guerra não pode ser apoiada por palavras ou por fatos, e deve ser combatida até onde seja possível.

O HIATO ENTRE AS GERAÇÕES



Olhai, eu vos mandarei Elias o profeta, antes da chegada do grande e terrível dia do Senhor. E ele voltará o coração dos pais para as crianças, e o coração das crianças para os seus pais, se não, eu virei e aniquilarei a terra com destruição total.

(Malaquias 3:23-24)

Muito já foi dito sobre o hiato entre gerações, sobre adolescentes e estudantes de universidade que já não se comunicam com os seus pais e sobre pais que perderam contato com os seus filhos. O hiato entre gerações não é um fenômeno novo. Sócrates falava sobre ele, há 2.400 anos, e o tema é repetido através da história. O motivo é evidente: um jovem de dezesseis ou vinte anos não vê as coisas da mesma forma que um adulto de quarenta ou cinquenta anos de idade. Ambos têm ideais e problemas diferentes. Sempre haverá um hiato entre gerações.

Até agora, o hiato entre gerações não teve consequências graves, porque as crianças cresciam num ambiente muito parecido com o dos seus pais. À medida que iam crescendo, descobriam que tinham

regenerado os valores dos seus pais. O hiato entre gerações não apresentava maiores problemas porque não havia hiato de regeneração. Hoje em dia, a situação é diferente. O meio ambiente onde nossos filhos crescem é quase totalmente diferente do dos seus pais. A geração dos pais de hoje cresceu num mundo que nada sabia sobre coisas tão comuns quanto televisão, aviões a jato, bombas nucleares, raio laser, computadores, números de identidade despersonalizados ou movimentos pelos direitos humanos. Os jovens de hoje estão expostos à mídia, de maneira nunca antes igualada na história. Sofrem forte influência de correntes sociais como a “nova moralidade” e a subcultura das drogas. Os dois mundos são tão diferentes, que para a juventude de hoje em dia é quase impossível regenerar os valores dos seus pais. Não estamos enfrentando um hiato entre gerações, mas um hiato entre regenerações.

Este problema é especialmente agudo nas famílias judaicas onde os pais não tiveram êxito na comunicação dos valores judaicos aos seus descendentes. Quando esses pais imploram aos seus filhos que mantenham vivos os ensinamentos judaicos, ficam falando com as paredes. Onde falharam esses pais? Eles falharam quando mandaram os filhos passar seis horas por semana numa escola judaica, enquanto eles próprios tinham preguiça demais para passar uma hora na sinagoga. Em essência, eles estavam dizendo “Façam o que dizemos, não que o que fazemos”. Mostravam, mediante os seus atos, que o judaísmo é somente para crianças, não para adultos. Quando a religião não é levada a sério pelos pais, ela deixa os filhos sem a força e o apoio que a nossa grande fé pode proporcionar. Eles ficam andando numa corda bamba, enquanto o judaísmo, na realidade, é uma estrada larga, lisa.

O indivíduo que está crescendo hoje em dia enfrenta toda uma gama de problemas gravíssimos, e constantemente precisa defrontar-

se com novas oportunidades de independência e responsabilidade que desafiam a sua maturidade. Enquanto está procurando orientação, ele ou ela pode desenvolver muitos relacionamentos próximos; alguns podem ser maravilhosos, outros podem tornar-se prejudiciais. Às vezes, decisões difíceis têm de ser tomadas, significando ir contra todos. O judaísmo pode dar ao jovem a autoconfiança necessária para resistir às pressões dos semelhantes que ele, ou ela, haverá de encontrar, inevitavelmente. Os padrões de conduta firmes do judaísmo, baseados em visões interiores muito nítidas do comportamento humano e as suas respostas profundas às questões da vida ajudarão os jovens a enfrentar os desafios da sociedade moderna.

Os jovens têm grande desdém pelo fingimento, em todas as suas formas; não demoram para notar clichês e comportamentos chatos, em toda e qualquer variedade. Ao mesmo tempo, eles estão abertos às novas ideias, e enfrentam o mundo com a honestidade correspondente. Eles querem conhecer as coisas como elas são, e dizer como elas são. Acham grande alegria na vida e têm grande capacidade para expressá-la.

Os nossos jovens têm o potencial de regenerar um judaísmo que é mais significativo e honesto que tudo o que os seus pais possam ter experimentado. Vivemos num mundo onde as pessoas estão à procura da sua identidade. Se os nossos jovens puderem superar o hiato da regeneração, perceber-se-ão como judeus. Ao terem se achado judeus, também se acharão seres humanos. Aguardamos ansiosamente o dia em que isto acontecerá, pois será um dia no qual o judaísmo se transformará em algo que nem somos capazes de imaginar, nos nossos sonhos mais acalentados.

O FIM DA MORTE



Hoje, estamos no limiar fantástico das descobertas científicas. Parece que o próprio homem está se tornando mestre da vida e da morte. Consideremos os milagres médicos que possibilitam transplantes de órgãos sadios de pessoas que sofreram ferimentos mortais, para corpos de pessoas que – caso contrário – estariam destinadas à morte por doenças incuráveis. Na Universidade de Stanford, os bioquímicos conseguiram sintetizar um vírus ativo, um grande passo que poderá levar à criação da própria vida.

Esses são conceitos verdadeiramente fantásticos e, no entanto, alguma vez paramos para avaliar as suas implicações morais, religiosas e proféticas?

Vamos começar recordando a guerra israelita dos Seis Dias. Do ponto de vista prático e terreno, foi uma guerra de pouca importância. Mas do ponto de vista teológico, teve um impacto universal tremendo porque, pela primeira vez em 2.000 anos, Jerusalém voltou para mãos judias. É um fato simples, porém de inferências de um alcance enorme.

Até aquele verão, as muitas profecias da Bíblia, do Talmude e do *Midrash*, relativas à vinda da Era Messiânica, eram afirmações

nebulosas fazendo referência a um futuro distante, sem efeito direto nas nossas vidas. Vivíamos na era da promessa. De repente, a partir daquele verão, a era da promessa acabou, dando lugar à era da realização. A primeira profecia que começou a ser cumprida foi a devolução de Jerusalém ao povo judeu. Agora, podemos ter a expectativa de que as outras profecias possam se aproximar da sua realização.

Uma das profecias importantes sobre a Era Messiânica é a conquista da morte. A morte será vencida, ou, como dizem as Escrituras, “Ele engolirá a morte para sempre, e o Senhor D’us enxugará as lágrimas de todos os rostos”. Há cem anos, as pessoas davam risada dessas profecias, tendo-as como impossíveis e ridículas. Hoje, já não riem mais delas; simplesmente, leem as manchetes dos jornais.

Os primeiros passos na direção da imortalidade já foram dados. Agora, podemos transplantar corações, rins e fígados. Existem técnicas para desobstruir as nossas artérias entupidas. Próteses, como corações e rins artificiais, podem dar – e darão – uma nova chance de viver a muitas pessoas. Os médicos podem literalmente dar nova vida a pacientes antes sem esperança alguma de salvação.

Também precisamos lembrar-nos de que a maioria dessas técnicas tem apenas alguns anos de idade. Ainda estamos no estágio do Ford-T, ou talvez na época da carruagem dessas técnicas. Somente podemos imaginar o que haverá de ser possível daqui a dez ou vinte anos, apenas.

Uma das possibilidades emocionantes que está sendo seriamente discutida é a do transplante de cérebro. Já foi feita, com sucesso, em animais. O resultado daria um tipo de imortalidade muito interessante: independentemente dos danos sofridos pelo corpo, se o cérebro estivesse perfeito, ele poderia ser transplantado num corpo

saudável, e o dono do cérebro poderia continuar vivendo. O cérebro de um homem de oitenta anos de idade poderia ser transplantado no corpo de um jovem de vinte, dando-lhe mais sessenta anos de vida.

O único problema de um transplante de cérebro é achar o doador. Eu imagino que muitas pessoas não estariam dispostas a doar o seu corpo, por mais valiosa que fosse a causa. Apresenta-se outra opção. Uma pessoa *pode* doar o seu próprio corpo, a si mesma.

Como já foi dito, os bioquímicos tiveram sucesso na sintetização de um vírus ativo. Levando-se isto muitos passos adiante, os cientistas poderão ser capazes de duplicar células vivas. Cada célula do corpo de uma pessoa contém o plano mestre da totalidade do seu ser. Esta informação está encerrada nos genes, nos cromossomos e nas moléculas do ácido desoxirribonucleico – DNA. Com técnicas avançadas, seria possível retirar uma só célula de um corpo velho ou mutilado, e fazê-la crescer num corpo jovem e completamente saudável. (O que realmente surpreende é o fato de esse processo ter sido descrito detalhadamente num *Midrash* escrito há quase 2.000 anos!) Então, o cérebro de uma pessoa poderia ser transplantado para este corpo novo que ela mesma deu!

Olhando ainda mais longe no futuro, não é nada inconcebível que se possam desenvolver medicamentos para deter, e até reverter, o processo do envelhecimento. À medida que vamos aprendendo e compreendendo mais sobre a vida, vamos aprendendo a controlar este processo. Afinal, o envelhecimento nada mais é do que uma reação química, e muitas reações químicas, em muitos casos, podem ser detidas ou invertidas.

Imaginemos um mundo de imortais, um mundo sem morte. Essa sociedade seria tão diferente da nossa, quanto a nossa é diferente da do homem das cavernas. No entanto, um mundo assim pode tornar-se realidade, daqui a vinte ou trinta anos!

A imortalidade poderia ajudar o ser humano a achar maior realização na sua vida. Visualize, se você quiser, um homem de sessenta anos que sempre quis ser médico. Hoje em dia, esse sonho não deixaria de ser exatamente isso, um sonho. Simplesmente, ele não teria tempo suficiente no seu futuro para que tal investimento valesse a pena. Mas... e no caso de um imortal?

Pensemos num mundo sem morte. Costuma-se dizer que os velhos começam a guerra, e os jovens morrem nela. Um velho já tem a vida detrás dele; ele não tem grandes riscos a correr numa guerra. O mesmo homem “velho” reagiria de forma diferente se tivesse muitos mais anos para viver? Um imortal se arriscaria a perder séculos de vida numa guerra nuclear? Talvez, um mundo assim seja a faísca, o início da profecia de Isaías, de que “nenhuma nação levantará a sua espada contra outra nação, nem elas aprenderão a fazer a guerra, nunca mais”.

Vamos considerar a importância da moralidade para uma população de imortais. O profeta diz que o credo do hedonista é “Bebamos, pois amanhã morreremos” (Isaías 2:13). E se não morressemos amanhã? Precipitamo-nos a satisfazer as nossas paixões, receando que se não as satisfizermos agora, em breve estaremos velhos demais para desfrutá-las ou, quem sabe, mortos. Sem esse medo, talvez fiquemos cansados dos prazeres transitórios após duzentos ou trezentos anos de vida e, no lugar deles, procuremos o Eterno.

Para muitos de nós, tudo isso pode parecer estranho. Se alguma vez pensamos no *Mashiach*, o imaginamos como um ser mágico surgindo do céu, rodeado por nuvens de glória. Imaginamos que a realização das profecias messiânicas será milagrosa e repentina, como quando um mágico tira um coelho de dentro da cartola. Isto é resultado do nosso padrão de pensamento, que separa o mundo

prático numa categoria e os ensinamentos religiosos em outra. Mas isto é pensar de modo falso. O *Midrash* afirma que a promessa messiânica virá gradativamente, como o nascer do sol.

Uma das lições mais importantes que devemos lembrar é que não há nada errado, imoral ou artificial, na imortalidade médica. A imortalidade apenas é uma das nossas profecias messiânicas: “Ele engolirá a morte para sempre”. A era da realização já começou!

QUANDO OS OSSOS SE LEVANTAM NOVAMENTE



A mão do Senhor estava sobre mim, e Ele me transportou para fora pelo Seu espírito, e Ele me deixou num vale cheio de ossos. Ele me fez passar em volta deles, e havia muitos ossos no vale aberto, e estavam secos. E Ele me disse: “Homem, esses ossos podem viver de novo?” E eu disse: “Somente Tu sabes isso, D’us”. E D’us me disse: “Profetiza sobre esses ossos, e diz a eles: ossos secos, ouvi a palavra de D’us. Esta é a palavra de D’us a estes ossos. Eu colocarei um espírito dentro de vós, e vós vivereis. Eu prenderei nervos sobre vós, trarei carne a vós, vos cobrirei de pele, colocarei fôlego dentro de vós, e vós vivereis; e sabereis que Eu sou D’us”.

Eu comecei a profetizar, como D’us me disse, e enquanto eu profetizava, houve um som forte de trovão, e os ossos encaixaram-se uns nos outros. E enquanto eu olhava, nervos apareceram sobre eles, carne os cobriu, e

ficaram recobertos de pele, mas não havia vida neles.

E D’us me disse: “Profetiza ao espírito, homem, e diz a ele: Essas são as palavras de D’us. Vem, espírito, de todas as direções, e entra nesses cadáveres, de modo que eles possam voltar à vida”.

Eu comecei a profetizar, como D’us tinha me dito, e um espírito entrou neles, e eles se levantaram sobre os seus pés – um exército muito grande.

Depois D’us me disse: “Homem, estes ossos são todo o povo de Israel. Eles dizem: ‘Os nossos ossos estão secos e nossa esperança já se foi. O decreto final foi lançado contra nós.’ Por isso, profetiza e diz a eles: estas são as palavras de D’us: Meu povo, Eu abrirei vossos túmulos, e vos levantarei de dentro deles, e Eu vos devolverei à terra de Israel. Vós sabereis que Eu sou D’us, quando eu abrir os vossos túmulos, e vos levantar deles, e vos deixar viver em vossa própria terra. Então, vós sabereis que Eu sou D’us, e Eu farei o que disse. Esta é exatamente a palavra de D’us”.

(Ezequiel 37:1-14)

Este relato surpreendente, contado pelo profeta Ezequiel, é o prefácio de uma crença pouco conhecida, porém fundamental do judaísmo, o último dos treze princípios da fé, de Maimônides: “Eu acredito com fé total que haverá uma ressurreição dos mortos, na hora em que D’us escolher”.

Este princípio tem consequências teológicas muito importantes. Um dos fundamentos de toda religião é a crença na justiça final de D’us. A menos que tivéssemos de acreditar que há alguma compensação e punição privada da qual não temos consciência,

questionaríamos por que os maus prosperam e os bons sofrem. No entanto, acreditamos que há outro julgamento, que acontece depois da morte.

Geralmente, imaginamos a imortalidade como um estado de êxtase eterno para a alma. Mas, como o corpo humano é em todos os sentidos parte integrante do homem, é muito difícil imaginar como uma alma desencarnada pode funcionar como verdadeiro ser humano. Os ensinamentos básicos do judaísmo eliminam esta questão, mas reconhecem as suas implicações.

O judaísmo ensina que a separação de corpo e alma é temporária. A recompensa final do homem virá com a ressurreição no Mundo Vindouro, durante a Era Messiânica. Os mortos serão, literalmente, revividos, completos, com as lembranças das suas vidas anteriores e deste período de separação. Então, eles viverão de novo neste mundo novo, um mundo perfeito.

Muitos acham que esta seja a mais artificial de todas as crenças judaicas. Evidentemente, ela encerra um milagre do mais alto grau. Supondo-se que ossos secos possam ser trazidos de volta para a vida, o que pensar das pessoas devoradas por animais selvagens, ou despedaçadas por explosões, ou vaporizadas em Hiroshima?

Eu sou da opinião que a chave para toda esta questão pode ser achada num *Midrash* que trata de uma controvérsia entre as duas principais escolas do judaísmo da época, Beit Shamai e Beit Hilel. Beit Shamai diz que a ressurreição será um milagre evidente, no qual D'us trará de volta à vida todos os restos humanos existentes. O pensamento de Beit Hilel difere consideravelmente. A ressurreição será um processo natural, paralelo ao nascimento. A pessoa ressuscitada começará como uma única célula, desenvolver-se-á num embrião, depois será um feto, e posteriormente ela continuará crescendo, até tornar-se um ser humano completo (*Bereshit Rabá* 14).

Beit Hilel baseia a sua opinião num trecho muito interessante do Livro de Jó, que fala sobre o destino humano. Jó diz a D'us:

Lembra-te agora, Tu me formaste como argila, e Tu me devolverás ao pó. Mas Tu me derramarás como leite, e me curtirás como queijo, e me vestirás com pele e carne, e me tecerás com ossos e nervos. Tu me concedeste a vida e o favor constante, e a Tua providência continuará a cuidar do meu espírito.

(Jó 10:9-12)

Há dois fatores adicionais importantes na tradição judaica sobre a ressurreição. Uma é a tradição do Luz, um tipo de osso, ou como é chamado na Bíblia, a chave da ressurreição. O outro é a tradição de um “orvalho da ressurreição”, ao qual faz alusão o profeta Isaías:

Mas os Teus mortos viverão, os seus corpos levantar-se-ão de novo. Aqueles que dormiram na terra despertarão e gritarão de alegria, pois o Teu orvalho é um orvalho de luz faiscante, e com ele a terra trará os que morreram há muito tempo, de novo para o nascimento.

(Isaías 26:19)

O *Zohar* combina ambas as tradições. O Luz, um para cada pessoa, será colocado no orvalho da ressurreição, e crescerá no corpo dessa pessoa determinada.

Por último, tanto a *Mishná* quanto o Talmude sugerem que as pessoas bondosas receberão inspiração Divina para trazerem os mortos de volta para a vida (*Sotá* 9:15; *Pessachim* 68a).

Estas alusões à mecânica da ressurreição podem ser compreendidas cientificamente. D'us revelará o código genético exigido para a duplicação a um grupo de pessoas com inspiração Divina, que colocarão o Luz contendo o DNA no “orvalho da

ressurreição”, um fluido nutriente. Nas condições certas, uma duplicação exata de qualquer corpo humano poderia ser desenvolvida.

O estágio final do processo será completado por D’us, quando Ele devolver a alma ao corpo. Este será o verdadeiro milagre da Ressurreição.

Quando examinamos as nossas tradições cuidadosamente, o conceito de ressurreição não é tão forçado quanto parece. O mundo da ressurreição será um mundo onde a morte não será apenas conquistada, mas onde ela poderá ser revertida; será um mundo muito diferente do que conhecemos agora. É o mundo de que falam as nossas tradições: o mundo da Era Messiânica, o mundo das nossas esperanças finais.

SOBRE O AUTOR

O rabino Kaplan teve a rara capacidade de aliar a ciência à Torá, a filosofia à ação e o misticismo à clareza de pensamento. Ele soube como capturar pensamentos abstratos, e dar-lhes vida. Tinha talento para reestruturar a fé, para trazer a mensagem viva de D'us aos nossos corações e mentes.



Apesar de ser um sábio muito renomado, um *talmid chacham* que tinha dominado todos os ramos da Torá, ele possuía o toque comum, entendia como pensam as pessoas, e tinha a habilidade para traduzir conceitos profundos e complicados na linguagem cotidiana.

A meteórica ascensão do rabino Aryeh Kaplan como um dos representantes mais eficientes, persuasivos, eruditos e políticos do judaísmo na língua inglesa teve um final repentino em 28 de janeiro de 1983, com sua morte súbita aos 48 anos de idade. O rabino Kaplan foi um autor, sábio, pensador e educador de múltiplas facetas, com uma criatividade e talento singulares, que emocionou a vida de milhares de pessoas. Os 47 volumes, a obra de sua vida,

representaram um avanço qualitativo nas publicações judaicas, tornando muitos tópicos e conceitos difíceis, acessíveis ao público leitor da língua inglesa.

Durante a carreira de escritor, que durou apenas 12 anos, Aryeh Kaplan tornou-se conhecido entre os leitores jovens e adultos.

O rabino Kaplan foi um tradutor cheio de recursos e criativo, e sua tradução dos Cinco Livros de Moisés, a *Torá Viva*, é prova disso.

Nascido na cidade de Nova York, foi educado em *Yeshivot* do Brooklyn e Jerusalém. Depois, foi ordenado por algumas das maiores autoridades rabínicas de Israel. Também obteve um diploma de Mestrado em Física e constou na relação *Quem é quem* da Física, nos Estados Unidos. “Eu uso o meu conhecimento em física para analisar e sistematizar dados, como um físico traria a realidade física”, disse uma vez o rabino Kaplan.

De fala suave, indivíduo discreto, modesto apesar de sua popularidade e renome crescentes, Aryeh Kaplan foi um ativista. Acreditava firmemente que os judeus afastados e alienados do judaísmo podiam ser reconquistados para a religião.

A mensagem que tentava transmitir era que “o judaísmo é um assunto vivo, crescente. Uma pessoa que esteja procurando o significado da vida não precisa procurar em outra parte”.

A extraordinária calidez, sinceridade e dedicação total de Aryeh Kaplan à Torá inspiraram milhares de pessoas que ele atingiu pessoalmente. Seu lar estava sempre aberto, sua mesa sempre rodeada de convidados e estudantes para o *Shabat*. Viajou a muitos lugares para compartilhar seus conhecimentos e para atrair jovens em seminários, grupos de estudo e *campi* de universidades.

O rabino Aryeh Moshé Eliyahu ben Shumuel Kaplan abandonou uma carreira promissora em Física e resolveu dedicar-se totalmente à difusão da Torá. Teve sucesso na união de muitos elementos numa só

personalidade – era um sábio talmúdico, o homem da *Halachá*, o mestre da civilização ocidental e o cientista dotado de uma fantástica percepção da Cabalá, do misticismo judaico e do pensamento chassídico.

No processo de levar a Torá às massas, o rabino Kaplan revelou muito do que até então estava oculto. Sua mente continha bibliotecas de livros, esperando ser escritos. Que tudo isso fosse revelado, e nada mais, foi vontade de D’us.

Aryeh Kaplan continua vivendo através de sua obra – um legado vivo do pensamento intenso e penetrante.